

CURSO DE VERÃO – ANO XXVI

Coleção TEOLOGIA POPULAR

- Curso de verão* — *Ano I* (Introdução ao AT; Êxodo; Cristologia; leigos e ministérios; fé e política; culturas oprimidas)
Curso de verão — *Ano II* (Profetismo; eclesiologia; religião do povo; movimento popular; comunicação)
Curso de verão — *Ano III* (NT e evangelho de Marcos; batismo e eucaristia; história da Igreja no Brasil; a mulher)
Curso de verão — *Ano IV* (At, 1Cor, Ap; liturgia; ecumenismo; educação e trabalho)
Curso de verão — *Ano V* (Gn 2-3; feminismo; sexualidade; culturas e juventude)
Curso de verão — *Ano VI* (Comunidade; Espírito Santo; ética; ecologia e moradia)
Curso de verão — *Ano VII* (Cidadania; pentecostalismo e novos movimentos religiosos)
Curso de verão — *Ano VIII*: A cidade: um desafio para as Igrejas e movimentos populares
Curso de verão — *Ano IX*: Trabalho — Crise e alternativas
Curso de verão — *Ano X*: Por uma ética da liberdade e da libertação
Curso de verão — *Ano XI*: Espiritualidade e Mística
Curso de verão — *Ano XII*: Culturas e inculturação
Curso de verão — *Ano XIII*: Brasil, 500 anos: por um jubileu de justiça e de esperança
Curso de verão — *Ano XIV*: Construir e celebrar a justiça e a paz em tempos de exclusão e violência
Curso de verão — *Ano XV*: Produzir a esperança: Projetos de sociedade e utopia do Reino
Curso de verão — *Ano XVI*: Saúde: Cuidar da vida e da integridade da criação
Curso de verão — *Ano XVII*: Água é vida: Dom de Deus e responsabilidade humana
Curso de verão — *Ano XVIII*: Educar para a justiça, a solidariedade e a paz
Curso de verão — *Ano XIX*: Comunicações: Ética e Cidadania
Curso de verão — *Ano XX*: Ecologia: Cuidar da vida e da integridade da criação
Curso de verão — *Ano XXI*: Juventude: Caminhos para outro mundo possível
Curso de verão — *Ano XXII*: Arte e Educação Popular
Curso de verão — *Ano XXIII*: Política e Comunidades Humanas: por uma prática popular transformadora
Curso de verão — *Ano XXIV*: A vida: desafio à Ciência, Bíblia e Bioética: do genoma humano às células-tronco
Curso de verão — *Ano XXV*: Religiões construtoras de justiça e de paz
Curso de verão — *Ano XXVI*: Redes Digitais: tecendo relações, construindo comunidades, exercendo cidadania

Luiz Guilherme de Carvalho Antunes
Rafael Shoji
Afonso Murad
Maiko Deffaveri
Lourdes de F. Paschoaletto Possani, Wagner Lopes Sanchez
Luiz Carlos Dias
José Oscar Beozzo e
Cecília Bernadete Franco (orgs.)

CURSO DE VERÃO — ANO XXVI

**REDES DIGITAIS:
TECENDO RELAÇÕES,
CONSTRUINDO COMUNIDADES,
EXERCENDO CIDADANIA**

CESEEP



CENTRO ECUMÊNICO DE SERVIÇOS À EVANGELIZAÇÃO
E EDUCAÇÃO POPULAR — CESEEP
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 993 cpto. 205 – Bela Vista
01317-001 São Paulo – SP
tel./fax: (11) 3105-1680
ceseep@ceseep.org.br
www.ceseep.org.br

Direção editorial
Zolferino Tonon

Organização
Pe. José Oscar Beozzo

Coordenação editorial
Cecília Bernardete Franco

Revisão e texto da contracapa
Pe. José Oscar Beozzo

Capa
Anderson Augusto de Souza

Editoração, impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Curso de verão XXVI: redes digitais: tecendo relações, construindo comunidades, exercendo a cidadania / José Oscar Beozzo, (org.). – São Paulo: Paulus, 2012. – (Coleção teologia popular)
Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-3483-1

1. Comunicação e tecnologia 2. Comunicações digitais 3. Inclusão digital 4. Inovações tecnológicas - Aspectos sociais 5. Mídia digital 6. Tecnologia da informação I. Beozzo, José Oscar. II. Série.

12-12296

CDD-303.4833

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação digital: Sociologia 303.4833
2. Comunicação e tecnologia: Sociologia 303.4833

© PAULUS – 2012

Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 – Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3483-1

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
<i>Pe. José Oscar Beozzo</i>	
I. SEÇÃO SOCIOCULTURAL: O FENÔMENO DAS REDES SOCIAIS E SEU ENLACE COM A JUVENTUDE E A RELIGIÃO	21
1. Processos de emergência em Comunicação Digital	23
<i>Prof. Dr. Luiz Guilherme de Carvalho Antunes</i>	
2. Religião e Redes Sociais: Difusão, Relevância e Ética das Novas Tecnologias.....	59
<i>Rafael Shoji</i>	
II SEÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA	85
3. Ecoar a Palavra e ressoar os gestos. Leitura teológica a propósito das redes sociais.....	87
<i>Afonso Murad</i>	
4. Cristo na era digital	99
<i>Maiko Deffaveri</i>	
III SEÇÃO PASTORAL.....	125
5. Redes digitais e fim da pobreza: desafios para a educação popular.....	127
<i>Lourdes de F. Paschoaletto Possani</i>	
<i>Wagner Lopes Sanchez</i>	
6. Campanha da Fraternidade 2013 - TEMA: Fraternidade e Juventude. LEMA: "Eis-me aqui, envia-me!" (Is 6,8). O protagonismo dos jovens na Igreja e na Sociedade	143
<i>Pe. Luiz Carlos Dias</i>	

A P R E S E N T A Ç Ã O

Pe. José Oscar Beozzo¹

“Não tenhais medo deles!

Não há nada oculto que não venha a ser revelado, e nada de escondido que não venha a ser conhecido.

O que vos digo na escuridão, dizei-o à luz do dia; o que escutais ao pé do ouvido, anunciai-o por sobre os telhados!”

Mt, 10, 26.

O discurso de Jesus ao enviar os doze apóstolos em missão, contém duas recomendações: *Não tenhais medo!* e *o que escutais ao pé do ouvido, anunciai-o por sobre os telhados*. Afirma, ademais: *Não há nada oculto que não venha a ser revelado, e nada de escondido que não venha a ser conhecido*.

Muito do que recomendava Jesus pode ser atuado hoje com toda a força. Um anúncio por sobre os telhados, pelas ondas herzianas ou pelos satélites, acontece de maneira vertiginosa e quase instantânea ao redor do mundo pela internet. Nada permanece oculto e praticamente tudo é anunciado aos quatro ventos e muito além, porque a comunicação digital não conhece mais fronteiras.

¹ José Oscar Beozzo, com formação em Filosofia, Teologia, Ciências Sociais e História Social, é vigário da paróquia São Benedito em Lins, membro da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP). Autor, entre outros livros, de *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II* (São Paulo: Paulinas/EDUCAM/UVA, 2005) e *Tecendo memórias e gestando futuro – História das Irmãs Negras e Indígenas Missionárias de Jesus Crucificado – MJC* (São Paulo: Paulinas, 2009). Livro preparado conjuntamente com Ir. Maria Raimunda R. Costa, Ir. Maria Fidêncio Espírito Santo e Ir. Geralda F. Silva).

Focado no tema da juventude e de seus desafios no mundo de hoje, o Curso de Verão de 2013 começa por este que é talvez o fenômeno contemporâneo mais em vista e difuso no campo da linguagem e da comunicação: o das redes sociais na internet.

Aborda-o sob um tríplice ângulo: o das relações pessoais, o da construção de comunidades e o da participação cidadã.

As Redes digitais tornaram-se o espaço privilegiado em que os internautas, em especial, os jovens e, cada vez mais, crianças, estabelecem diariamente novos contatos entre si e com outras constelações de internautas. Multiplica-se rapidamente seu círculo de amigos e amigas virtuais. Ali desvelam seus afetos, angústias e alegrias, postam fotos pessoais e de seus familiares e amigos. Muitos nem mesmo se apercebem, ou o descobrem depois com surpresa, indignação ou tardo arrependimento, que mensagens e fotos podem ser instantaneamente replicadas ao redor do mundo, com boas ou más intenções.

Nas Redes, brotam igualmente comunidades virtuais e abrem-se oportunidades para mobilizações locais e internacionais, no exercício de insuspeitada cidadania planetária.

O acesso às religiões e igrejas, às suas mensagens e propostas estão disponíveis na internet. Abre-se amplo leque de informações, interpelações e de possíveis escolhas pessoais, sem oferecer, entretanto, a experiência de uma comunidade concreta e real, ainda que surjam mais e mais comunidades virtuais.

Frente a esta que é, provavelmente, a maior revolução cultural da história humana, o XXVI Curso de Verão - *Redes digitais: tecendo relações, construindo comunidades, exercendo cidadania* – aborda, de maneira crítica e propositiva, o desafiador e fascinante mundo das redes sociais e de suas virtualidades pessoais, políticas, sociais e religiosas. A temática começou a ser preparada a partir de um amplo levantamento realizado junto aos participantes do Curso de Verão de 2012.

A pesquisa revelou a forte penetração das redes entre os jovens e os menos jovens ali presentes. Dos 471 cursistas, 421 (89,40%) responderam ao questionário. Destes, 384, ou seja 91,21%, declarou

ter algum tipo de acesso à rede mundial de computadores (www = world wide web) e apenas 37 pessoas (8,79%) não o tinham. Permanece, é claro, uma dúvida difícil de dirimir: o pouco mais de 10% dos cursistas que não preencheu o questionário, aproxima-se do perfil daqueles que o responderam ou, pelo contrário, deixaram de fazê-lo, justamente por não se conectarem à internet?

Outro dado interessante é que o acesso à rede acontece majoritariamente na casa das pessoas (54,95%), seguida pelo local de trabalho (20,57%). Juntos perfazem $\frac{3}{4}$ dos acessos. Em terceiro lugar, surge a escola (11,20%). As Lan-houses que, na última década, haviam se tornado a coqueluche da juventude, ocupam a última posição, com 4,69% dentre os locais a partir dos quais se entra na rede. Vê-se que a possibilidade de acesso à internet a partir da própria casa, da casa de amigos, do trabalho e da escola diminuiu o uso das Lan-houses. Acrescente-se o fato de que a melhoria do poder aquisitivo dos setores populares, a queda constante no preço dos computadores e as facilidades de crédito levaram um grande número de famílias, normalmente pressionadas pelos filhos em idade escolar, a comprar seu primeiro computador e desidratar assim a clientela juvenil das Lan-houses no centro das cidades ou nos bairros da periferia.

Outro fenômeno que desponta é que os celulares de última geração, dotados de numerosos aplicativos, vêm se convertendo num poderoso concorrente dos computadores de mesa e mesmo dos notebooks, quanto à conexão com as redes. Embora a pesquisa revele que o acesso à internet acontece em 73,18% dos casos, via computador, já 20,53% dos usuários o fazem simultaneamente pelo computador e pelo celular, enquanto outro grupo acrescenta ainda o tablet (6,25%) aos dois meios anteriores.

Indagados acerca dos *sites* que acessam com maior frequência, como primeira, segunda e terceira opções, as respostas revelaram algumas preferências, ao mesmo tempo em que apresentaram um significativo número de não respostas, cerca de 1/3. Deixando de lado este último contingente e atribuindo um peso maior à primeira opção (03), um peso intermédio à segunda (02), sem especial destaque para a terceira (01), obtivemos a seguinte distribuição das preferências:

SITES PREFERIDOS: ATRIBUI-SE PESO 03 À PRIMEIRA OPÇÃO; 02 À SEGUNDA; 01 À TERCEIRA

Sites	1ª. opção		2ª. opção		3ª. opção		TOTAL	
	Nº x 03	%	Nº x 02	%	Nº x 01	%	Nº	%
NOTÍCIAS	128=384	47,23	33=66	12,74	19	7,85	469	29,82
RELIGIÃO	21=63	7,74	41=82	15,83	33	13,63	173	10,10
MÚSICA	26=78	9,59	53=106	20,46	25	10,33	209	13,29
ESPORTE	5=15	1,84	11=22	4,25	14	5,78	51	3,24
CULTURA	16=48	5,90	38=76	14,67	36	14,87	124	7,88
POLÍTICA	15=45	5,53	23=46	8,88	17	7,02	108	6,87
EDUCAÇÃO	29=87	10,70	16=32	6,17	19	7,85	149	9,48
YOU TUBE	15=45	5,53	22=44	8,49	30	12,40	119	7,56
FILMES	4=12	1,47	7=14	2,70	18	7,44	44	2,80
ECOLOGIA	2=6	0,73	1=2	0,38	4	1,65	12	0,76
ECONOMIA	1=3	0,37	4=8	1,54	7	2,89	18	1,14
COMPRAS	4=12	1,47	3=6	1,16	8	3,30	26	1,65
FOTOS	5=15	1,84	7=14	2,70	12	4,96	41	2,61
TOTAL	271 = 813	100,00	259 = 518	100,00	242	100,00	1573	100,00

Tabulação dos dados: Cecília Bernardete Franco e tabela do autor.

Vê-se claramente pela primeira coluna que predominam, como primeira opção, os portais de Notícias seguidos por aqueles de Educação e Música.

No cômputo geral das três opções, os portais de Notícias continuam ocupando o primeiro lugar (29,82%), enquanto, num segundo patamar, encontram-se três outros tipos de *sites*: Música (13,29%), Religião (10,10%) e Educação (9,48). A presença da Educação entre os primeiros explica-se talvez pelo grande número de estudantes e também professores entre os cursistas e os monitores, enquanto o tema Religião ocupa lugar especial entre os participantes do Curso de Verão. A Música, por sua vez, corresponde bem à atual busca da juventude que se identifica fortemente seja com a música popular brasileira, seja com a música religiosa em geral, seja com as bandas gospel em particular.

Num terceiro patamar, surgem os *sites* voltados para a Cultura (7,88%), o You tube (7,56%) e a Política (6,87%). Ao You tube, poderiam ser somados outros *sites* de Filmes (2,80%) e ambos ao âmbito mais geral da Cultura e do entretenimento.

Relativamente escassas foram as referências aos *sites* de Esportes (3,24%), Fotos (2,61%), Compras (1,65%), Economia (1,14%), e Ecologia (0,76%) que, noutros ambientes, poderiam surgir provavelmente como *sites* preferenciais.

Entrando, diretamente ao tema das redes, constata-se pela pesquisa que as pessoas estão ligadas não apenas a uma, mas sim a diversas redes.

Dentre estas, predomina o Facebook, ao qual 71,36% dos pesquisados declaram-se ligados. Seguem o Orkut (58,33%), o Twitter (25,52%), o LinkedIn (14,32%). Há, de todos modos, um grupo relativamente numeroso (16,67%), que é usuário da internet, mas não participa de nenhuma rede social.

No que concerne à frequência com a qual as redes são visitadas, mais da metade dos usuários as acessa diariamente (54,17%); cerca de um quarto, pelo menos semanalmente (23,70%); alguns, de vez em quando (17,71%), enquanto um pequeno número deixou de responder (4,43%).

À pergunta 06: *Para comunicar-se com os outros, você usa mais o E-mail ou alguma REDE de relacionamento?*, mostraram as respostas que quase metade das pessoas vale-se prevalentemente do correio eletrônico (47,92%), enquanto 21,61% utiliza, ao mesmo tempo, o E-mail e as Redes e 18,23% já se comunica exclusivamente pelas Redes. Deixaram de responder 12,24% dos pesquisados. Parece que a tendência entre os jovens é de abandonar o e-mail, menos imediato na sua interação e menos abrangente quanto ao universo de destinatários e concentrar-se no uso das redes sociais.

Depois que a pessoa entrou numa Rede social, verifica-se tendência a permanecer (47,92%). 23,44% declararam, porém, que já abandonaram alguma Rede, enquanto 28,65% não responderam a essa pergunta. A Rede que mais perdeu adeptos foi o Orkut (57), com a maioria deles migrando para o Facebook. Os principais motivos foram :

- Não o uso mais, pois a maioria das pessoas com quem converso encontram-se no Facebook (26).
- Tornou-se ultrapassado (5).

Outras razões aduzidas tinham a ver muito mais com problemas gerais das Redes do que com esta ou aquela Rede em particular: falta de tempo; difícil atualização; estava me expondo muito; ficou chato; as pessoas só querem achar namorad@; conteúdo impróprio; desinteresse; desuso e acesso a outros recursos melhores; fui hackeada; muito aborrecimento; não correspondia às minhas necessidades; pre-

firo rede com sentido social; havia muito vírus na rede. Duas pessoas que deixaram o MSN alegaram não ver nele mais utilidade. Duas que abandonaram o Hi5, o fizeram porque Facebook oferecia melhores aplicativos e era mais rápido. Os que deixaram o LinkedIn foi porque seus amigos não o possuíam. Os que abandonaram o Twitter (11) alegaram seja falta de tempo para mantê-lo, sejam dificuldades de ordem técnica no seu uso ou por desconhecimento das numerosas expressões em inglês. Uma pessoa alegou pouca variedade e outra o deixou por “não o achar necessário para a troca de informações, já que muitos o utilizam como um diário ‘sem conteúdo’”. Os que deixaram o Sonico (02), disseram não ter gostado do estilo do *site*. Quanto ao Badoo (05), as razões foram falta de tempo para administrá-lo; ausência de boa formatação; por nada acrescentar à sua vida; por ser complicada a sua utilização. Houve ainda quem abandonasse o Facebook (05), por não ter interesse em postar fotos todos os dias; por seu conteúdo não lhe acrescentar nada ou por ser muito invasivo.

A maioria respondeu ainda que não participa de listas temáticas (57,55%), mas mais de um quarto das pessoas é membro ativo de uma destas listas. As mais mencionadas foram: Pastoral da Juventude diocesana e nacional (14), Educação (08), Direitos Humanos (05), Meio Ambiente (05), Conselhos Estaduais e Municipais (03), Teologia da Libertação (02); Políticas Públicas (02), Política (02), Educação Popular (02), Conselho Nacional de Psicologia social (02). Outras listas foram ainda mencionadas uma única vez. Compõem, entretanto um amplo diversificado leque de interesses sociais, ambientais, culturais, religiosos, pedagógicos e de ativismo político: ALCA, Artes, Assembleia Popular, Aawaz, Brasil Metodista, Coletivo de uma Espiritualidade Libertária, CRB, Cultura de Paz, Cursinho Pré-vestibular, Danças Circulares, Direito da Terra Indígena, Estudo de Formação Social, FCD, Fórum Mudanças Climática, Green Peace, Igreja e Comunidade, Igreja na América Latina, Infância, Instituto Paulista de Juventude-IESC, Juventude Socialista, Literatura; Partido dos Trabalhadores, Professores Sensacionais, Queridos Amigos da Noitada, Rede Brasileira de Economia Solidária, REJU, Religião, SOS- Mata Atlântica, Terceiro setor, Zona de Perigo.

A nona pergunta do questionário buscava avaliar a relação das Redes sociais com iniciativas de cunho comunitário ou social.

— *Você faz parte de algum grupo da REDE organizado em torno a alguma iniciativa vinculada ao Meio ambiente, Juventude, Pastoral, Comunicação, Educação, Políticas Públicas, Direitos Humanos, Solidariedade, Outra. Qual?*

Deixaram de responder 35% dos participantes, mas os outros 65% ofereceram uma bela amostragem acerca das possibilidades de mobilização, atuação, intervenção que vão se desenhando, valendo-se das facilidades e mecanismos de comunicação oferecidos pelas redes. Um 30% declarou que participa de várias dessas redes, mas sem mencioná-las, enquanto os demais as especificaram. Sobressaíram as ligadas à Pastoral da Juventude (50), a outras Pastorais sociais (30), ao Meio Ambiente, (15), à Comunicação (12), à Educação (11), aos Direitos Humanos (8), às Políticas Públicas (04) e à Solidariedade (04).

Notou-se também manifesto desconforto com determinados aspectos das Redes Sociais. À pergunta: *Alguma coisa o incomoda nas redes sociais?*, apenas 11,46% respondeu que nada os incomodava, enquanto cerca de pouco menos de 1/4 (23,43%) não respondeu. Quase 2/3, entretanto, confessou ter sofrido incômodos causados pelas Redes e os detalharam. O principal deles foi a exposição da própria vida (49), seguido por pornografia (18), falta de privacidade (17), superficialidade da informação (12), vulnerabilidade dos jovens e das crianças (07), falta de ética (05), banalidade do sexo (5), excesso de informações desnecessárias (02) e uma alongada lista de outros incômodos que vão de abusos, à perplexidades e dúvidas éticas e existenciais: corrupção, fácil acesso de menores de idade a um ambiente complicado, banalidade, banalização da essência da “liberdade”, comunidades que incentivam matança de animais, conteúdo impróprio ou sem sentido, dependência, excesso de fotos, falta de solidariedade, de segurança, de rumo ideológico, de consciência para usar esta ferramenta, de coerência entre as pessoas, de gentileza, de limites. Outras apontam o que encontram nas redes como forma de

alienação nas pessoas, a postagem de fotos sem necessidade, muito lixo e informações, algumas desnecessárias, palavrões em demasia, perda de tempo, piadas e preconceitos, incentivo à violência ou uso para difamar as pessoas. Pelo fato de conectar-se a uma rede, a pessoa perde a privacidade e torna-se “pública”. Outros consideram que as redes tiram a pessoa da realidade em que vivem e se tornam um vício, transformando-se na “doença” de hoje.

Outros ainda se assustam com a vulgaridade da linguagem e dos temas, com o exacerbar-se do individualismo e das divisões de classe.

O mal-estar demonstrado coloca a nu as muitas questões que suscita um ambiente desregulado e pouco sujeito às normas, costumes ou senso ético que podem prevalecer nas famílias, escolas, igrejas ou noutras instituições. As redes estão abertas ao melhor e ao pior em termos humanos, sociais e culturais, deixando muitas pessoas ainda em formação vulneráveis à sua influência e desorientadas acerca dos critérios para discernir, diante de um mar de ofertas múltiplas e por vezes contraditórias, sem um fio condutor e sujeito à mais extrema fragmentação.

Por outro lado, a internet e não mais as bibliotecas, tornou-se a principal fonte de consulta para estudantes, mas igualmente para professores e profissionais de praticamente todas as especialidades, tornando disponível os últimos artigos científicos e as pesquisas em curso. Tornou-se também um lugar privilegiado da intercomunicação entre pessoas e instituições. O debate acerca de suas virtualidades e riscos tornou-se parte essencial do processo educativo nos dias de hoje, tanto mais que escolas, igrejas e família navegam com insegurança nesse novo mundo ou hesitam em deixar as praias das antigas seguranças.

— *Você sugere que algum aspecto das REDES DIGITAIS seja aprofundado pelo próximo Curso de Verão? Qual? Por que?*, foi a 11^a. pergunta apresentada aos pesquisados e quase 2/3 dentre eles a responderam, apresentando um rol importante de sugestões.

A mais lembrada foi a necessidade de se abordar os dilemas éticos suscitados pelo uso das redes. Indicaram também a vulnerabilidade a

que ficam sujeitas as pessoas, com risco de invasão de sua privacidade ou de se tornarem vítimas de crimes, levantando-se a óbvia pergunta: “-- Como fazer para não entrar nessa fria?”

Foi pedida uma avaliação crítica das redes sociais e de sua influência na educação e na formação ética dos jovens. Seguiram-se muitas perguntas:

- O que é público e o que é privado? Quais os direitos e deveres dos usuários das Redes? Quais os efeitos psicológicos sobre o ser humano, a partir da sobre-exposição à internet e às redes, pois nem sempre a família consegue acompanhar este desenvolvimento dos seus filhos?
- Foi feito apelo para que se proceda à educação digital, para um uso sério e inteligente dessa ferramenta, já que as redes sociais podem e devem ser utilizadas para troca de experiência entre pessoas, resolução de problemas, intercâmbio de ideias, e informações. Ao mesmo tempo, levantou-se dúvida sobre a capacidade de as instituições educativas acompanharem os avanços da tecnologia nesse campo.
- Como fazer para aprimorar as redes no sentido da organização popular e para contribuir com a consciência dos jovens? Como fortalecer o projeto de Educação Popular pelas Redes Sociais?
- O uso ambíguo das Redes Sociais surgiu várias vezes, com perguntas sobre como evitar que sejam usadas como ferramenta de opressão, mas sim potenciadas para fins sociais e políticos, para a construção da justiça e da paz, defesa dos direitos humanos ou crescimento da democracia, como aconteceu, por exemplo, na Primavera árabe, com a passagem da mobilização virtual para a real na Praça Tahir do Cairo.
- Constatou-se que o acréscimo contínuo de novos conhecidos pela rede, o tempo que esta toma dos seus usuários diariamente, está gerando dificuldade de as pessoas se relacionarem e darem o tempo necessário para conversar, olhando-se nos olhos.
- As redes não substituem, nem preenchem os vários vazios existenciais e podem se converter em meio de autopromoção dos

indivíduos, lugar onde se expõem e revelam o que gostariam de ser..., no sonho de se tornarem conhecidos e famosos.

- Outro leque de questões teve a ver com a educação de jovens e crianças nas novas tecnologias, seu impacto sobre as relações pessoas e a identidade das pessoas, o surgimento da solidão digital e criação de dependência das redes, gerando perda de foco no trabalho e nos estudos.

Certas questões de ordem mais geral foram tocadas ainda que de maneira tangencial. Uma delas sobre o papel do estado veio sob a forma de pergunta: Qual é a legislação contra quem comete crimes na internet? A pergunta levanta, entretanto, um rol complexo de questões. Em primeiro lugar, como assegurar a liberdade na internet, hoje ameaçada por estados que querem controlar o fluxo da informação ou montam mecanismos sofisticados de rastreamento para monitorar os cidadãos ou bloquear mobilizações sociais? Na outra ponta da linha, por sua vez, como proteger os cidadãos vítimas de abusos e crimes cometidos na internet?

Outra, sobre o uso de software livre, traz à baila toda a questão da propriedade intelectual em que se opõem duas visões: a dos que propõem o livre acesso ao conhecimento, como bem comum da humanidade, com abolição do copyright, o estabelecimento de uma economia do dom, da reciprocidade e da cooperação e a dos que defendem a total mercantilização do conhecimento, o acesso pago a qualquer informação ou uso de software, o combate sem tréguas a nível internacional ao que denominam de “pirataria” e violação dos direitos de propriedade. A batalha entre o sistema operacional livre, o Linux, construído em forma cooperativa e aberta ao redor do mundo e o sistema Windows da Microsoft que deve ser pago a peso de ouro ilustra bem as duas tendências presentes no mundo digital.

Finalmente, explode na internet a tensão entre a liberdade dos cidadãos em produzir e fazer circular suas informações, ideias e opiniões e o quase monopólio exercido pelas agências internacionais de notícias na produção e seleção de fatos e fotos que irão circular pelos quatro cantos do mundo e ser reproduzidos na primeira página dos jornais e nas capas das revistas. Criam uma agenda dos mercados ou

dos estados, bem distante da agenda dos cidadãos, que os incomodam, porém, com sua liberdade, sua capacidade de contestar a versão dos fatos, noticiar abusos de corporações e autoridades políticas, denunciar corrupção, mentiras e ocultamentos ou de mobilizar outras pessoas pelas redes, criando movimentos de opinião pública. Petições, abaixo-assinados, protestos, cada vez melhor organizados invadem hoje em dia as redes sociais, com resultados muitas vezes inesperados. Cresce por toda parte a exigência de transparência e de prestação de contas por parte dos agentes públicos, mas também dos entes privados.

Neste sentido, o Curso de Verão deste ano, REDES DIGITAIS: TECENDO RELAÇÕES, CONSTRUINDO COMUNIDADES, EXERCENDO CIDADANIA busca responder a algumas das muitas questões levantadas durante a pesquisa e a outras ainda, que inquietam os próprios jovens, mas também pais e educadores, psicólogos e antropólogos, filósofos e sociólogos, teólogos e moralistas e igualmente legisladores, autoridades públicas e a sociedade em geral.

A temática será desenvolvida a partir das experiências dos participantes, da contribuição dos assessores/a e da reflexão nos grupos.

Na SEÇÃO SOCIOCULTURAL, o foco será o fenômeno das redes sociais e seu enlace com a juventude e a religião. LULI RADFAHRER, pseudônimo do Dr. Luiz Guilherme de Carvalho Antunes, professor da Escola de Comunicação da USP e articulista do jornal A Folha de São Paulo abordará os *Processos de emergência em comunicação digital*. Dedicará especial atenção às escolas na sua relação com a revolução digital que afeta conteúdos e a relação pedagógica entre professores, alunos e as novas tecnologias.

RAFAEL SHOJI, formado em ciência da computação e doutor em Ciência da Religião na Universidade Leibniz em Hannover (Alemanha), especialista em religiões orientais e pesquisador pelo CERAL na PUC-SP entra no coração das questões éticas e religiosas suscitadas pelo uso das tecnologias digitais. O título do seu capítulo é *Religião e Redes Sociais: Difusão, relevância e Ética das novas Tecnologias*.

A SEÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA traz-nos os resultados de uma pesquisa e, em seguida, uma reflexão bem travada sobre o tema que nos ocupa.

MAIKO DEFFAVERI apresenta-nos uma síntese de sua investigação para a tese de mestrado na PUC-RS. Analisa a influência da internet na concepção de Cristo entre jovens estudantes universitários católicos no Rio Grande do Sul. Constrói a partir daí um diálogo entre essas imagens e a teologia de um dos mais importantes teólogos protestantes da atualidade, Jürgen Moltmann. O resultado é um rico confronto entre mundos teológicos distintos e universos culturais forjados seja no rigor da academia alemã, seja na fluidez, fragmentação e velocidade da internet.

Num breve, mas denso e provocador ensaio, AFONSO MURAD, educador marista, professor de Teologia no ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino) e na Faculdade Jesuíta (FAJE), em BH, com pós-graduação em Comunicação Social e Gestão com Ênfase em Marketing e com mestrado em Gestão Ambiental, articula sua experiência nesses vários campos do saber, para apresentar a reflexão, *Ecoar a Palavra e ressoar os gestos. Leitura teológica a propósito das redes sociais*.

Na SEÇÃO PASTORAL, dois colaboradores do Curso de Verão, WAGNER LOPES SANCHEZ e LOURDES DE F. PASCHOALETTO POSSANI retomam temas caros à experiência do nosso mutirão: o da educação popular como opção metodológica e o do fim da pobreza, como compromisso social e político. Articula-os com a problemática deste ano numa reflexão séria e instigante: *Redes digitais e fim da pobreza: desafios para a educação popular*.

Por fim, LUIZ CARLOS DIAS, assessor da CNBB para a Campanha da Fraternidade convida-nos a nos debruçar sobre o tema da CF -2013: *Fraternidade e Juventude*, analisando o protagonismo dos jovens na sociedade e na Igreja e remetendo-nos à resoluta palavra do profeta Isaías, assumida como lema da Campanha: “*Eis-me aqui, envia-me!*” (Is 6,8).

Expressimos aqui toda nossa gratidão às pessoas e instituições que sustentam com seu entusiasmo e generosa entrega a caminhada do Curso de Verão: os voluntários e voluntárias que se preparam durante todo o ano e assumem a responsabilidade pela infraestrutura, a organização e metodologia do curso nesse projeto de formação dos setores populares na sociedade e nas Igrejas.

A gratidão estende-se às muitas entidades parceiras do CESEEP nesta jornada, destacando-se a PUC-SP, à qual reiteramos nosso profundo agradecimento na pessoa de seu Reitor, Dirceu de Mello, do Pro-Reitor de Cultura e Relações Comunitárias, Hélio Deliberador, designado para acompanhar o Curso. Nossa gratidão estende-se à Fundação São Paulo, na pessoa do Pe. José Rodolfo Perazzolo, por esta longa e fecunda parceria entre a Universidade e o Curso de Verão.

À Prof^{fa}. Ana Sales Mariano, Diretora do TUCA, ao Sr. Sérgio Rezende que acompanha mais de perto o CURSO DE VERÃO, junto com o Sr. Clemildo Pinto da Rocha, responsável pela parte técnica do Teatro, expressamos todo nosso reconhecimento, por acolherem e facilitarem, em todos os sentidos, os trabalhos do Curso de Verão.

Alem da PUC que recebe em suas salas e no TUCA os participantes, do Colégio Arquidiocesano que os acolhe em sua chegada, a Paulus Editora publica o livro do Curso a cada ano e a Rede Rua de Comunicação prepara o DVD com os conteúdos dos assessores e atividades do Curso. Cuida ainda com a Rádio Cantareira da transmissão on-line das palestras da manhã no TUCA. Livro e DVD são instrumentos pedagógicos preciosos para todo o trabalho de repasse do Curso em comunidades e grupos, por todo o país.

Dizemos “Deus lhes pague” às muitas famílias e comunidades de diferentes Igrejas cristãs, que abrem as portas de suas casas para acolher os participantes de outras cidades do Estado de São Paulo e de outras regiões do país. Sem esta retaguarda discreta, mas essencial não seria possível acolher tantas pessoas de fora, que não teriam recursos para pagar uma hospedagem em São Paulo.

Enfatizamos que, em todos esses anos, o intuito maior do CURSO DE VERÃO foi, e continua sendo, de contribuir para a formação de pessoas, mormente jovens, tornando-as capazes de assumir em suas comunidades, movimentos sociais, conselhos municipais, o papel e a tarefa de animadores e de formadores de novas lideranças. Auguramos que caminhem na fidelidade aos valores da educação popular, do ecumenismo, do serviço aos setores populares, dentro do espírito de gratuidade do mutirão.

Para tanto, o CESEEP oferece aos que, por razão de trabalho, distância, enfermidade, escassez de recursos, não estão podendo participar presencialmente do Curso, a possibilidade de fazê-lo na modalidade de Curso a distância, com acompanhamento e orientação de educadores qualificados. Seis cursos encontram-se já disponíveis e o atual encontra-se em preparação, numa parceria entre o CESEEP e a Coordenação Central do Ensino a Distância (CCEAD) da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro (RJ)².

Aos participantes do Curso, damos-lhe as boas vindas, na certeza de que construirão junto com os assessores e as coordenações de suas Tendas mais esse mutirão de educação popular, ecumênica, social e ambientalmente responsável. Expressamos ainda nossa sincera gratidão às congregações religiosas que abrem as portas de suas casas para hospedar os participantes, assim como às comunidades da ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, na pessoa dos seus párocos e animadores, do seu Cardeal Arcebispo, Dom Odilo Pedro Scherer e de seus bispos auxiliares; aos pastores, pastoras e bispos das IGREJAS E COMUNIDADES EVANGÉLICAS que emprestam sua colaboração ao CURSO DE VERÃO. Estendemos nossa gratidão a tantas outras instituições e pessoas daqui de perto e de longe que nos apoiam, de modo particular a Missionszentrale der Franziskaner da Alemanha, que contribui para os gastos dos encontros de formação dos monitores e demais voluntários e a Irmã Lídia Boito e sua Congregação das Irmãs da Caridade de Ingenbohl, na Suíça. Elas acompanham com carinho o CURSO DE VERÃO, de maneira constante e discreta, facilitando a vinda de participantes com poucos recursos.

É, pois, em espírito de ação de graças e de gratidão para com todas as pessoas e instituições que conosco colaboram, que entregamos aos participantes do Curso e aos demais leitores este livro do 26º. CURSO DE VERÃO.

José Oscar Beozzo

São Paulo, 12 de setembro de 2012

² Os interessados num desses cursos de verão on-line, podem inscrever-se, diretamente pela página web do CESEEP - <<http://www.ceseep.org.br>> - ou entrar em contato com o "CESEEP - Cursos à Distância", pelo e-mail <c.distancia@ceseep.org.br>.

I

Seção sociocultural:
o fenômeno das redes sociais
e seu enlace com a juventude
e a religião

1.

PROCESSOS DE EMERGÊNCIA EM COMUNICAÇÃO DIGITAL

Prof. Dr. Luiz Guilherme de Carvalho Antunes¹

A posição das escolas com relação às novas tecnologias é, geralmente, controversa. Se por um lado os profissionais de educação recebem de braços abertos boa parte das inovações que chegam na forma de equipamentos e recursos, sua posição com relação aos procedimentos para o uso dos mesmos costuma ser de receio e restrição, em um processo que pode levar a seu abandono.

Um ambiente em que os computadores são desejados, enquanto seu uso é desestimulado pode criar uma condição extremamente prejudicial tanto para alunos como para professores. Ao considerar as máquinas ferramentas de entretenimento (ou, pior, dissociá-las do processo educativo) a educação se distancia da modernidade e da vida prática, em um processo daninho que só leva ao questionamento de seu valor.

As ferramentas digitais de publicação colaborativa (comunidades, *blogs*, serviços de conteúdo colaborativo, enciclopédias *on-line*) e a abundância de conteúdo proporcionada pela Internet, se propriamente utilizadas, podem se configurar recursos potenciais para que a aula se torne mais completa, abrangente, debatida e duradoura. Mais além, tais ferramentas permitem que o conteúdo apresentado

¹ Luiz Guilherme de Carvalho Antunes, cujo pseudônimo literário e jornalístico é Luli Radfahrer, é professor-doutor de Comunicação Digital da ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP há 19 anos. Trabalha com internet desde 1994 e já foi diretor de algumas das maiores agências de publicidade do país. Hoje é consultor em inovação digital, com clientes no Brasil, EUA, Europa e Oriente Médio. Autor do livro "Enciclopédia da Nuvem", em que analisa 550 ferramentas e serviços digitais para empresas. Mantém o blog www.luli.com.br, em que discute e analisa as principais tendências da tecnologia. Escreve semanalmente para o caderno "Tec" da Folha de S. Paulo.

em sala de aula possa ter um alcance maior do que seria possível por meios tradicionais.

O objetivo desta tese é mostrar que a escola do futuro pode ser construída hoje, com um computador simples, ferramentas gratuitas de *software* e acesso à Internet. Recursos que muitos acreditam ser inimigos do professor (tanto por favorecer a dispersão quanto por permitir o plágio) podem, em curtíssimo tempo, transformar-se num valor de preservação do conteúdo exposto em sala de aula e pesquisado pelos alunos. Pode ainda propiciar colaboração externa, expansão ao longo do tempo e criação de cursos abertos, acessíveis onde houver um computador conectado.

Grande parte do mau uso da Internet por estudantes deriva do fato que, como qualquer ferramenta especializada, ela demanda uma correta adequação aos fins pretendidos. Ao ser usada livremente e sem claro objetivo didático, ela pode facilmente ser adaptada aos desejos momentâneos de seus usuários, e, dessa forma, agir como elemento de distração.

O que se defende aqui não é o uso indiscriminado das tecnologias digitais conectadas em sala de aula, mas sua aplicação moderada como recurso didático para a emergência de conhecimento coletivo. Para isso, o professor precisa estar adequadamente capacitado no uso didático das novas tecnologias. No entanto, antes que esse processo de treinamento ocorra, a função do professor precisa ser rediscutida.

Ao contrário do que prega o senso comum, o profissional de educação não deve ser um simples transmissor de informação, mas alguém que transmita experiência e critério para seus alunos. Em um mundo de abundância de conteúdo, o material exposto em sala de aula é muitas vezes impreciso, desatualizado ou incompatível com os interesses e nível de informação da classe. Já que a informação disponível na Internet é de fácil acesso, tem quantidade e profundidade suficientes para qualquer trabalho de pesquisa elementar (muitas vezes até para trabalhos de nível mais alto), por que não delegar a investigação para os alunos e deixar a discussão – tarefa insubstituível – para a sala de aula?

Esse processo pode reverter uma tendência especialmente cruel com os professores até os tempos atuais. Limitados à monótona ta-

refa de divulgação de informação, eles se vêem presos a uma rotina linearmente desanimadora: quando o aluno finalmente está a par do tema e pronto para sua discussão, o curso “acaba” e não há a oportunidade de compartilhar experiências. Com o tempo, a monotonia da repetição tende a piorar a qualidade das aulas, quando o que deveria ocorrer é exatamente o contrário.

Para inovar o formato das aulas é necessário compreender as ferramentas colaborativas em vez de combatê-las. Se seu uso for adequado, o aluno empenhará parte de seu tempo fora da sala de aula a pesquisar conceitos e gerar conteúdo (em outras palavras, a estudar), disponibilizando o resultado de suas pesquisas para a discussão com os colegas e avaliação criteriosa de seu professor. Esses resultados podem ficar disponíveis para a análise de outras turmas e até para servirem como material base para serviços de educação à distância.

Na formulação proposta, a cada ano mais material seria agregado ao conjunto de conteúdo, o que tornaria a aula cada vez menos expositiva e cada vez mais debatida, portanto mais interessante para professores e alunos ao longo do tempo.

1. Web 2.0

O termo Web 2.0 é utilizado pela mídia para definir e aglutinar uma série de produtos e serviços on-line que, ao permitirem uma maior interação, interferência e participação de pessoas comuns nos processos de produção, classificação, crítica e publicação de conteúdo disponível, rompe a tradição de exclusividade de opinião da mídia de massa e dos “formadores de opinião”.

A ruptura caracterizada por essas inovações no processo de comunicação é tamanha que, para muitos, justificaria classificá-la como uma “segunda geração” das tecnologias de interação via Internet. A entrada do usuário comum amplifica de forma exponencial a quantidade de conteúdos disponíveis e, conseqüentemente, pulveriza o poder e a influência da comunicação. Um dos exemplos mais frutíferos desse ambiente de produção, publicação, recombinação e colaboração de abrangência global e sem precedentes na história da humanidade é a

enciclopédia on-line *Wikipedia*, cujas informações são disponibilizadas e editadas pela própria comunidade.

Das várias aplicações projetadas para essa nova infraestrutura, fala-se muito em gerenciamento remoto de projetos, telepresença, telemedicina entre outras. No que diz respeito à educação, as inovações se restringem à estrutura, possibilitando a transmissão de aulas por videoconferência e disponibilização de materiais de ensino multimídia em tempo real. O que, guardadas as devidas proporções, não se diferencia muito de aulas em vídeo. Estas, apresentadas como panacéia de educação nos anos 1980, mudaram muito pouco o ambiente e o desempenho em sala de aula. Inovações em estrutura, por mais elogiáveis que sejam, trazem poucos resultados se não forem acompanhadas por uma correspondente mudança de atitude com relação a elas.

Ainda há muito a ser pesquisado sobre a necessidade dos usuários e o potencial das tecnologias para redes de alto desempenho. Uma coisa, no entanto, é certa: da mesma forma que a Internet comercial, que foi projetada para pesquisa e interligação de universidades, institutos, agências de governo e determinados prestadores de serviços, não há dúvidas de que, em breve, essa estrutura acabará por se tornar parte da Internet como a conhecemos, representando mais uma evolução estrutural que um sistema à parte. Se tal prática promoverá mudanças efetivas no processo de formação de conhecimento é uma questão que merece atenção.

A Web 2.0, nesse aspecto, pode ser muito mais efetiva, uma vez que sua inovação está concentrada muito mais no papel do usuário da tecnologia que nas máquinas e na rede que as conecta. Em outras palavras, ela proporciona uma série de princípios que definem um novo tipo de experiência digital, coletiva, on-line. Muitas empresas novas surgem a cada instante, defendendo partes deste conceito.

Os elementos de categorização dessas empresas foram resumidos em um artigo seminal de Tim O'Reilly. Entre as diversas características, provavelmente a mais importante é a mudança de comportamento com relação às novas técnicas. O usuário deixaria de se tornar consumidor

passivo de conteúdo e passaria a se tornar também produtor ativo de informação. Nesse processo interativo e contínuo, ele mudaria de postura e se tornaria um *prosumidor* de informação. Como tal, ele poderia ser responsável pela produção de conteúdo, ao mesmo tempo que o consumia, num processo contínuo e crescente de reciclagem e aprendizado.

Essa mudança de atitude por parte do consumidor já vinha sendo anunciada há mais de três décadas. Em 1972, Marshall McLuhan e Barrington Nevitt sugeriram em seu livro “*Take Today*” que a tecnologia elétrica permitiria ao consumidor se tornar um produtor. Oito anos mais tarde, Alvin Toffler cunharia o termo em seu livro “*A terceira Onda*”, ao sugerir que o papel dos produtores e consumidores se fundiria, a ponto de tornar suas diferenças indistinguíveis. Segundo ele, o processo de personalização crescente tenderia naturalmente à participação do usuário.

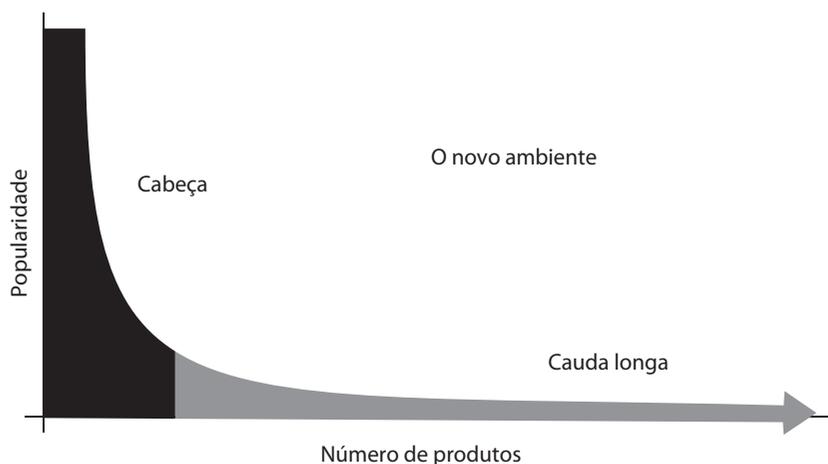
Para analisar a questão da Web 2.0 em maior detalhe, um bom ponto de partida está na definição do que, segundo O’Reilly, se caracterizava como Web 1.0: uma série de iniciativas que tinham em comum o fato de ignorar as características e elementos que configuram a comunicação em redes eletrônicas e tentar replicar, nas novas plataformas, atitudes que sempre funcionaram muito bem em outras formas de comunicação de massa. Pouco interativos, esses sistemas não se diferenciavam de grandes depósitos de conteúdo que, com o tempo, se tornariam de custo inviável. À medida que crescia o número de usuários do serviço, o custo crescia correspondentemente.

A descentralização permite a qualquer usuário que publique seu conteúdo, num fenômeno chamado pelos entusiastas da “nova” web como o fenômeno da “Cauda Longa”. Sua definição é simples: ao se considerar que iniciativas de pequeno porte constituem a maioria do conteúdo disponível na rede e que, ao contrário do mundo físico, as despesas de manutenção são significativamente menores, há um grande espaço para a exploração de nichos específicos. Já não é mais necessário massificar produtos num único formato e tamanho para consumidores. Ao contrário, produtos e serviços segmentados podem

ser economicamente tão atrativos, quanto produtos de massa. O que se perde em volume ganha-se em possibilidades.

O conceito ganhou bastante popularidade com a publicação do livro “*A Cauda Longa*”, do jornalista da revista *Wired* Chris Anderson.

Novamente se trata de um conceito já explorado em outras áreas. No estudo de sistemas complexos em Física, a presença das *leis de escala* ou *leis de potência*, é conhecido. Ela define que sistemas ditos complexos, cujas partes interagem de forma não-linear, têm como propriedade característica a presença desse tipo de lei. Numa definição simples, um elemento é proporcional ao outro, elevado a uma determinada potência.



Distribuição estatística que caracteriza a “cauda longa”

Muitos sistemas e fenômenos são distribuídos de acordo com leis de potência. Em especial, situações em que o grande é raro e o pequeno é abundante. A princípio ela nos parece estranha porque estamos habituados a distribuições *gaussianas*, em que costuma haver uma média (aritmética ou ponderada) e os elementos da distribuição tendem a convergir para ela. Mas nem sempre esses sistemas são a regra. A distribuição de renda é um exemplo de lei de potência. É comum referir-se a ela como regra 80/20, em que 20% das pessoas controlam 80% dos recursos.

O estudo científico da empresa de tecnologia NEC mostra que a distribuição de um grupo de dados de acordo com as leis de potência se relaciona diretamente com a competição presente no sistema. Leis de potência emergem de escassez: à medida que as opções são muitas e o tempo para consumi-las é cada vez menor, há uma tendência natural para a concentração. No topo da curva, há espaço para pouquíssimos, mas como sua inclinação é aguda, há um grande número de situações em que o custo de abordagem é pequeno e a penetração, fácil.

Essa é a principal característica que sustenta o conceito de cauda longa e a pulverização de empresas, blogs e micro mercados nesse ambiente, uma vez que as opções oferecidas pela Internet são muitas e o tempo disponível para visitá-las é pequeno e tende a ser cada vez menor.

Outros fatores que definem ações de web 2.0 são:

- **Informação é a principal moeda de troca** – as aplicações dependem cada vez mais de dados customizados. Fontes de informação diferentes e de reprodução difícil são valiosas;
- **Usuários agregam valor** – a participação coletiva abre as portas para produtores de conteúdo na cauda longa, transforma um serviço em agregador e aumenta a quantidade de informação disponível. Esse é o raciocínio por detrás do que classificam como “arquitetura de participação”;
- **Serviços gratuitos são pagos com acessos** – considerando a distribuição de leis de potência, só um pequeno percentual dos usuários agregará valor voluntariamente. Sistemas eficientes mensuram seus usuários, dessa forma têm controle de seu poder de aglutinação e influência;
- **Alguns direitos são reservados, mas não todos** – a proteção da propriedade intelectual limita a reutilização, impede a experimentação e faz decair o valor informativo de um serviço. A liberdade completa causa o mesmo efeito. Ao permitir a manipulação, enquanto restringe partes da autoria, o processo garante maior adoção. Ele funciona como a linguagem (combinação de termos) e o processo de formação de ideias (combinação de

conceitos). Ao permitir a contribuição, um serviço recebe voluntariamente contribuições de valor inestimável;

- **O beta perpétuo** – serviços on-line, ao contrário de aplicativos de software instaláveis em computadores (ou mesmo de livros) não demandam “edições”, nem precisam ser considerados “prontos”. Serviços on-line são contínuos e podem ser atualizados progressivamente. O usuário testa as inovações e responde a elas através do aumento de visitas ou de transações completas. O risco – e, conseqüentemente, o custo – são significativamente menores.
- **Cooperação vs. controle** – interfaces colaborativas com grande liberdade criativa costumam ser bem recebidas, o que diminui custos de monitoração e evita ataques. A própria comunidade se encarrega de eliminar as ações indesejadas.
- **Software multiplataforma** – uma vez que estão on-line, os serviços digitais não dependem de um computador ou dispositivo específico. Seus dados podem ser reformatados para qualquer máquina que acesse a Internet.

Em muitos aspectos, a definição de Web 2.0 é muito semelhante à de Pós-Moderno, já que, em vez de explicar o conceito e suas mudanças decorrentes, ambas se limitam a dizer que o movimento em questão “veio depois” de algo. A falta de parâmetros se não satisfatória, é previsível. Novas situações demandam novos termos.

2. Processos de emergência

O termo “Emergência” é normalmente citado quando o assunto em pauta são redes sociais e comunidades on-line, em especial em serviços “web 2.0”. Ele diz respeito ao surgimento de formas de organização auto-geridas, que evoluem do indivíduo para o grupo, da base para o topo – que emergem, portanto. Alguns serviços de “marcação social”, como o *Digg*, por exemplo, permitem a usuários que recomendem conteúdo encontrado na Internet para outros usuários, classificados por categorias. O que define a popularidade de cada conteúdo listado é a ação coletiva, que tende a gerar um círculo virtuoso: à medida que

recebe um número significativo de indicações, o conteúdo passa a aparecer em listas de popularidade, o que atrai a atenção dos outros e atrai ainda mais votos.

Apesar do termo “Emergência” ser um conceito que entrou só recentemente em discussão, para muitas áreas do conhecimento ele não é recente. Em Filosofia, Teoria de Sistemas e em diversas ciências como a Física, o termo se refere à forma com que diversos sistemas complexos e padrões surgem de uma multiplicidade de interações relativamente simples.

Alguns desses padrões são meros resultados da ação em grupo, uma vez que se constituem da soma ou multiplicação de suas partes elementares. Outros, no entanto, têm características inéditas, derivadas da multiplicidade de interações entre suas partes, o que torna a identificação de causas individuais uma tarefa praticamente impossível – as novas características são irredutíveis; ou de explicação impossível a partir de seus componentes. O todo tem propriedades novas, que nunca estiveram presentes e, sob certos aspectos, são tão diferentes de seus componentes que se torna irrelevante compará-los.

O sistema de emergência mais citado e conhecido é o formigueiro – uma estrutura muito mais complexa, extensa, estruturada e longeva que as formigas que o compõem. Através da execução de tarefas muito simples e, principalmente, da interação entre seus agentes, colônias complexas são construídas em diversos tipos de terreno. Um fato interessante é que, apesar de formigas raramente viverem mais que alguns dias, muitos formigueiros chegam a durar décadas.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado à dinâmica de cidades e agrupamentos humanos, embora a identificação das diferenças de atuação entre o governo central e as atividades individuais de seus habitantes seja mais difícil de identificar.

Um exemplo muito mais simples está na cor dos objetos. As partículas elementares não têm cor. Somente quando se organizam em átomos que passam a absorver ou emitir luz em comprimentos de onda específicos a ponto de poder-se atribuir cor a seus “conjuntos”. Da mesma forma, a temperatura, a movimentação de massas de ar, a biolo-

gia (que emerge da interação físico-química entre átomos para formar moléculas e órgãos de uma complexidade tão grande que não pode ou não faz sentido se for explicada em termos dos minerais que os compõem e de suas partículas essenciais) seguem princípios de emergência. Sob muitos aspectos, a psicologia e a sociologia fazem o mesmo.

O efeito sinérgico da combinação de diversas atividades interdependentes, porém com grau razoável de independência e sujeitas a um conjunto de regras razoavelmente simples de interação é o principal responsável pela criação e evolução de sistemas complexos.

Dessa forma, ações processuais que busquem identificar elementos individuais como causas ou agentes de transformação de situações tendem a falhar, a tornarem-se extremamente complexas ou reductionistas – ou ainda uma combinação de todas as condições – se for considerado o número de interações entre seus componentes. Em processos de emergência, o todo não se torna apenas maior ou mais complexo que a soma de suas partes, mas um novo objeto de estudo de natureza completamente diversa. O comportamento do grupo não é reflexo de nenhuma propriedade de algum de seus membros, nem pode ser facilmente previsto.

A Emergência é a principal razão da dificuldade em prever condições climáticas, comportamento das Bolsas de Valores, tendências da moda, de ação social ou da reação a certas inovações tecnológicas. Steven Johnson defende que as interações potenciais entre os elementos de um composto emergente são inúmeras e crescem exponencialmente à medida que novos integrantes ingressam no sistema, a ponto que um conjunto com cerca de apenas 15 elementos já resulte em bilhões de relações possíveis.

Ainda segundo Johnson, esses sistemas são extremamente adaptativos. Eles tendem a resolver seus problemas de adaptação ao meio (ou a mudanças inesperadas ocorridas nele) através do emprego de conjuntos de regras simples, independentes de decisões centrais. Com o tempo, os padrões que emergem dessas regras se tornam mais complexos e conseqüentemente mais adaptáveis.

Por outro lado, é importante considerar que um número grande de interações não é condição suficiente para garantir o comportamento

emergente, uma vez que muitas – a maioria, aliás – possa ser irrelevante ou desprezível, ou mesmo destrutiva.

No entanto, não é através da criação de padrões ou da imposição de regras artificiais que se poderá influenciar o desenvolvimento de sistemas emergentes. Somente a interação entre seus membros, em diversos níveis de complexidade é que os tornará independentes. Um bom exemplo da ineficácia de padrões impostos está na ineficácia da construção de conjuntos habitacionais em áreas de favelas. Por piores que sejam as condições de habitação, as casas têm uma dinâmica que resiste e desafia a simples construção de prédios. Para que um sistema de Emergência ocorra é necessário que as interações de seu processo de incubação sejam fortes o suficiente para que atinja massa crítica para a auto-sustentação.

As sociedades contemporâneas, em especial aquelas que estão a se formar, estarão sujeitas a processos de transformação cada vez mais rápidos e profundos em seu potencial de mudança. O uso de telefones celulares é um bom exemplo desse tipo de transformação. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), o número de usuários evoluiu de 1,7 milhão em 2002 para cerca de cem milhões em 2006 e 247 milhões em 2012.

Para interagir com eficiência num sistema social com tantas mudanças, o indivíduo precisa ser estimulado a se renovar e a pesquisar a cada instante, uma vez que as informações ensinadas em sistemas estanques tendem a ficar obsoletas em tempos cada vez menores. Para isso, é necessário investir em mudanças no processo educativo e na formação de professores. Mudanças essas que são muito maiores e mais abrangentes que meros sistemas de infraestrutura.

Questões:

- Quais são as redes usadas por vocês? Que conteúdo costumam compartilhar nelas? (ex: Facebook, YouTube etc)
- Quais especialidades e competências você acredita podem ser desenvolvidas usando as redes que seus alunos já utilizam para auxiliar a comunidade em que vivem? (ex: Materiais didáticos, pesquisas, reclamações)

3. A educação em tempos de internet

Com o avanço da tecnologia nas últimas décadas, principalmente dos computadores, discute-se cada vez mais a utilização de recursos da informática na educação. Muitas escolas do Brasil já possuem um laboratório de informática com acesso à Internet, programas de fundo didático e aplicativos genéricos, como editores de texto, programas de edição de imagens e apresentações, planilhas de cálculo e assim por diante. No entanto, não importa seu grau de atualização, tais recursos jamais serão suficientes se não forem utilizados de maneira a garantir o desenvolvimento do aluno.

Como toda ferramenta, os sistemas digitais demandam treinamento técnico e teórico. Além disso, por representarem uma mudança bastante significativa na forma de se ensinar e aprender, torna-se fundamental a compreensão da mudança de paradigmas que ela representa. Um bom ponto de partida para tal abordagem pode levar em conta que o computador não é um “cérebro eletrônico” nem um videogame, mas uma ferramenta. Se não for corretamente – e extensivamente – utilizado, não será capaz de proporcionar avanços educacionais.

Da mesma forma, não é a instalação de ferramentas de software que proporcionará aprendizado. É importante que a escola tenha um projeto pedagógico que envolva a utilização do computador e seus recursos em atividades claramente definidas, monitoradas e avaliadas. Da mesma forma que outros recursos da escola (biblioteca, monitoria, livros didáticos), o computador deve estar sujeito a regras bastante claras e completamente integrado ao sistema escolar. Nele, o aluno deve ser estimulado a pesquisar e produzir conhecimento por conta própria, utilizando o computador da mesma forma que seus pais e professores o fazem: como uma ferramenta. A diferença entre seus usos está nos aplicativos, forma de utilização e resultados esperados. Nesse sentido, o professor deve agir como orientador de um projeto de pesquisa em desenvolvimento.

O computador como ferramenta, no entanto, não pode intimidar o aluno. Este, por sua vez, não deve ser colocado de forma passiva perante um sistema digital. As ferramentas tecnológicas devem servir

de base para a resolução criativa de problemas presentes no cotidiano do aluno. Alguns exemplos de temas possíveis para sua aplicação são tabelas estatísticas de esportes, jornais escolares, feiras de ciências, dinâmicas de grupo e o estudo sobre o universo de personagens fantásticos (como os de videogames ou desenhos animados).

É importante ressaltar que a máquina ou a Internet não devem, em hipótese alguma, ser transformadas em figuras centrais na sala de aula. Professores e alunos devem, em conjunto, promover atividades criativas que estimulem o raciocínio investigativo. Tal processo estimula a curiosidade e a atividade de pesquisa em grupo, o que costuma resultar na produção de conhecimento.

É cada vez mais evidente que a Internet e os dispositivos eletrônicos são ferramentas cada vez mais importantes para a convivência social e profissional. Uma vez que não é mais possível ignorar os avanços das tecnologias digitais sem que tal atitude represente um grande prejuízo para o indivíduo, a melhor prática deve ser compreender como melhor utilizá-las, da forma mais eficaz possível.

Mostra-se necessária a criação de um sistema que, além de ser didático, consiga justificar a função e importância do computador e da Internet para seus usuários. Não é uma tarefa simples, considerado o baixo nível de instrução e interesse do indivíduo que não tem acesso a essas tecnologias.

O indivíduo que tem acesso à rede se informa e se atualiza cada vez mais rápido, tende a valorizar o meio ainda mais, a passar consequentemente mais tempo conectado e a progredir ainda mais. Do outro lado, aquele que não tem acesso fica a cada momento mais distante do conhecimento e tem uma curva de aprendizado cada vez mais íngreme para superar. A divisão entre os que se conectam à rede e os que não o fazem é chamada de “exclusão digital” (*digital divide*, em inglês), e já era anunciada desde o manifesto do *Unabomber*. Esse *apartheid* social tem consequências bastante graves, uma vez que não se trata da restrição de uma camada bastante significativa da população a uma tecnologia de infraestrutura (o que, como coleta de lixo ou saneamento básico, por si só já seria suficientemente grave), mas o acesso a uma ferramenta essencial de produtividade e de comunicação.

A Associação Brasileira de Ensino à Distância (ABED) classifica o acesso às tecnologias de comunicação via Internet como uma linguagem cuja importância pessoal e profissional é fundamental. Entre os motivos para combater o “analfabetismo digital” (sic) estão:

- *Conhecimento em informática é essencial para obtenção de melhores empregos. Cerca de 80% dos candidatos a estágio, que ignoram informática, não conseguem colocação, segundo estimativa do IEL [Instituto Euvaldo Lodi, sistema SESI/SENAI/CNI].*
- *A utilização da internet ajuda a desburocratizar. Cerca de 72% dos serviços do Governo Federal, como o recebimento da declaração de Imposto de Renda, são oferecidos nela.*
- *A internet é a maior biblioteca do mundo. Em poucos minutos, é possível reunir informações suficientes para a realização de um bom trabalho escolar e dados importantes para a execução de tarefas profissionais.*
- *A comunicação por e-mail permite a transferência de uma quantidade enorme de conhecimento de um ponto a outro do planeta. Conversas pela rede mundial de computadores são mais baratas que por meio de telefone.*

É fundamental, portanto, uma mudança de atitude com relação à tecnologia. Ela deve ser considerada infraestrutura para suportar os serviços que dela derivam. No que diz respeito à educação, é menos importante a quantidade e a qualidade dos programas instalados em “laboratórios de informática” do que o uso que deles se faz.

As tecnologias colaborativas disponíveis hoje na Internet permitem o emprego de sistemas abertos de construção de ambientes on-line de porte considerável. A infra-estrutura técnica necessária para sua instalação é cada vez mais acessível para uma escola, e, em muitos casos, ela já se encontra disponível. Consiste de:

- **Servidor** – computador para armazenamento das “páginas” web dinâmicas que o sistema proverá. Essa máquina não precisa ter grande capacidade de processamento e, em muitos casos, já se encontra instalada, com capacidade ociosa, no “laboratório de informática” da escola. Se ela não existir, um equipamento de uso administrativo pode ser configurado para desempenhar

tal função. Uma solução ainda mais simples é terceirizar o serviço para empresas provedoras de acesso à Internet, o que tem um custo significativamente baixo (abaixo de R\$ 50/mês);

- **Acesso à Internet** – é fundamental que a escola tenha um canal de acesso por banda larga à Internet, o que permite a seus alunos o uso integral da rede e otimização das salas de computadores. Para evitar o uso indevido, uma série de programas pode ter seu acesso bloqueado. Isso inibe e, em muitos casos impede usos como pirataria, pornografia, interação social sem foco educativo e até serviços inocentes que demandem a coleta de dados pessoais, como comércio eletrônico e acesso a contas bancárias.
- **Programas de infraestrutura** – o servidor deverá ter instalado, em sua área pública, sistemas de administração de conteúdo. Eles são meta-programas que permitem a criação de estruturas de educação coletiva, como Blogs, galerias e Wikis. Esses sistemas são de uso público, instalação simples e, na maioria das vezes, gratuitos.
- **Configuração inicial** – uma vez instalados os programas, é necessário criar e formatar cada estrutura de acordo com as necessidades da disciplina. No ensino fundamental e médio, o uso de galerias multimídia deve ser estimulado, enquanto que no ensino superior pode ser necessária a aplicação de ferramentas específicas para pesquisa. O que importa é que, como as ferramentas são extremamente maleáveis, elas devem receber uma configuração inicial e serem protegidas até que o professor ou técnico responsável tenham conhecimento suficiente para alterá-las.
- **Treinamento de professores e alunos** – sem dúvida, a parte mais difícil. Ela envolve a fundamentação do sistema e sua importância (professores e alunos devem se sentir participantes da construção de um sistema de progressão); um simples treinamento para sua operação; e uma constante e efetiva monitoração das atividades dos alunos para coibir eventuais usos indevidos do sistema.

É importante ressaltar que o uso do computador como agente de estímulo para esse processo não resulta, em hipótese alguma, em isolamento, individualismo ou quaisquer restrições de perspectiva, muito pelo contrário. A criação de ambientes multi-usuário é extremamente amigável ao usuário comum e tende a remunerá-lo de acordo com a qualidade e quantidade de interações que realiza. Independente da tecnologia utilizada, as aulas que utilizem esse sistema devem focar o processo didático no aluno e sua trajetória de descoberta de novos ambientes e contextos. Tal abordagem é facilmente aplicável em algumas das novas correntes de ensino, que favorecem a interação social à medida que destacam a importância do aluno como agente de construção de seu próprio conhecimento.

Antes de detalhar a infraestrutura é necessário fundamentar a proposta didática que a sustenta. Para tal, vale destacar elementos populares e extensivamente testados das teorias do *Construtivismo* e da *Perspectiva Crítica*.

Construtivismo

Um ponto fundamental da teoria de Piaget está no fato de que o indivíduo constrói seu conhecimento a partir de novas experiências, incorporando-as à sua concepção interior do mundo. O computador, sob esse ponto de vista, sempre que for apresentado como um equipamento “estranho e difícil, porém obrigatório”, terá sua assimilação restrita. Se, por outro lado, for utilizado como uma ampliação do sistema interno de representação do indivíduo, ele pode alterar essa percepção e moldá-la aos novos recursos.

Considerando a retro-alimentação do sistema de inclusão digital apresentada na página 55, o computador no papel de auxiliar pode funcionar como agente do que Piaget chama de assimilação. Uma vez que algumas operações simples e eficientes passam a facilitar o cotidiano do indivíduo, o conhecimento é internalizado e passa para a fase de acomodação. Com isso a curva de aprendizado se torna bem menos íngreme, uma vez que cada novo conceito efetivamente aprendido é agregado à experiência. As constantes e frequentes descobertas que naturalmente se sucedem a esse processo não geram mais

incômodo ou perplexidade, mas sim curiosidade e estímulo para uma familiarização cada vez maior com o sistema. Uma simples mudança de perspectiva pode ser muito eficaz para que o indivíduo migre do sistema auto-alimentado de crescente ignorância para seu oposto.

Wikis, sob esse aspectos, são extremamente eficazes, uma vez que não apresentam o conteúdo de forma completa, monolítica e de difícil penetração, mas o mostram página a página, permitindo encadeamentos de diversas formas – sejam eles previstos através de ligações de hipertexto ou completamente aleatórios através de caixas de busca.

Em uma Wiki educacional, o processo de acomodação se dá através de contato coletivo, crítica, comparação e análise de erros, tanto do indivíduo quanto de seus colegas ou de outras páginas na Internet. O espírito crítico pode ser facilmente desenvolvido através de sistemas como este.

O Construtivismo assume que cada aluno é um indivíduo com necessidades e experiência únicas, com personalidade complexa e multidimensional. Teóricos como Gredler afirmam que o aluno deve chegar à sua própria versão da “verdade”, influenciado por sua visão de mundo, ambiente, aspectos sócio-culturais e formação. Nesse processo, a interação social é, naturalmente, fundamental. Sem ela não é possível a utilização de determinados elementos simbólicos.

A motivação para o aprendizado, segundo o Construtivismo, está diretamente ligada à autoconfiança que o aluno desenvolve à medida em que assimila processos anteriores. Nessa condição ele se sente fortalecido para enfrentar novos desafios e, mesmo que não os ultrapasse, compreenderá o porquê, novamente num círculo virtuoso. O fato de determinado conhecimento ser “importante” não é fator de estímulo, muito pelo contrário. O aluno se sentirá punido por não atingi-lo e tenderá, com o tempo, a evitá-lo. Por outro lado, se o conhecimento for “interessante”, mesmo que sua importância seja relativa, o estímulo a seu aprendizado será cada vez maior.

A questão da relatividade do conhecimento proposta por Karl Popper reforça a teoria Construtivista, principalmente em seu aspecto

de se posicionar mais como uma perspectiva de visão crítica do que um conjunto de dogmas. Segundo ele, o discurso sobre o mundo não é uma reflexão sobre o mundo, mas um artefato social, uma predisposição inata do indivíduo para dar sentido ao ambiente à sua volta. Da mesma forma, os alunos não devem absorver passivamente as informações apresentadas, mas construir ativamente sua própria percepção do mundo, reconhecendo e interpretando (em termos construtivistas, assimilando e acomodando) os novos estímulos para sua experiência.

O conhecimento construído pelo aluno é mais sólido e duradouro, uma vez que constrói sua *Weltanschauung* (visão de mundo) através da interpretação da realidade que o cerca, ao contrário da repetição monótona e exaustiva de conceitos nem sempre compreendidos, situação típica da teoria behaviorista. Esta, infelizmente, é muito aplicada até hoje mesmo em ambientes em que seus resultados mostram o evidente fracasso de sua metodologia, em especial no ensino de ciências, tecnologia e línguas estrangeiras.

Enquanto o Behaviorismo define o conhecimento como um processo derivado da imitação pura e simples de comportamentos, a abordagem construtivista define o conhecimento como percepção e compreensão do mundo, processo através do qual a realidade não é simplesmente assimilada, mas recombinação e reconstruída.

No entanto, muitos ainda associam práticas behavioristas quando se referem a processos realizados por máquinas, em especial pelo computador. Essa abordagem é, de certa forma, esperada, uma vez que as máquinas simples seguem processos sequenciais e, até há pouco tempo, as linguagens de programação de computador seguiam o mesmo caminho. Os algoritmos computacionais foram durante muito tempo comparados a listas de cálculos e instruções condicionais. A própria etimologia do termo revela suas origens, uma vez que, como “algarismo”, deriva do nome *al-Khwarizmi*, matemático persa e um dos inventores da Álgebra, processo matemático de instruções diretas e rígidas.

Ao partir da proposição que todas as atividades humanas, como as ações de todos os seres vivos, também resultam de conjuntos de instruções processuais, o sistema instrucional do behaviorismo não

corresponde ao desenvolvimento da inteligência e formação do cérebro humano. De qualquer forma, processos de instruções condicionais já não são mais utilizados em sistemas de Inteligência Artificial, uma vez que, por mais sofisticadas que sejam as instruções, elas jamais poderiam chegar à sofisticação e complexidade que o reconhecimento de padrões realizado pelo cérebro é capaz.

O estudioso Phil Candy resume as principais características do construtivismo:

- Os indivíduos participam na construção da realidade.
- Tal construção acontece em um contexto de influência.
- Ela é uma atividade constante, centrada na inovação.
- O conhecimento e o senso comum são objetos sociais, que pouco derivam da observação.
- O entendimento normalmente depende de particularidades dos processos sociais, raramente da validade empírica das perspectivas.
- O entendimento é construído e integralmente relacionado a outras atividades.
- O indivíduo constrói e controla propositalmente seu comportamento.
- A complexidade emerge rapidamente da comunicação e interação.
- As interações humanas são baseadas em papéis sociais, muitas vezes definidos por regras implícitas e de comum acordo.

Para o psicólogo André Kukla, a realidade e o significado são construídos a partir de atividades de interação entre os alunos e o ambiente que os cerca, processo utilizado para determinar normas e procedimentos. O conhecimento não é predefinido, pronto ou pétreo, mas o acúmulo complexo de experiências inter-relacionadas através da história, que, no processo, redefinem e reconstróem o mundo.

Lev Vygotsky também destaca a convergência de elementos sociais e práticos como fator fundamental para o aprendizado, ao definir que o instante mais significativo no desenvolvimento intelectual do indivíduo acontece quando a fala e o reconhecimento do mundo, duas linhas até então completamente distintas de desenvolvimento,

se encontram e convergem. É nesse momento, segundo ele, que a criança constrói seu aprendizado social. A fala conecta seu conjunto de significados internos com o mundo com que compartilha sua cultura.

De acordo com o Construtivismo, o professor precisa mudar de papel e tornar-se um gestor do aprendizado, guiando o aluno para que ele, por conta própria, seja um agente de construção de seu próprio conhecimento. O processo pode parecer apenas uma mudança semântica, mas na verdade é uma completa transformação na atividade didática:

Os alunos também precisam mudar de atitude com relação ao processo de ensino, principalmente no que diz respeito à sua ação social, que deixa de ser individual e passa a ser colaborativa – da mesma forma que nos ambientes sociais pós-modernos, alunos de diferentes históricos e ambientes se reúnem para, em conjunto, chegar a uma solução para um problema proposto pelo professor. A evolução não se dá apenas na descoberta da resposta, mas em todo o processo de debate que leva a ela, a ponto de, em muitos casos, a resposta se tornar menos relevante que sua procura.

A ênfase na colaboração ajuda a diminuir a competição entre os alunos, e, conseqüentemente, contribui para a elevação do nível da classe como um todo. Ela também diminui a importância e dependência do professor na busca por conhecimento, enquanto reforça sua autoridade no estabelecimento de critérios de seleção.

Para o Construtivismo, portanto, o aprendizado é um processo social, ativo e completamente dependente de seu contexto. As tecnologias digitais só poderão gerar atividades que sigam essa forma de ensino se forem organizadas em estruturas sociais colaborativas e adaptáveis. O processo de sua formação proporcionado pelos serviços Internet cria, pela primeira vez, um ambiente verdadeiramente ativo e propício para o desenvolvimento de atividades que sigam essa filosofia. Mas para isso é necessário o abandono da forma com que são assimiladas e aprendidas as tecnologias de informação, em especial os computadores.

Uma vez que para o Construtivismo o aprendizado é, como a percepção, um processo ativo em que o aluno busca criar novas pers-

pectivas e determinar suas próprias teorias para conceitos e fatos, a descoberta e a intuição representam papel fundamental. A velocidade com que crianças bastante novas se entusiasma e aprendem novas tecnologias é, em parte, bastante similar ao aprendizado precoce de instrumentos musicais. Para elas, a atividade não é uma obrigação nem uma sequência de instruções sem conexão com a realidade, mas um fascinante enigma a ser resolvido.

Pedagogia crítica

A Pedagogia crítica – e o método de seu principal expoente, Paulo Freire – tem seu foco no desenvolvimento de consciência individual e combate à dominação. Posicionamentos políticos à parte, ela também explora, como o Construtivismo, a necessidade da inter-relação do aluno com seus colegas e os componentes de seu ambiente como forma de aprendizagem individual. Seu método, popularizado por seu principal autor, Paulo Freire, tem três etapas:

- **Investigação:** *busca conjunta entre professor e aluno das palavras e temas mais significativos da vida do aluno, dentro de seu universo vocabular e da comunidade onde ele vive;*
- **Tematização:** *momento da tomada de consciência do mundo, através da análise dos significados sociais dos temas e palavras; e*
- **Problematização:** *etapa em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.*

Apesar do foco da metodologia de Paulo Freire estar na alfabetização de adultos e, através dela, na conscientização e rejeição de sistemas opressores, muitos de seus conceitos podem ser utilizados no aprendizado auxiliado por ferramentas de comunicação em rede e na educação à distância. O conhecimento e exploração da função da rede e das possibilidades de o indivíduo expressar sua opinião em tempos de comunidades interconectadas não deixa de ser, de certo modo, uma forma de conscientização social e política.

Para Paulo Freire, a reflexão crítica possibilita a consciência da realidade social que envolve o indivíduo e, nesse processo, *empowerment* (empoderamento) para o diálogo e interação. Nesse processo

lhes são apresentados pontos de vista alternativos e, através deles, a consciência é construída. Dessa forma, a reflexão crítica permite o desenvolvimento de uma consciência maior com relação ao universo social do indivíduo. Ao conhecer suas engrenagens, ele tem maior poder de ação e transformação social.

Como os construtivistas, a Pedagogia Crítica defende que o indivíduo relacione o material aprendido à sua experiência e não seja um mero reproduzidor de técnicas ou conteúdos. Para tal é muito importante que encontre e seja confrontado por diferentes pontos de vista, e a melhor forma de estimular esse processo é interagir com o outro, uma vez que somente através do compartilhamento e confronto que um sentido mais amplo e completo é atingido.

Em outras palavras: as duas correntes mais modernas de pedagogia propõem aquilo que os sistemas tecnológicos de educação vêm evitando há tempos: uma abordagem social e coletiva da educação mediada por tecnologias.

No tempo do videocassete, a tecnologia não permitia muito mais do que um material didático filmado e projetado em classes por todo o país, processo que, apesar de toda apologia da época, não deixou histórico de progresso efetivo. Mesmo os computadores multimídia, que todos os componentes do sistema educativo – pais, alunos, professores e governo – desejam em suas escolas, não são capazes de, isoladamente, produzir algo mais significativo do que ambientes de simulação de abrangência e flexibilidade limitadas. Conecte qualquer computador a um sistema comunitário e, instantaneamente, a máquina de aprender estará ativa, acessível da escola, de casa, do trabalho, pouco importa. Mais significativa que sua infraestrutura de hardware, ou mesmo que seu software, é a interação humana que se constrói sobre ele.

Qualquer que seja a metodologia utilizada ou escolhida, a comunicação e inter-relação dos alunos é fundamental para validar experiências e desenvolver senso crítico. Somente através do confronto com seu grupo social o aluno poderá desenvolver uma opinião madura e efetiva. Isso requer reflexão crítica e capacidade argumentativa, fatores de aprendizagem que nunca se esgotam e geram como subproduto

uma independência de pensamento, bem de alto valor em qualquer interação social.

Dessa forma, a escola deixa de ser o centro de saber, mas o ambiente em que as interações são iniciadas. O professor também deixa seu papel de portador da verdade absoluta e transmissor oficial de conhecimento e passa a ser um orientador, promovendo a curiosidade de seus alunos em um processo contínuo de pesquisa, descoberta e aprendizado que, em última instância, pode vir a ser – por que não? – extremamente divertido. A interação e o reconhecimento das contribuições dos alunos tem um papel fundamental nesse sistema.

Questão: Quais técnicas da pedagogia moderna você usa em sala de aula que acredita gerar bons resultados? Você consegue imaginar alguma forma de digitaliza-la?

4. Novos mecanismos de ensino

O que muda na sala de aula? Nada. Ou melhor, muito pouco.

Ao contrário das evoluções em infraestrutura, a proposta de uma metodologia de ensino em redes de emergência com o apoio de computadores ligados à Internet não implica em grandes mudanças físicas em sala de aula. Se o ambiente demandar a presença de computadores conectados para os alunos, estes não precisam dominar o ambiente.

Uma máquina para o professor – preferencialmente ligada a um projetor ou telão – é o componente essencial. Todo o resto é dispensável. Deve-se levar em conta que o telão não deve substituir o quadro-negro, mas complementar seu conteúdo.

Trabalhos em grupo e atividades on-line realizadas em sala de aula podem demandar um computador para cada grupo de alunos, equipamentos que não precisam ser muito potentes, contanto que estejam conectados à Internet por conexão de banda larga. Serviços on-line não costumam demandar grande capacidade de processamento.

Como as aulas deverão ter forte teor de investigação e discussão, é recomendável que mesas e cadeiras estejam dispostas na forma de uma arena, assim todos os participantes poderão prestar atenção na

opinião dos outros, sem precisar se curvar para isso. O telão, se possível, deve ter a capacidade de apresentar as imagens do computador do professor e dos alunos de forma simples e eficiente.

A principal mudança promovida no ambiente de aula está na mudança de enfoque do professor e na forma com que coordena os elementos do processo educativo: computador, Internet, serviços, conteúdo, sala de aula, aluno, e, naturalmente, sua própria atividade. As inovações recentes promoveram um redimensionamento de valores, em que o professor deixou de ser o ponto fundamental do processo de aprendizagem. Isso não é, necessariamente, um mau sinal. Muitas vezes pode ter efeito extremamente positivo: o professor se torna, como defende o Construtivismo, um orientador para a construção de conhecimento. Esta nova forma de educar torna necessária a reavaliação da atuação do professor, desde a preparação das aulas até a conclusão de cada conceito trabalhado.

Antes fonte e referência de saber, hoje esse papel não cabe mais ao professor, até porque é impossível competir com a abundância de conteúdo disponível na Internet. O profissional de ensino se torna parte de um processo de desenvolvimento em que todos estão envolvidos. Se, a princípio, tal atitude pode parecer torná-lo menos importante ou respeitado (fato que, com o tempo, é veementemente negado), seus resultados tendem a aproximar os alunos do conteúdo, torná-los mais interessados e colaborativos, em um processo que pode transformar cada aula em uma discussão apaixonada e fascinante, de grande valor didático.

É importante destacar que a utilização de novas tecnologias demanda uma importante mudança de atitude do professor. Se ela não ocorrer, a participação dos alunos tenderá a decair, e, com ela, a qualidade do ensino. Não adianta tentar “enxertar” velhos métodos em um sistema completamente novo. É preciso, em muitos casos, reestruturar a aula como um todo. Afinal a construção do conhecimento não é um processo simples, muito menos instantâneo.

Para maximizar a importância do contexto, alguns projetos extra-classe podem complementar o conteúdo debatido em sala de aula. Eles podem ter fim social, educativo ou de simples entretenimento. Eles

podem ser multidisciplinares e integrados. O fator mais importante é que sejam interativos e integrados com as descobertas em aula.

Para desenvolver competências é preciso, antes de tudo, trabalhar com a resolução de problemas e o desenvolvimento de projetos, tarefas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos. Isso pressupõe uma pedagogia ativa e cooperativa, em que professores atuam como organizadores de situações didáticas, envolvendo os alunos para gerar aprendizagens.

Além de preparo técnico, o professor deve ser capaz de identificar e de valorizar suas próprias competências, sejam elas de cunho profissional ou social. Isso exige um grande trabalho de reflexão, observação, inovação e aprendizado e, principalmente, de autocrítica e de exposição de suas técnicas para a avaliação dos alunos. Como vivemos numa época de transição, a maioria dos professores ainda tem um histórico de aprendizado em estruturas escolares com espaços e tempos definidos e rígidos, que exigia atenção contínua e linear e tinha avaliações que só serviam para graduar alunos e classificá-los em termos de “certo” e “errado” e “bom” e “ruim”. Isso certamente precisa mudar.

Hoje quem determina as possibilidades de uso de aplicativos e da Internet na educação são os professores, com suas concepções sobre seu uso e aplicações. Não seria um mau critério, se eles tivessem uma formação adequada com relação ao uso dos computadores e tivessem claramente definidas a função de ensinar e, principalmente, uma prática pedagógica moderna e maleável.

Professores atentos a novidades, com desejo de atualização constante, terão maior facilidade na utilização de tecnologias com objetivos educacionais. Mesmo os que se habituaram a estruturas mais formais de aulas preparadas sempre da mesma forma podem, com o auxílio da tecnologia, torná-las mais dinâmicas, de acordo com o conteúdo curricular.

Ao professor precisa ser dada a oportunidade de colocar em prática as coisas nas quais acredita e municiá-lo com ferramentas adequadas para tal. Através de processos de integração, a escola pode se beneficiar das diferentes experiências de cada professor – complementadas por suas diferentes interações com variados grupos de alunos – para

formar redes de colaboração e capacitação continuada, contextual, versátil e maleável.

5. Software

Na discussão sobre modelos e metodologias para o uso do computador em sala de aula – e, conseqüentemente, para seu uso em práticas de ensino à distância – muito se debate com relação à infraestrutura (conexão, redes, computadores, periféricos) e pouco sobre os aplicativos de software a funcionar em tais máquinas. Como são pouco discutidos, esses aplicativos, apesar de fundamentais para a operação dos equipamentos, podem ser mal dimensionados ou até desprezados em questões de orçamento. Poucos parecem ter em mente que, diferente de aparelhos eletrônicos simples e dedicados, como televisores ou tocadores de CDs, um computador é uma máquina genérica, que só toma forma através de seus aplicativos.

Alguns cenários podem surgir do mau dimensionamento de software:

- *Nenhum software é instalado nas máquinas.* Os equipamentos são instalados, mas não têm como se conectar, nem ao menos como funcionar. Dessa forma não têm uso prático e, portanto, não são usados. O investimento é inútil, as máquinas ficam sujeitas à deterioração e possíveis furtos e são empecilhos em sala de aula;
- *As máquinas vêm com o sistema operacional pré-instalado, e ele é pouco convencional.* A escola resolve instalar um sistema operacional diferente, seja por acreditar que ele tem melhores condições de desempenho, seja porque se interessou pelos movimentos de software livre e código aberto e, principalmente, pela possibilidade de ter acesso gratuito a tais sistemas. Não é dito, no entanto, que um sistema operacional pouco convencional demanda conhecimentos técnicos específicos, e nem sempre há profissionais qualificados para configurá-los ou identificar possíveis soluções de software que possam satisfazer suas necessidades didáticas. Os alunos podem acessar a Internet e utilizar a maioria dos serviços que estejam disponíveis, se houver. Eles terão dificuldades, no entanto, se pretenderem utilizar aplicati-

vos instalados em suas máquinas. Tal cenário leva a uma situação de conflito, pois os computadores, apesar de funcionarem corretamente, têm sua aplicação prática reduzida ou nula, o que leva a resultados semelhantes aos descritos em (1).

- *As máquinas vêm com o sistema operacional pré-instalado, mas nenhum outro aplicativo.* Outro cenário possível é que o sistema operacional venha instalado como parte do acordo de compra de equipamentos. Em tais condições os computadores são mais acessíveis e maleáveis, mas ainda têm pouca aplicação didática. Como no cenário anterior, o aluno pode usá-los para acessar a Internet, mas enfrentará os mesmos problemas caso deseje utilizar as máquinas em aplicações locais.

Para os cenários (2) e (3) é fundamental a existência de um conjunto de aplicações didáticas on-line, instaladas em um servidor e acessíveis via Internet. Caso contrário elas serão instrumentos de dispersão ou acabarão por resultar no cenário (1).

- *As máquinas vêm com o sistema operacional e um grupo de aplicativos para uso administrativo.* Uma vez que a maioria dos computadores é usada para fins administrativos, é comum que, principalmente entre pessoas com pouca intimidade com as possíveis ofertas disponíveis, se instale os mesmos programas em sala de aula. A atitude é, em parte, justificável: uma vez que os alunos deverão aprender a manusear tais aplicativos mais adiante em sua vida profissional, utilizá-los em sala de aula parece uma boa idéia. No entanto, tais programas – editores de textos, planilhas eletrônicas, programas de apresentações gerenciais – são genéricos demais e têm pouca aplicação didática. Essas limitações podem levar a um aproveitamento menor das plataformas ou – pior – forçar professores a utilizá-las como parte de seu conteúdo programático. Se considerado que a adoção de sistemas digitais é um processo natural, espontâneo e razoavelmente rápido, não parece fazer sentido “ensiná-los” a utilizar ferramentas que são de instalação cara, operação pouco amigável e uso didático discutível. Uma proposta melhor pode ser a utilização de sistemas dedicados que funcionem como agentes de engaja-

mento e estímulo dos alunos para que eles se interessem pela rapidez, praticidade e flexibilidade da máquina. Para o uso de aplicativos específicos, sejam eles administrativos ou não, cursos técnicos dedicados podem ser bem mais eficientes.

- *A escola recorre à instalação de programas piratas.* Uma condição ainda pior que o cenário anterior, mas infelizmente bastante popular no país é recorrer à instalação de programas piratas. A prática, além de ilegal, pode causar uma série de danos. Do ponto de vista exclusivamente técnico, as aplicações piratas podem estar numa língua estrangeira ou numa tradução mal-feita, o que leva a dificuldades de compreensão. Podem ainda ter componentes mal-instalados ou defeituosos, o que leva à indisponibilidade de certas habilidades. Elas também podem conter vírus ou outros tipos de software daninho (*malware, spyware, adware*) que podem causar danos às máquinas ou aos conteúdos gravados em seus discos de armazenamento. Elas também podem ser instáveis e cessar seu funcionamento por conflitos de rede ou mau uso de memória, o que leva à interrupção – e, muitas vezes à perda – de trabalho. Do ponto de vista moral, os danos são ainda maiores: se o programa não funcionar perfeitamente, o aluno pode se frustrar e passar a acreditar que computadores não são confiáveis, o que gera uma atitude de natural resistência. Mesmo que funcionem perfeitamente, provocam um dilema ético, uma vez que um programa pirata é um claro roubo de propriedade intelectual que, se estimulado pela escola, será aceito pelo aluno como prática correta e, por ter baixo custo, até estimulada. Por último, programas ilegais, da mesma forma que os aplicativos administrativos listados no cenário anterior, não têm uso específico para a educação e estão sujeitos, portanto, aos mesmos problemas.
- *A escola compra aplicativos para uso didático específico.* Mesmo que a escola se disponibilize a enfrentar o alto custo da compra de licenças de funcionamento para programas didáticos, existem três bons motivos para que tal prática seja pouco eficiente:

- *São muitos os programas necessários* – empresas fabricantes de sistemas de educação a distância costumam mostrar listas de possíveis aplicações para cada disciplina, turma ou série. Um cálculo simples mostra como os custos de tais sistemas podem ser proibitivos: uma escola que resolva aplicar um programa didático mensal, a título de aula prática, para cada série e disciplina de seu currículo, seria obrigada a comprar entre seiscentas a novecentas aplicações em média. Mesmo que o preço de cada aplicativo seja muito baixo, cerca de cem reais, o custo do conjunto de software causaria um impacto significativo no orçamento da escola, em um investimento mais alto que alguns laboratórios de Informática completos. Se cada aplicativo cobrar uma licença de dez reais por turma, o valor cresce de acordo com o número de alunos que os utilizem, e o mesmo se aplica se as licenças de uso forem genéricas, porém atualizadas anualmente. A cada período letivo ou nova turma, por exemplo, o investimento em software seria equivalente à compra de diversos computadores potentes.
- *O treinamento é intenso* – mesmo sem levar em consideração os resultados da pesquisa da UNESCO, o treinamento de cada professor para cada ferramenta de software demanda um esforço considerável, que, naturalmente, tem custos. A resolução de dúvidas e o treinamento de novos professores deve ser levado em conta. Levados em conta os resultados da pesquisa, a situação é ainda pior, uma vez que professores com pouca experiência na área digital terão maiores dificuldade de aprendizado e retenção de conhecimentos, o que os levará a uma natural resistência e insegurança para sua aplicação, ainda mais se considerado que os alunos podem entender o programa mais rapidamente e, conseqüentemente, fazer perguntas que estejam além da capacidade do professor. Esse processo é pernicioso.
- *Para usar recursos tão caros, o professor precisa ajustar seu currículo* – esse ajuste não é necessariamente bom, uma vez que as práticas didáticas do software raramente condizem com o

ambiente, condições regionais, histórico, resultado esperado e condições do professor. Se a ferramenta for estrangeira, a adaptação pode incluir alterações curriculares. O aplicativo, comprado com a intenção de ser um suporte às aulas pode, em muitos casos, se tornar um desvio forçado de rota cujos efeitos são mais daninhos que benéficos.

- *Os resultados de tais programas não costumam compensar o investimento feito neles* – mesmo nos melhores casos, em que o aplicativo seja de baixo custo e gratuito, demande pouco ou nenhum treinamento e seja facilmente aplicável em sala de aula (caso muito raro, consideradas todas as variáveis envolvidas), o investimento talvez não compense. O software educacional tenderá, em muitos casos, a ser um ambiente de construção e simulação, em que o aluno poderá fazer escolhas, mas dificilmente poderá propor novas abordagens. Se não estiver interligado a um abrangente serviço em rede – caso usual na maioria dos aplicativos do gênero – a experiência não poderá ser compartilhada e tenderá, dessa forma, a ser restrita.

Torna-se necessário, portanto, um sistema de aplicativos educacionais conectados que criem um ambiente de construção, investigação e progressão e que, nos moldes construtivistas, se adapte às necessidades e particularidades de cada região, turma, classe e professor. Mais do que isso, esse sistema de aplicativos deve dar início a uma série de discussões em classe e apoiar o processo de descoberta e resolução de problemas. Dessa forma, ele servirá como impulso para a construção de conhecimento coletivo e colaborativo. Seu uso deve ser estimulado, divertido e interessante, proporcionando a formação de grupos espontâneos e avaliação pelas comunidades formadas. Ele deve ser acessível via Internet, em sala de aula, em casa, à distância ou em todos esses casos simultaneamente. Suas ferramentas devem ser fáceis de usar e amigáveis. Elas devem habilitar o professor para ser o gestor do conteúdo gerado por ele. Se for capaz de construir um corpo de referência maior, mais abrangente e mais longo que a experiência didática, tanto melhor.

6. Componentes da aula:

Apesar de determinados equipamentos, programas e serviços serem necessários, eles são, em sua maioria simples e de custo muito baixo (e se reduzindo a cada ano), o que os torna bastante acessíveis. São eles:

- **Acesso à Internet** – tanto para o computador administrativo, que promoverá a instalação de todos os programas como a moderação do conteúdo gerado pelos alunos;
- **Endereço digital em provedor de acesso** – o conhecido “*site*” na internet. Conforme as tecnologias utilizadas, determinadas configurações serão necessárias;
- **Programas instalados no servidor** – conforme a necessidade de cada disciplina. A maioria dos programas é bastante simples e pode ser instalada remotamente, sem requerer conhecimentos técnicos;
- **Computador do professor** – na sala de aula é a máquina que será utilizada para exposição e discussão do conteúdo gerado pelos alunos (se possível, em telão de projeção); e
- **Computador para os alunos** – não é necessário que ele esteja em sala de aula (pelo contrário, uma máquina com livre acesso pode ser extremamente dispersiva e contraproducente).

Instalados no servidor poderão estar os seguintes recursos:

- *Lista de discussão por e-mail* – para que os alunos possam trocar ideias entre si, com o professor e com alunos de outras turmas;
- *Blogs* – para registro do conteúdo das aulas, dúvidas e programa;
- *Álbuns de referências* - para registro de imagens, sons e filmes utilizados como referência em aula para consulta de todos;
- *Fóruns* – para a discussão de tópicos mais detalhados;
- *Wikis* – para depósito e consulta de trabalhos de alunos;
- *Podcasts, Videocasts* - para.

Esse material pode ser complementado com o apoio de serviços externos.

7. Ações à distância

A substituição de professores por computadores é sempre muito discutida quando o assunto é EAD. Na opinião do diretor de tutoria da AIEC (Associação Internacional de Educação Continuada), Eufrásio Prates, existirá uma espécie de transformação do papel do professor com o avanço da educação a distância. “Neste primeiro momento, o que ocorre é uma demanda muito grande por professores para auxiliar na estruturação dos cursos. A média de professores por curso atualmente acaba sendo maior que no presencial (cerca de um para cada 30 alunos), mas no futuro, com o ganho de escala significativo, a tendência é a redução desses profissionais. Em compensação haverá uma maior necessidade de tutores, que são os coordenadores pedagógicos, que orientam o aluno no todo e têm necessariamente que estar localizados perto do estudante. Isso ajudará a descentralizar o ensino superior. A demanda por tutores em regiões mais afastadas deve crescer com a expansão da educação a distância”, afirma.

O coordenador concorda, em termos, com a opinião de Domingues quando o assunto é o distanciamento do aluno com o professor. “Por isso optamos pela metodologia semi-presencial, na qual de quando em quando a turma se reúne. O isolamento total do aluno faz com que ele perca o interesse. A opção de estudar em horários alternativos por meio do computador é uma grande vantagem, mas ele tem também que interagir com professores e colegas e este é exatamente o papel do tutor”, afirma.

Prates lembra que há também uma evolução nas tecnologias para facilitar o acesso dos professores e reduzir a necessidade de conhecimentos técnicos. O grande desafio atual é tornar cada vez mais simples para o docente a preparação de cada aula, como a publicação de novos capítulos e conteúdos para o acesso dos participantes de cada curso. “Antes o nosso cliente era o designer, que iria receber o conteúdo pronto do professor ou do editor didático. O designer é técnico e conhecia ferramentas mais complexas. Atualmente a função do designer é mais a de criação. Portanto as novas ferramentas têm

que ser fáceis de usar e rápidas”, afirma o diretor geral da Macromedia no Brasil, Antonio Luiz Schuch.

Uma nova ferramenta desenvolvida pela empresa permite que o professor crie o conteúdo em PowerPoint, que já é bastante conhecido e utilizado, e publique material utilizando recursos que integram som, imagem e recursos gráficos. O professor também consegue ter o controle de acesso e geração de relatórios de audiência e permite ainda qualificar o desempenho dos estudantes, permitindo a análise dos resultados. “Tudo isso sem a necessidade de técnicos para a operação, agilizando o processo. É válido lembrar que o professor já tem a criatividade e com essas ferramentas na mão ele será a pessoa mais indicada para saber como ilustrar e tornar sua aula mais interessante. Estamos falando de e-learning e não de e-reading, o aluno precisa de atrativos já que estamos em um ambiente multimídia”, afirma Schuch.

Questão: Imagine um plano para colocar em prática algumas das ideias propostas neste texto, mesmo sem ter conhecimento técnico específico. Há muitos profissionais técnicos dispostos a ajudar, mas eles não saberão o que fazer se o professor não tiver um plano de ação claro. (ex: quero um blog de tal disciplina, atualizarei todas as segundas-feiras e moderarei os comentários diariamente. O conteúdo será retirado de...)

Considerações finais

À medida que cresce o grau de relacionamento do indivíduo com a cercania digital que o envolve, ruma-se para uma cultura de simulação em que todos se sentem cada vez mais confortáveis ao aceitar substituições da realidade como reais. Essa relação ilusória ocorre em vários níveis a tal ponto de ser parte efetiva da cultura atual e tornar difusa a fronteira entre o verdadeiro e o intencional simulado. Corpos modificados, teleconferência, som digital... em última instância todas são formas artificiais e híbridas, aceitas como as reais.

E não haveria por que ser diferente. É da natureza humana buscar engenhos para melhorar sua aparência e desempenho, e é questionável

até que ponto a construção de um espaço digital é tão diferente de uma pintura corporal aborígene.

Por mais que a “revolução digital” assuste a muitos com sua velocidade e fúria, a tecnologia não é uma entidade estranha ao ser humano. Muito pelo contrário, há suficientes evidências que levariam a acreditar ser ela um dos ingredientes mais essenciais da humanidade. Que outra forma destacaria o homem das outras espécies senão uma irritação e insatisfação geral com o estado das coisas a ponto de procurar, sempre, mudá-lo? Desde o Homo Habilis, o homem sempre inventou ferramentas para modificar o mundo e aumentar seu poder e nunca se satisfaz com elas. Em místicas buscas internas ou em próteses tecnológicas, sempre foi inerente ao homem uma ânsia de livrar-se das limitações do próprio corpo e de ampliar sua percepção, compreensão e atuação sobre o mundo, a tal ponto de estar mais para Homo Dissatisfactens que para Sapiens.

De qualquer forma, não há como parar o progresso. Os regimes autoritários da Coreia do norte, China e Afeganistão – bem como os de muitos outros países, sejam subdesenvolvidos ou não – agem como a criança que fecha os olhos para se tornar invisível. A evolução tecnológica é onipresente, não é uma conspiração de um grupo de manipuladores chamado de “sistema” e seus industriais sempre em busca de dinheiro, que forçaria, através da publicidade, a comprar coisas inúteis e frágeis. O socialismo não quis ver essa realidade, obrigou a um igualitarismo entre pessoas, que sempre buscaram melhorias e não deu certo. Não poderia dar.

A melhor forma para isso talvez seja buscar na tecnologia formas de resgatar seu espírito humano, suas características independentes e primitivas, das quais muitas vezes ele se envergonha: virtudes como fé, esperança, caridade; emoções como paixões e ódio; além, é claro, dos sete pecados capitais. É isso que o conecta aos tempos de Shakespeare, não uma roupa de algodão cru.

Fala-se que a internet separa as pessoas. É verdade. Mas ela também as conecta, mesmo que seja sem contato físico. Se não fosse assim, as salas de chat não seriam tão populares. No começo do século XX, o homem escrevia cartas, cem anos depois manda e-mail e, apesar de

uma vigorosa mudança no meio, o conteúdo da mensagem de ambos não é tão diferente assim.

Ao se analisar episódios antigos através da literatura, percebe-se que o cenário mudou, mas as tramas e os personagens continuaram os mesmos. Os mitos gregos têm quase 2000 anos de idade e continuam a emocionar e instruir, e mesmo nas histórias modernas, a tecnologia nunca desempenhou papel importante. Filmes marcantes das décadas de 40 e 50 não falam do crescimento da aviação comercial ou da população urbana. Filmes dos anos 70 raramente citam o computador. Histórias atuais não estão preocupadas com a internet. As poucas que estão são de qualidade duvidosa. Músicas idem. As histórias de hoje — como os seres humanos de hoje — são as mesmas de sempre e tratam daqueles que, por mais que tenham se tornado *Sapiens*, continuam a ser, fundamentalmente, *Homo*.

É possível imaginar uma escola do futuro sem máquinas magníficas ou estruturas fantásticas, mas recheada com aquilo que caracteriza a obra humana: conteúdo. Presentes ou remotas, as novas escolas de conhecimento poderão construir as estruturas que quiserem, pois as únicas restrições que enfrentarão estarão dentro de si.

BIBLIOGRAFIA

RADFAHRER Luli , Enciclopédia da Nuvem. São Paulo: Elsevier-Campus, 2012. Pp. 224. ISBN/EAN: 9-788535-248227

2.

RELIGIÃO E REDES SOCIAIS: DIFUSÃO, RELEVÂNCIA E ÉTICA DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Rafael Shoji¹

1. Introdução

Vivemos uma época fascinante no que diz respeito à tecnologia, especialmente à da computação, que vem redefinindo processos, relacionamentos e mesmo o que é humano a cada geração. Essas mudanças têm se acelerado nas últimas décadas e não existe nenhuma indicação de que o ritmo das transformações irá se desacelerar. Ao contrário, tudo indica que a evolução tecnológica seguirá uma evolução exponencial, ampliando enormemente nossas capacidades e poder de interação e processamento. Quanto à ética, no entanto, nosso avanço segue numa velocidade muito menor. O risco de uma tecnologia avançada converte-se no risco de se ter o poder, mas sem a possibilidade de reflexão crítica e maturidade ética, que não conseguem acompanhar o avanço da tecnologia. Nesse sentido, a internet propicia um ambiente no qual existe pouca ou nenhuma responsabilidade no seu uso. Considerando aspectos éticos, precisamos repensar nossa forma de relacionamento com os ambientes virtuais e fazer a tecnologia trabalhar alicerçada na ética.

Nessa apresentação para o Curso de Verão, iremos nos concentrar em dois tópicos: o primeiro diz respeito à presença das religiões na internet, considerando especialmente o impacto da tecno-

¹ Rafael Shoji é formado em ciência da computação e doutor em Ciência da Religião na Universidade Leibniz Hannover (Alemanha), especialista em religiões orientais, pesquisador pelo CERAL na PUC-SP e sócio-diretor da E-VAL Tecnologia, empresa com foco em sistemas criptográficos e de identidade digital.

logia nas novas gerações e destacando as formas de apresentação da religiosidade na rede. As religiões serão analisadas considerando ambientes sem censura e sem uma forte presença religiosa do Estado. Serão apresentadas algumas abordagens computacionais para essa análise, como forma de ilustrar o potencial das ferramentas analíticas.

O segundo tópico diz respeito mais diretamente à ética e identidade no contexto digital. Ao contrário de outras abordagens relacionadas à ética na internet, focadas em casos, *sites* específicos e desvios de comportamento; nesse curso o principal que queremos apresentar são alguns conceitos técnicos que indicam que existem soluções técnicas para que se crie responsabilidade no ambiente virtual. Se usada e exigida na prática (algo que envolve vontade política e organização da sociedade), o uso de uma identidade digital forte poderia reduzir em muito a possibilidade do crime cibernético e da falta de segurança na rede, ao mesmo tempo mantendo a privacidade e o sigilo.

2. Adaptação de Religiões na Internet

2.1 Religiões na Internet

Como os sistemas de busca podem atestar, praticamente todos os temas relacionados a religiões e à espiritualidade estão presentes na internet. Ainda que as religiões mais tradicionais tenham inicialmente postergado sua entrada no mundo virtual, diversas comunidades religiosas têm feito divulgação e disponibilizado suas informações através da internet. Principalmente novas religiões ou comunidades alternativas, mas também grupos que pertencem a religiões tradicionais, mas que, anarquicamente, se reúnem à margem das instituições tradicionais, têm usado intensamente a internet para trocar mensagens, formar comunidades virtuais e mesmo realizar rituais on-line. De fato, a internet oferece um espaço de convivência para grupos que têm dificuldades de ter um espaço físico, devido à distância física ou custo financeiro, como é o caso de muitos grupos heterodoxos ou religiões alternativas.



Fig. 1: Em um festival religioso nas margens do rio Ganges, um alegre hindu escuta uma previsão sobre sua sorte a partir de um robô improvisado (Dibyangshu Sarkar/AFP).

Como uma nova mídia para exposição e organização da religião, a internet pressupõe uma série de transformações. Em primeiro lugar, diversos materiais tradicionais e de difícil acesso são disponibilizados, em um fenômeno semelhante ao da invenção da impressão de livros, algo que democratiza o acesso à informação e dificulta seu controle hierárquico ou secreto. Por outro lado, como a internet também é um meio barato e livre, muitas informações falsas são veiculadas. Mesmo que a internet apresente uma quantidade imensa de textos, imagens e mesmo de sons e filmes que documentam muito das práticas religiosas contemporâneas e tradicionais, é essencial lidar criticamente com essas informações.

Do ponto de vista doutrinal, visões religiosas se fundem facilmente na internet devido à possibilidade de livre expressão individual e da possibilidade de acesso *on-line* a praticamente todas as religiões. Essa tendência promovida pela internet, bem em sintonia com uma espiritualidade Nova Era, pode ser observada na própria navegação dos usuários por *sites* religiosos, no conteúdo de diversas páginas e nas próprias religiões e rituais virtuais surgidos na internet, que apresentam uma combinação com conceitos científicos populares e uma tendência ao sincretismo. Essa possibilidade também estimula o surgimento de grupos e visões religiosas novas influenciadas pela tecnologia, impulsionadas por essa nova forma de organizar comunidades. Por outro lado, no que se refere ao poder e hierarquia religiosa, a internet tem sido vista como uma mídia mais democrática, mas isso atualmente é questionado e aceito somente de forma parcial. De fato, ainda que a

internet possibilite a expressão de uma série de tendências que não teriam espaço sem essa tecnologia, muitas *macro-relações* de poder e autoridade presentes no mundo *off-line* encontram-se espelhadas no mundo *on-line*. Mesmo os governos mais livres tem imposto restrições à internet, isso para não citar regimes mais autoritários como Irã e China.

No caso das religiões, outra característica na internet é que as barreiras geográficas são praticamente eliminadas, possibilitando que grupos dispersos adquiram uma coesão social através da rede, uma característica especialmente significativa para grupos étnicos em diáspora. Essas comunidades *on-line*, alguns discutidos adiante, têm características de expansão em forma de rede e apresentam vasta documentação disponível nos grupos e nas listas de discussão e *sites* de relacionamento, podendo ser prospectadas computacionalmente na Web, conforme será discutido nos itens a seguir.

2.2 Redes Sociais

Um desafio apresentado aos pesquisadores de comunidades *on-line* é o problema de conceptualizar, compreender e desenvolver metodologias relevantes para o mundo virtual. Como comunidade religiosa *on-line* entende-se um grupo de pessoas que compartilham de uma mesma visão espiritual e que interagem através de meios eletrônicos, especialmente aqueles proporcionados pela internet (principalmente *sites* de relacionamento, e-mail, listas de discussão, chats e blogs).

Como pode ser desenvolvida uma metodologia que estude o desenvolvimento dessas comunidades? Abordagens iniciais tendiam principalmente para estudos semióticos, baseados na análise do discurso e de mídia, culminando com uma área de pesquisa centrada na comunicação mediada por computadores. Mais recentemente, uma das inspirações tem sido uma apropriação da metodologia de pesquisa de campo do mundo “real” para estudos *on-line*. Essa tendência surgiu a partir da observação de que muitas comunidades *on-line* são bem menos virtuais do que se supunha. Combinando a abordagem semiótica e a observação participante, a metodologia proposta mais utilizada é uma pesquisa de campo intensa, de forma a possibilitar a análise de discurso e de texto através de e-mail, fotos, imagens e páginas

compartilhados pelo grupo. Ainda que a pesquisa nesse sentido possa ser vista como algo particularmente simples, mensagens trocadas e a interferência nas listas de discussão e *sites* de relacionamento podem se tornar facilmente objeto de polêmica e mesmo de discussão ética, o que questiona o papel da metodologia antropológica.

Em que sentido as comunidades *on-line* diferem das comunidades reais é uma pergunta que vem rapidamente se tornando de difícil resposta, dada a confluência dos mundos virtual e real. Muitas entidades religiosas mantêm um *site* ou uma lista de discussão e muitas relações e conflitos no mundo virtual são rapidamente trazidos para o mundo físico, e vice-versa. De qualquer forma, conforme já aludido, diferenças básicas são a ausência de barreiras geográficas e a larga disponibilização de conteúdo, o que ocorre paralelamente às identidades falsas, conteúdos alterados e informações incompletas. No que se refere à autoridade e apresentação do grupo, comunidades virtuais observadas apresentam muitas características de grupos reais, mas o uso de identidades falsas e a falta de contato pessoal faz com que as *micro-relações* de autoridade se construam com menos legitimidade e força do que comunidades reais, sendo muitas relações na rede associadas a uma identidade virtual somente temporária. No que tange aos grupos religiosos virtuais, de fato *cibertemplos* e listas de discussão podem ser facilmente criados, mas também são facilmente tirados do ar. É de se notar que não existem mais muitos *cibertemplos* que foram referenciados ou pesquisados há alguns anos atrás.

2.3 Abordagens Computacionais

Uma outra possibilidade de pesquisa das comunidades *on-line* ainda pouco explorada nas ciências humanas é o uso de estruturas formais que descrevam as ligações entre páginas ou membros da comunidade. Usando sistemas de busca orientados e especialistas, dado um tópico é possível desenvolver estudos das comunidades espelhadas nos *sites*. Esse é um componente bastante difícil de sistematizar nas redes sociais *off-line*, mas passível de tratamento formal e computacional nas comunidades na internet. No caso de *sites*, os *hiperlinks*, *rankings* de similaridade e as trocas de mensagens podem ser vistos como arcos em um grafo

orientado. O mesmo ocorre em *sites* de relacionamento. A partir do estudo desses grafos, uma estrutura topológica que busca estudar matematicamente as propriedades de nós que se relacionam entre si, pode-se identificar micro e macro relações sociais intermediadas pela rede.

Nos estudos tradicionais da Web como um grafo, têm sido destacados algoritmos para busca e enumeração de tópicos, classificação usando *hyperlinks*, prospecção de comunidades e identificação de componentes fortemente ou fracamente conexos. Essa área, conhecida na ciência da computação como mineração da Web, tem sido dividida tradicionalmente em mineração de conteúdo, estrutura e uso. A identificação de comunidades virtuais pode ser vista como um problema geral de identificação e busca de redes sociais. Essa formalização e a mineração de dados podem ser usadas para gerar conhecimento científico sobre o comportamento humano nessas redes, mas na prática tem sido mais usado para propaganda e indicação de produtos, a principal fonte de faturamento das empresas que desenvolvem esses *sites* (as pessoas que consomem os serviços nesses *sites* gratuitos são na verdade consumidores em potencial, uma audiência que fornece informações a potenciais fornecedores de produtos).

A partir de um ponto de vista teórico já existem vários algoritmos de busca de comunidades virtuais e novos modelos, baseados na expansão de subgrafos a partir de conectividade ou similaridade. A Web pode ser vista como um grafo orientado em que cada nó contém dados semi-estruturados e os links representam os arcos entre os nós. A partir de modelos em grafos pode ser buscada a identificação de comunidades religiosas. Nesses estudos, o uso da palavra comunidade tem um caráter muito mais formal e, usando uma abordagem de grafos dirigidos, comunidades podem ser definidas como grafos bipartidos fortemente conectados ou como componentes densamente conexos, identificados a partir do teorema de fluxo-máximo/corte-mínimo.

Para ilustrar a identificação e categorização de comunidades religiosas na internet, seguem abaixo algumas figuras que exemplificam o caso do Catolicismo e do Budismo japonês no Brasil, geradas a partir da ferramenta TouchGraph SEO (<http://www.touchgraph.com/seo/>), que utiliza a base de dados de *sites* relacionados do Google:

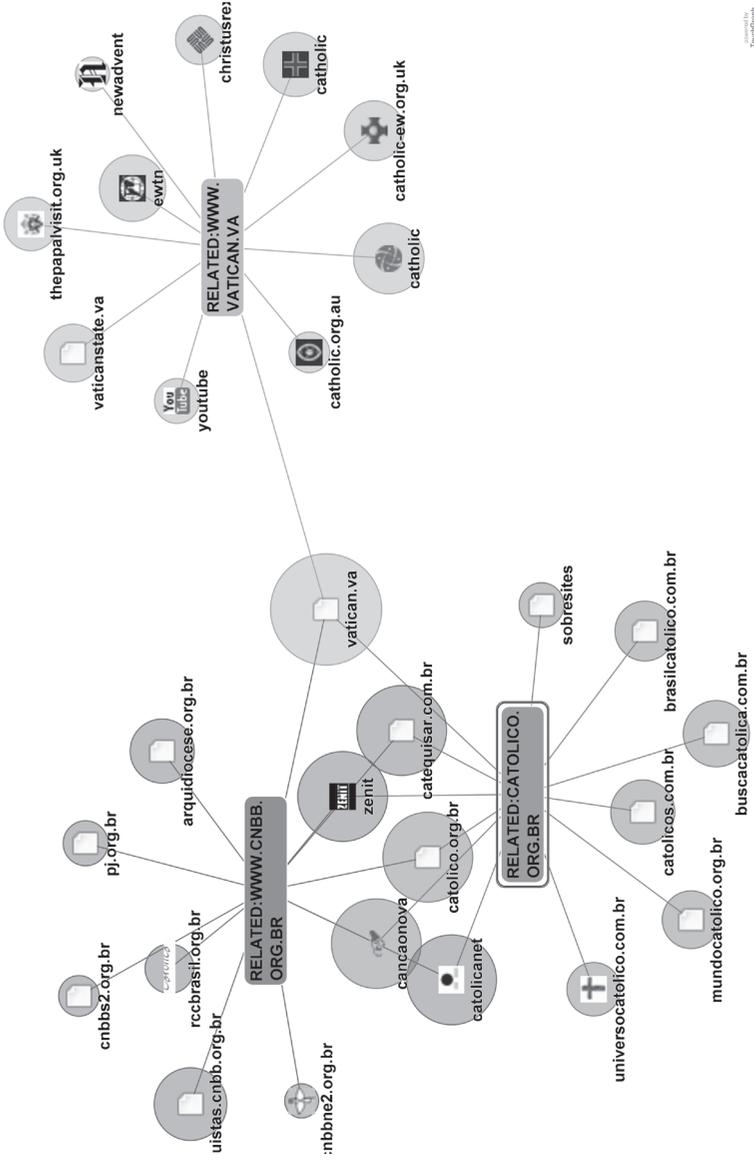


Fig. 2: Sites relacionados com a CNBB em 2012. Como esperado, existe uma associação mais forte com sites oficiais como o do Vaticano, além de ações educacionais voltadas para a catequese e a veiculação de informações oficiais.

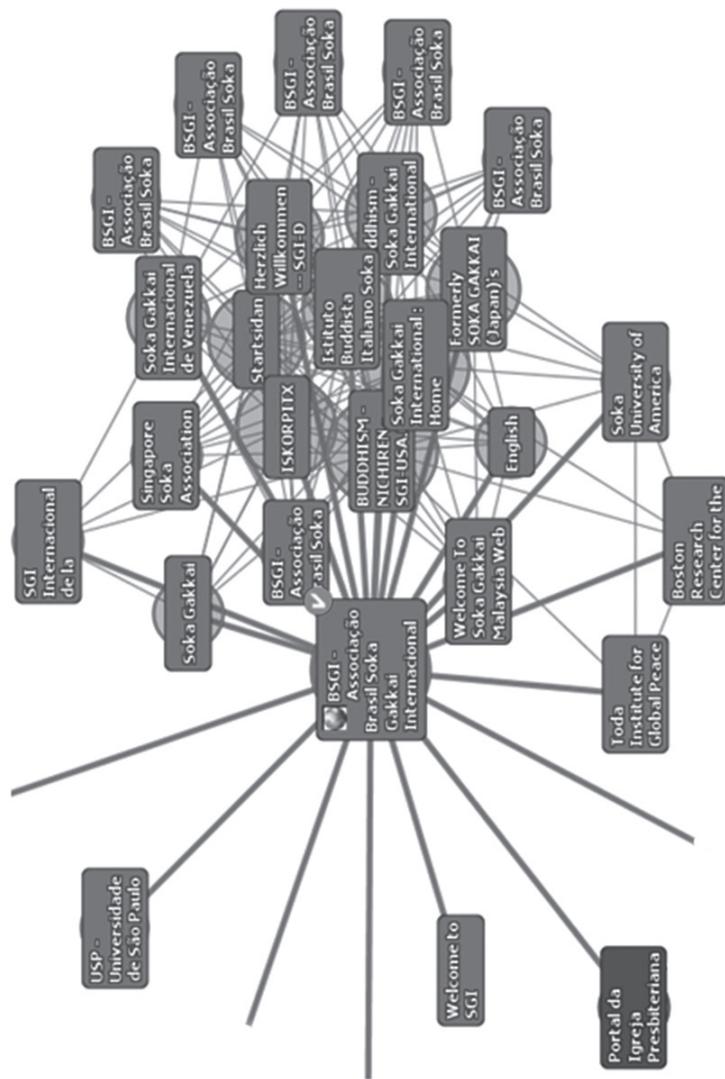


Fig. 3: Sites relacionados com a Soka Gakkai do Brasil, uma novo movimento budista japonês baseado em Nichiren. A organização virtual da Soka Gakkai na internet em 2008 reflete suas características doutrinárias e organizacionais, como um grupo mais fechado e exclusivista, e sua relação quase que exclusiva com outros sites internacionais da organização.

Nos sites de redes sociais, a presença da religião também pode ser mensurada e padrões conforme o exposto acima também podem ser encontrados na web. Abaixo algumas estatísticas mais simples, a partir de frequência de palavras-chave, mostram que as religiões institucionalizadas ainda são relativamente fracas nesse tipo de mídia:

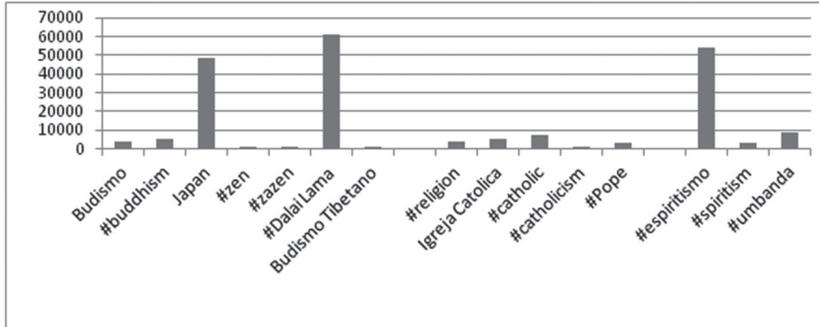


Fig. 6: Segundo pesquisas, quase todos os brasileiros que acessam a internet usam redes sociais e em 2012 o Brasil se tornou o segundo país do mundo com mais usuários no Facebook. Levantamento realizado em 30/10/2011 mostra índices por palavras-chave, através da ferramenta de anúncios do Facebook para escolha de público-alvo, podendo ser destacada a fraca atratividade e presença do aspecto institucional. Nessa data constavam 30.453.260 de usuários no Brasil (cerca de 15% de toda população).

QUESTÃO: As instituições religiosas são hierárquicas e têm como fundamento manter a doutrina; a internet por outro lado é anárquica e anônima. Como as instituições devem ser representadas e buscar audiência na rede, considerando a importância que as novas gerações dão ao ambiente virtual? Como seria uma igreja virtual, uma comunidade, uma pastoral na internet? Como equilibrar legitimidade institucional e participação virtual?

3. Utopia e Distopia Digital

3.1 Tendências Atuais

Conforme os números e gráficos abaixo atestam, vivemos um crescimento exponencial da capacidade computacional das máquinas, do número de dispositivos eletrônicos e da informação armazenada:

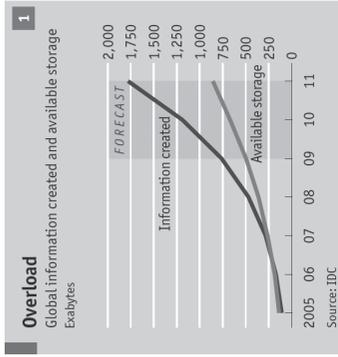


Fig. 9

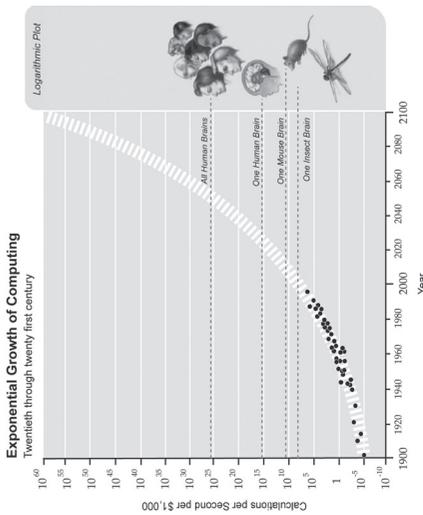


Fig. 7

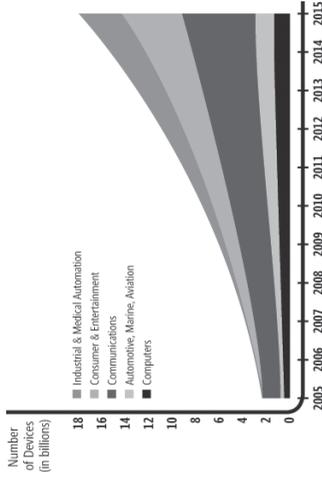


Fig. 8

Source: John Gantz, "The Embedded Internet, Methodology and Findings," IDC, January 2009

Fig. 7, 8, 9: Indicadores de um crescimento exponencial da capacidade de processamento e número de dispositivos eletrônicos, de acordo com Kurzweil e a revista "The Economist", a partir de dados do IDC. Além do aumento de poder computacional profetizado pela lei de Moore, atualmente existem outras formas de expansão desse processamento, como a computação em nuvem. Sobre a expansão da informação armazenada, a estimativa é que chegamos a 1.750 exabytes criados em 2011 (um exabyte equivale a um milhão de terabytes). Segundo a UC Berkeley School of Information, "todas as palavras já faladas pelos seres humanos" poderiam ser armazenadas em aproximadamente 5 exabytes de dados.

No que diz respeito às aplicações, em termos quantitativos, essa tendência de uma crescente explosão dos dados pode ser exemplificada a partir dos seguintes indicadores:

- Cerca de 300 bilhões de emails são enviados por dia (90% são spams ou mensagens com vírus).
- Segundo a IBM, usuários do Facebook escrevem cerca de 1 bilhão de mensagens por dia.
- Também segundo a IBM, usuários do Twitter enviam cerca de 200 milhões de mensagens por dia.
- Segundo a revista “*The Economist*”, 50 horas de vídeo são colocadas no Youtube por minuto.

Qualitativamente, aqueles que são educados e crescem com esses meios são nativos digitais neles. A percepção qualitativa nesse sentido é de uma progressiva simbiose entre o homem e os computadores. Nossa orientação espacial é substituída pelo GPS, nossa memória por uma busca ao Google ou pelas muitas fotos digitais que tiramos mas não vemos, nossos relacionamentos sociais são mediados pelas máquinas.

Redes sociais para esses nativos digitais não são modelos da realidade, conforme exemplos anteriores, mas sim também modelos *para* a realidade, no sentido de que definem relações sociais. Como essa evolução das máquinas é exponencial, na verdade temos vários tipos de nativos digitais, o que acentua potenciais diferenças entre gerações, em termos de uma progressiva relação simbiótica com as máquinas.



Fig. 10, 11: Para muitos bebês, como o mostrado acima, uma revista de papel é um iPad que não funciona. O risco no entanto é que a humanidade desenvolva hábitos pouco saudáveis e se torne dependente fisicamente e psicologicamente das máquinas, como mostrado na figura acima do filme “Wall-E” da Pixar Animation Studios.

3.2 Pós-Humanismo

Na terceira e última de suas “leis”, o famoso escritor de ficção científica Arthur C. Clarke afirma que não se pode distinguir qualquer tecnologia suficientemente avançada da mágica. Essa afirmação pode ser estendida com a observação de que “suficientemente avançada” é algo relativo, dependendo de uma pessoa, cultura e mesmo época. De fato, muitos consideram mágica uma tecnologia que não compreendem, e a progressão da história mostra a crescente tendência de não podermos compreender toda a tecnologia que utilizamos.

Essas constatações resumem um fenômeno bastante comum na relação do homem contemporâneo com a tecnologia e conduzem a duas possíveis conseqüências. A primeira é uma relação *animista* do homem moderno com as máquinas, enquanto que a segunda é uma atitude especulativa com relação ao progresso, defendendo que a evolução dos computadores terá como conseqüência um *pós-humanismo*. Essas correntes de análise da tecnologia apontam a religiosidade implícita ou explícita na relação entre tecnologia e futuro, entre idéias utópicas e distópicas, entre tecnófilos e tecnófobos, com argumentos de correntes integradas e apocalípticas.

Uma relação animista com a tecnologia, que alguns caracterizam como tecnopaganismo, pode ser apontada lembrando o misticismo implícito presente no nosso discurso sobre computadores e internet, que personifica as máquinas da mesma forma que outras gerações personificavam a natureza. Um dos melhores exemplos de uma relação animista com a tecnologia é a posse e cuidado de vidas artificiais o que inclui animais de estimação e mesmo robôs. Outros exemplos vem do vocabulários usado em temas relacionados com computadores, que podem ser ilustrados através de nomes como “vírus”, “memória”, “realidade virtual” e “inteligência”. Através de uma sutil, mas contínua alteração na gramática filosófica, segue um importante processo de validação de um vocabulário animista.

Seria bastante extenso discutir todas as ramificações dessas tendências, e é provável que as novas gerações não tenham nenhum estranhamento filosófico com a crescente e imperceptível antropomorfização

das máquinas. A inteligência artificial forte, no entanto, é bastante discutida nas chamadas ciências cognitivas e será aqui analisada, em conjunto com a visão religiosa que vem emergindo desse pós-humanismo. A crença na possibilidade de uma inteligência artificial forte defende que o cérebro humano pode ser visto funcionalmente como uma espécie de computador e a mente como um tipo de programa. De forma inversa, um computador apropriadamente programado é visto, na perspectiva da inteligência artificial forte, como uma mente que efetivamente entende e que tem estados cognitivos.

A possibilidade de uma inteligência artificial forte é um tema debatido de forma intensa tanto na filosofia da mente quanto na ciência da computação. Como um dos principais críticos, John Searle vem desde os anos 80 defendendo uma versão mais formal do argumento de que computadores são definidos somente por um conjunto de regras para manipulação de símbolos, capaz de manipular estruturas sintáticas, mas sem a possibilidade de apresentar conteúdo semântico ou intencionalidade. Sua posição pode ser representada pelo seu famoso argumento do quarto chinês, um experimento do pensamento que pode ser resumido da seguinte forma: considere um não-falante de chinês trancado em um quarto, que recebe ideogramas chineses por uma pequena portinhola e que, depois de consultar regras complexas para manipulação de símbolos (regras que podem estar descritas em um livro, por exemplo), gera ideogramas de saída que compõem uma resposta inteligível ao observador externo. Apesar de não saber chinês, a pessoa no quarto consegue processar uma entrada e gerar respostas em chinês a partir de consulta a regras. Para Searle, esse experimento conceitual mostra claramente que a possibilidade de manipular símbolos com base nas mais complexas regras, mesmo que de forma inteligível e aparentemente consciente para o observador externo (e, portanto, de acordo com o teste de Turing), não é equivalente a um conteúdo semântico ou intencional que está presente em qualquer estado consciente.

Nem todos concordam com Searle. Ainda que muitos estudos mostrem o animismo que perpassa a relação contemporânea que temos com a tecnologia, ou mesmo um reducionismo semântico do

tipo funcionalista latente na inteligência artificial, ainda é discutível se o avanço da ciência não trará uma virtualização da realidade e uma fronteira pouco nítida entre o mundo biológico e o artificial. No outro espectro do que representa a crítica de Searle está a postura pós-humanista de inventores e futuristas como Ray Kurzweil e de sociólogos como William Bainbridge.

A previsão de Kurzweil para o futuro é determinada pelo crescimento exponencial da capacidade de processamento dos computadores nas últimas décadas, o que representaria um ponto de singularidade. Seres humanos e máquinas tenderiam a ser uma síntese, espécies co-dependentes. O argumento principal é, então, o de que uma aceleração evolutiva da inteligência humana, a partir da evolução exponencial da capacidade de processamento dos computadores, provoca um retorno em uma espiral que se auto-alimenta. Se formos capazes de criar algo mais inteligente que a espécie humana, ou algo que seja mais inteligente quando combinado com o ser humano, esse algo será capaz de criar algo novo e ainda superior, alimentando um processo no qual as mudanças serão rápidas e envolverão revoluções e redefinições do que significa consciência, inteligência e ser humano. Para Kurzweil, esse seria um novo estágio evolutivo. No contexto das religiões, talvez as maiores implicações desse cenário de futuro sejam a possibilidade da imortalidade e a obtenção de experiências místicas como um bem de consumo.

No que se refere à imortalidade, caso as previsões mais otimistas das ciências cognitivas se confirmem, seremos capazes de completar a engenharia reversa do cérebro ainda na primeira metade desse século. Combinada com a nanotecnologia, a inteligência artificial e as ciências cognitivas, essas previsões supõem que será possível transferir nossas memórias, personalidade e capacidades cognitivas para sistemas artificiais, da mesma forma como hoje podemos ter um coração ou um rim artificial. Um corpo cada vez melhor e artificial será possível com o uso de uma nanotecnologia que atue em dimensões físicas cada vez menores.

Essa possibilidade de um corpo e uma consciência superior por estarem integrados a circuitos artificiais tem sido caracterizada como

uma forma de *pós-humanismo* (ou trans-humanismo), que ocorreria a partir da crescente superação do homem pela máquina, de redes neurais baseadas em carbono por redes baseadas em silício, do mundo real pelo mundo virtual. O sociólogo William Bainbridge chama tal possibilidade tecnológica de “ciberimortalidade”. A nanotecnologia, a biotecnologia, tecnologia da informação e as ciências cognitivas, combinadas, mostrariam a ilusão da alma e ofereceriam o que o ser humano sempre desejou. Com base nessa suposição e de acordo com sua teoria da religião, ele estima que um sério conflito entre as religiões e as ciências cognitivas está por vir, porque estas propiciarão recompensas que compensadores religiosos somente prometem. Nesse cenário, segundo ele prevê, as religiões devem reagir de forma agressiva contra a tecnologia e declarar a inteligência artificial e suas pesquisas como heréticas, em uma reação semelhante à ocorrida com o darwinismo, mas de proporções ainda maiores devido às consequências sociais. Novos dilemas éticos devem surgir como privacidade digital depois do falecimento, suicídio e assassinato virtual, onde se destroem personalidades arquivadas.

A previsão pessimista de Bainbridge da relação entre religião e tecnologia, no entanto, não é compartilhada por muitos que se dedicam ao campo. Kurzweil estima que uma interação entre uma máquina devidamente programada e o homem é capaz de causar experiências místicas, uma possibilidade que depende da existência de um padrão neurológico na experiência religiosa, algo que vem sendo confirmado por estudos recentes. Se o cenário de Kurzweil ocorrer, as religiões tradicionais poderão universalizar a experiência mística e, com isso, reviver suas tradições místicas e textos originais, mas resta saber se elas conseguirão compatibilizar o pós-humanismo com suas crenças mais profundas. As novas religiões, em uma tendência que já é observada atualmente, usarão de forma crescente essas idéias vindas da ciência e da tecnologia de forma a criar suas doutrinas e práticas.

QUESTÃO: A simbiose entre o homem e a tecnologia faz com que exista uma nova forma e uma potencial dependência de com-

putadores em relação à memória, orientação espacial, relações sociais. A ficção científica, o cinema e a filosofia já discutem sobre isso faz tempo, mas a aceleração da evolução tecnológica faz com que tenhamos dificuldade em prever e analisar criticamente os rumos dessa transformação. Nesse sentido, existem riscos de cenários positivos e negativos. Como equilibrar esses fatores? Qual o papel das religiões nesse sentido?

4. Ética e Identidade

Respondendo a uma pesquisa realizada no ano passado sobre o tema do curso de verão a ser realizado nesse ano, a grande maioria dos participantes colocou a ética como um tema central a ser discutido nas relações na rede. De fato, as possibilidades de comunicação na rede trazem riscos e crimes cibernéticos que variam desde *bullying* privado, muitas vezes propiciados pelo anonimato, até a quebra de privacidade e invasão provocada por *hackers* em uma esfera pública que inclui grandes companhias e mesmo países. No caso específico do Brasil, a situação se agrava ainda mais devido ao fato de não existir uma legislação clara sobre o tema, o que impede desde uma investigação criminal mais criteriosa, que tem de ser feita por uma polícia especializada, até uma efetiva punição amparada pela lei.

Gostaria de expor dentro do contexto desse curso a reflexão de que o principal motor desses problemas são os fracos aparatos técnicos de **identidade digital** que estão em uso hoje. Apesar de grandes instituições, como bancos, proverem formas de autenticação forte devido à possibilidade de fraudes, deveriam existir projetos públicos mais amplos de exigir uma identidade digital forte para uso na internet. Apesar da exigência da identidade digital implicar em uma perda de anonimato em casos limite, muitos acreditam que é exatamente esse instrumento que provê privacidade e sigilo responsável. Para as máquinas e transações automáticas (realizadas por algoritmos), considerando a mineração de dados e a inteligência artificial, a identidade é um pressuposto filosófico para a própria discussão sobre a “moralidade” das máquinas.



“On the Internet, nobody knows you’re a dog.”

Fig. 12: Em um charge clássica de 1993, Peter Steiner traz as situações absurdas que podem ser deduzidas da falta de identidade na internet (“Na internet, ninguém sabe que você é um cachorro”). O anonimato sem nenhum critério propicia que “cachorro” acima poderia ser no entanto um *hacker*, um criminoso, alguém praticando *bullying*.

A seguir, considerando a finalidade desse curso de verão, gostaria de mostrar alguns termos um pouco mais técnicos associados com a identidade digital, particularmente no que diz respeito aos crimes cibernéticos, por um lado exige a perda do anonimato nas relações na rede, e a necessidade de confidencialidade e privacidade.

4.1. Identidade Digital e Autenticação

A segurança da informação representa a base de confiança dentro da sociedade da informação, especialmente na migração de processos para o mundo digital. No que diz respeito a dados pessoais, essa questão se torna ainda mais crítica devido, por exemplo, a possibilidade de responsabilização pelo uso indevido de dados (quebra da privacidade), pelos atos em si (crime cibernético). Nesse sentido,

quatro aspectos fundamentais devem ser levados em consideração para a segurança de dados:

- **Privacidade:** Garantir que apenas o emissor e o destinatário possam entender a mensagem trocada. Isso pode ser garantido por meio de criptografia de mensagens, que é o ato de converter a representação de uma informação em outra completamente diferente. Essa conversão é feita por algoritmos que fazem uso de chaves criptográficas.
- **Autenticação:** Reconhecer uma pessoa ou dispositivo para a execução de certas tarefas é a base para todo o esquema de segurança em qualquer tipo de ambiente. O principal objetivo de um protocolo de autenticação é evitar situação ocorrida quando alguém diz ser alguma pessoa ou equipamento, quando na verdade não é. A autenticação tem como base uma *identidade*.
- **Integridade:** Assegurar que a informação trocada entre dois dispositivos ou pessoas não é interceptada e alterada no decorrer do caminho.
- **Não-Repúdio:** Garantir que o remetente da mensagem não possa negá-la depois de recebida e completada a transação, o que implica em validade jurídica se o mecanismo de não-repúdio for aceito legalmente.

A base que pode prover esses elementos tem como pré-requisito a existência efetiva de uma **identidade digital**. Para que se possam atingir os requisitos acima, do ponto de vista técnica deve-se dar foco na forma de implantação da **autenticação** e da **assinatura digital**. A autenticação garante uma forma fácil de preservação da privacidade através da troca de chaves simétricas que garantem o acesso da informação somente para as pessoas autorizadas. Por outro lado a assinatura digital garante a integridade e o não-repúdio através de mecanismos de assinatura auditáveis e reconhecidos legalmente.

Na prática os mecanismos de autenticação e assinatura estão intrinsecamente interligados. A metodologia de autenticação de usuários mais conhecida e utilizada possui basicamente dois parâmetros: uma identificação única da pessoa e uma senha secreta. Para os padrões

de segurança atuais esta metodologia não é mais considerada segura devido a uma série de aspectos, como por exemplo: uso de senhas de fácil adivinhação; uso de senhas com tamanho inadequado; uso de uma mesma senha em sistemas distintos; tráfego de mensagens contendo senhas em sua forma plana ou legível, subsistemas que armazenam as senhas para posterior preenchimento automático, dentre outros.

Na prática, diante deste contexto, um serviço de autenticação de usuários pode ser melhorado definindo-se aspectos de identificação adicionais, os quais podem ser utilizados de maneira independente ou conjugados dentro dos sistemas atuais. Tais aspectos se resumem a:

- Algo que o usuário **é**: neste caso se encaixam sistemas biométricos, como por exemplo, identificação por impressão digital, íris, retina e reconhecimento de voz, entre outros.
- Algo que o usuário **possui**: cartões inteligentes, crachás, certificados digitais, cartões com código de barras, dispositivos de memória, smartphones ou computadores.
- Algo que usuário **sabe**: senhas, frases ou perguntas de segurança.

O primeiro aspecto acima mencionado (o que o usuário **é**) exige para seu funcionamento a aquisição de dispositivos especializados, mas que tem tido uma adoção crescente em algumas áreas, especialmente a impressão digital no caso da saúde. Os dispositivos biométricos, entretanto, não envolvem criptografia, e seu uso por si só não garante a assinatura digital. Por outro lado, principalmente devido ao custo mais acessível, os aspectos do que o usuário **possui** e **sabe** estão sendo empregados de forma conjunta em áreas envolvendo transações financeiras de uma forma geral. Os usos são bastante variados, por exemplo, para o acesso dos clientes aos serviços de *internet banking* através de *tokens* ou até a utilização de certificados digitais em casos específicos. No caso da área da saúde, conforme iremos explorar adiante, esses mecanismos tem sido usados especialmente para a eliminação do papel em prontuários eletrônicos e a preservação da confidencialidade das informações.

4.2 Crime cibernético

A partir do interesse de grandes organizações, diversos dispositivos foram criados para complementar o uso de senhas, tais como cartões inteligentes, tokens e equipamentos biométricos. Cartões Inteligentes apresentam controle de acesso sobre seu conteúdo em geral através de um PIN (*Personal Identification Number*), onde um microprocessador é responsável por executar o processo de criptografia que protege as chaves armazenadas. Sua principal característica é sua resistência à violação física. *Tokens* apresentam características similares aos cartões inteligentes, mas não necessitam de leitoras e alguns tipos têm visores para senhas de uso único (chamadas OTP, de *one time password*). Equipamentos biométricos variam bastante conforme a biometria utilizada, mas de uma forma geral são baseados em algoritmos estatísticos que buscam identificar características físicas como as minúcias de impressões digitais, geometria da mão ou do rosto, padrão de veias e da íris. Em muitos casos o volume de investimento determina o nível de segurança desejado, dado que os dispositivos mais seguros são também aqueles de custo mais elevado.

Apesar de todos os esforços de proteção até então aplicados, o nível de segurança ainda necessita evoluir concomitantemente com a sofisticação dos ataques. De fato, atacantes sabem que o usuário representa, em geral, a parte mais fraca de toda arquitetura de segurança. Tal fato inclusive poderia ajudar a explicar os frequentes problemas atualmente enfrentados devido a grande disseminação alcançada pelos vírus, *phishing scams* e *trojans* ou “cavalos de tróia”, os quais pretendem burlar de diferentes formas os mecanismos de proteção implantados, por meio de capturadores de teclas acionadas pelo usuário, reconhecimento de padrões de janelas do browser contendo informações sensíveis, fotografia instantânea ou *snapshot* de teclados virtuais etc. Desta forma, torna-se fundamental fomentar o uso de tecnologias mais robustas pelos usuários como forma de melhorar seus padrões de autenticação e segurança.

4.3 *Confidencialidade dos Dados*

A ética na internet pressupõe que os cidadãos e os usuários de serviços na rede exijam confidencialidade e privacidade dos governos e das empresas. As organizações que processam informação pessoal devem classificar dados armazenados como confidenciais. É complexo determinar níveis de proteção para ativos de informação, e comparações com a classificação de dados do governo e/ou militares podem levar a interpretações incorretas. As seguintes características dos ativos de informação são importantes:

A confidencialidade da informação pessoal é freqüentemente muito mais subjetiva do que objetiva. Em outras palavras, ao final, somente o sujeito dos dados pode fazer uma determinação apropriada da confidencialidade relativa de vários campos ou do agrupamento dos dados. Por exemplo, uma pessoa fugindo de um relacionamento abusivo pode considerar que seu novo endereço e seu número de telefone são informações confidenciais.

A confidencialidade depende do contexto. Por exemplo, o nome e o endereço de um paciente em uma lista de admissões para um departamento de emergência hospitalar podem não ser considerados especialmente confidenciais por este indivíduo. Contudo, o mesmo nome e endereço em uma lista de admissões em uma clínica de tratamento de impotência sexual podem ser considerados altamente confidenciais por este indivíduo.

A privacidade pode se deslocar além do tempo de vida de um paciente. Por exemplo, as mudanças nas atitudes sociais durante os últimos 20 anos levaram muitas pessoas a já não considerarem sua orientação sexual como sendo confidencial. Inversamente, as atitudes relacionadas à dependência de droga e álcool têm levado alguns a considerarem dados sobre aconselhamento de dependência a serem até mais confidenciais hoje do que estes dados eram considerados 20 anos atrás.

Como ninguém pode prever a sensibilidade de um dado elemento da informação pessoal com relação a todos os seus usos e durante todas as fases de seu ciclo de vida, todos os dados pessoais devem ser sujeitos aos cuidados de proteção apropriados por todo tempo.

Note que, embora toda informação pessoal deva ser uniformemente classificada como confidencial, considerações práticas podem identificar os registros das pessoas, os quais podem ficar sob elevado nível de risco de acesso por aqueles que não têm a necessidade de saber.

A identificação e (quando apropriado) a rotulagem de forma a proteger os ativos como confidenciais pode ser uma ferramenta importante no treinamento de pessoal e na conformidade à política. Isto funciona melhor quando a classificação age como indicador de práticas de manuseio de informações requeridas. A classificação também pode ser um componente importante nos acordos de proteção de dados entre jurisdições e com entidades terceirizadas e seus funcionários.

5. Observações Finais

A chamada Revolução da Informação está apenas começando, mas já redefinem o que é ser humano e ser social. Mesmo tecnófilos e tecnófobos partem de uma base pós-humanista comum. As Ciências Humanas e Sociais têm dificuldades de acompanhar essa transformação e até de produzir estudos críticos, pela dificuldade de acompanhar o ritmo das inovações tecnológicas. O meio ambiente acadêmico precisa de mais tempo para destilar suas conclusões, mas também existe uma grande dificuldade de se trabalhar com a abundância de dados sem se recorrer a métodos quantitativos e matemáticos, o que tem impedido reflexões críticas sobre o tema.

No que diz respeito ao tema religião, uma característica que parece clara é que as instituições e as religiões majoritárias têm uma difusão proporcionalmente menor nesses meios, especialmente porque elas estão baseadas em uma identificação geográfica, rituais e em uma hierarquia pouco propícia para a interação em rede. Ainda que alguns serviços estejam sendo usados, o que parece ocorrer é uma maior oferta de conteúdo principalmente a partir das novas religiões, o que pode mudar o panorama de prática religiosa e reduzir ainda mais a importância das instituições tradicionais com o passar das gerações.

QUESTÃO: Quais são os impactos da falta de identidade no mundo digital, considerando aspectos éticos? Como cuidar da identidade pessoal e institucional no ambiente virtual? Quais seriam as exigências para que a tecnologia seja usada de forma responsável, que transformações deveríamos exigir dentro das comunidades virtuais e dos políticos em termos de regras de convivência virtual?

5. BIBLIOGRAFIA

- Kurzweil, Ray. 2007 [1999]. *Era das Máquinas Espirituais*. São Paulo: Aleph.
- Searle, John. 1997 [1992]. *A Redescoberta da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Shoji, Rafael. Estudos Formais e Modelos Computacionais da Religião. In: Frank Usarski. (Org.). *O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, p. 173-197, 2007.
- Terada, Routo. 2008. *Segurança de Dados: Criptografia em Rede de Computador*. São Paulo: Edgard Blucher.

II

Seção bíblico-teológica

3.

ECOAR A PALAVRA E RESSOAR OS GESTOS. LEITURA TEOLÓGICA A PROPÓSITO DAS REDES SOCIAIS

*Afonso Murad*¹

Se Jesus de Nazaré vivesse hoje no meio de nós, utilizaria a internet e as redes sociais como meios para evangelizar. Ele viveu numa sociedade muito diferente da nossa. A comunicação entre as pessoas, as famílias e os grupos se dava somente de forma presencial. As aglomerações humanas na Palestina eram predominantemente rurais, com vilas e aldeias. Jerusalém, a grande cidade, concentrava o poder religioso, político e econômico, em torno do Templo e de suas instituições. O poder político estrangeiro dividiu a Palestina em duas províncias romanas, respectivamente sob o comando de Herodes (Galiléia) e Pilatos (Judéia). Jesus responde ao apelo do Pai, inaugura o Reino e revela nova face de Deus. Para isso usou os recursos disponíveis que teve ao seu alcance.

¹ Afonso Murad, marista, concluiu licenciatura em Pedagogia e Filosofia. Fez pós-graduação lato sensu em Comunicação Social e Gestão com Ênfase em Marketing; MBA em Gestão e Tecnologia ambientais. É doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma; professor de Teologia no ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino) e na Faculdade Jesuíta (FAJE), em BH; membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB. Articula seu pensamento a partir de várias ciências e saberes, como a educação, a gestão, a comunicação e a ecologia. Criou o Projeto de Educação Ambiental "Ecoagente". Edita diariamente o programa radiofônico de educação ambiental Ecoagente - Amigo da Terra (www.amigodaterra.com.br). É autor de vários livros, entre os quais: Introdução a Teologia, com J.B. Libanio, Loyola (8ª edição); Maria, Toda de Deus e tão humana. Compêndio de Mariologia, Paulinas; Gestão e Espiritualidade, Paulinas; A casa da Teologia, Paulinas.

Email: murad4@hotmail.com

Blogs: www.afansomurad.blogspot.com; www.ecologiaefe.blogspot.com;

Twitter: [afansomurad](https://twitter.com/afansomurad); Facebook: [afansomurad](https://www.facebook.com/afansomurad); Skype: [afonso.murad1](https://www.skype.com/afonso.murad1);

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5635145135387949>

JESUS DEIXA ECOAR A PALAVRA

Jesus viveu numa cultura pré-midiática, na qual a comunicação interpessoal e comunitária se fazia diretamente e de forma oral. Os judeus eram uma exceção entre os povos da região, porque todos os homens aprendiam o básico, ler e escrever, por meio da leitura semanal na sinagoga. Mas a escrita não era a principal forma de transmitir mensagens. As pessoas eram tocadas pelos gestos e palavras que lhes chegavam aos cinco sentidos.

Já na sociedade de hoje, as relações se estabelecem de duas formas: imediata (conversa dois a dois, participação em encontro de família e de amigos, reunião de grupo) e midiaticizada (voz do telefone, imagens e sons da internet, da TV, do rádio, do celular). Atualmente, as emoções, as informações e a difusão da informação são veiculadas simultaneamente de muitas maneiras, em diversos canais.

Jesus se comunicava de forma eficaz. Quando necessitava falar às multidões, escolhia o lugar mais adequado, de forma que sua voz e seus gestos alcançassem o maior número de pessoas. O evangelho de Mateus narra que Jesus resume seus ensinamentos no chamado “Sermão da montanha” (Mt 5-7). Quem já foi à Palestina e visitou o local atribuído a esta pregação de Jesus, percebe logo que ali é um lugar ideal para que a voz de um pregador se expanda: descampado, com inclinação razoável e a ajuda da brisa. Da mesma forma, o evangelho também conta que Jesus afasta os barcos e faz uma pregação à beira do mar da Galiléia. Ele se posiciona corretamente, de forma que seja visto e sua voz chegue até à multidão (Mc 5,21). Além do mais, Jesus - com seus discípulos e as mulheres que o acompanhavam - é líder de um grupo itinerante. Ele não cria uma escola rabínica com um lugar geográfico limitado, nem se estabelece em torno a uma sinagoga, lugar de culto e de reunião religiosa. Antes, percorria as vilas e pequenas cidades da Palestina. Diríamos nós, em linguagem atual: ele ia onde as pessoas estão, e não ficava esperando que os outros viessem ao seu encontro.

À medida que Ele se fazia conhecido, as multidões também corriam ao seu encontro. No evangelho de Marcos se diz que Jesus

reunia seus discípulos e o povo, não somente em ambientes abertos, mas também “na casa” (Mc 2,20). Não se explica em momento nenhum que casa é esta, nem a quem pertencia. O sentido teológico da casa é este: qualquer lugar onde Jesus e os seus se encontravam, se transformava na sua casa. E hoje há inúmeras “casas virtuais”, espaço/tempos de encontros entre pessoas e grupos. As redes sociais são um desses.

Reportemo-nos a uma experiência humana simples e significativa. Se você já foi a uma região montanhosa e deu um grande grito, deve ter ouvido a sua voz voltar. Ouvir o eco da própria voz nos fascina. As ondas sonoras encontram um obstáculo e ressoam. Há lugares onde o mesmo eco se projeta muitas vezes, dando a impressão de que são diversas vozes. As ondas sonoras se dissipam lentamente. Alguns pesquisadores afirmam que elas não desaparecem. Simplesmente reduzem sua intensidade, a ponto de não serem mais perceptíveis. De forma analógica, as palavras e os gestos fortes, intensos, significativos atuam como eco no coração e na mente das pessoas. Cada ser humano os recebe, difundem-nos e os dissolvem. Diferentemente do eco meramente físico, o eco humano comporta também interpretação e criação. Palavras e gestos dos outros ecoam em nós a ponto de provocar mudanças, estimular novas atitudes, configurar outra forma de encarar a existência. No início de sua missão, Jesus fez ecoar sua palavra de forma impressionante: “O Reino de Deus está chegando. Convertam-se e creiam na Boa notícia” (Mc 1,15). O povo se admirava: “Ele fala com autoridade, não como os fariseus” (Mc 1,27).

Presume-se que, se Jesus de Nazaré vivesse numa cultura midiática e urbana, como a nossa, estaria conectado em redes sociais, utilizaria a Internet e outros recursos midiáticos. Mas não reduziria a sua atuação a este âmbito. Os discípulos de Jesus que hoje participam de redes sociais e atuam no “cyberespaçotempo”, devem se guiar pelos critérios da leitura dos evangelhos em relação aos Sinais dos Tempos, sob a inspiração do Espírito Santo. Vejamos alguns destes parâmetros bíblico-teológicos.

1. “Brilhe assim a luz de vocês, para que os outros, ao verem suas boas obras, glorifiquem o Pai” (Mt 5,16).

O verbo “brilhar”, com a ambiguidade que ele comporta, é um dos mais significativos termos da cultura contemporânea. De forma literal, brilhar significa fazer com que a luz estimule nossos sentidos. A luz intensa realça as cores. Um shopping é projetado com luz amarela ou branca intensa, a fim de estimular a visão e suscitar o desejo de consumo. É uma luz que não conhece diferença de intensidade. Seja dia ou noite, no shopping há sempre muita luz. De forma metafórica, “brilhar” significa ter sucesso, destacar-se dos outros, de forma a se tornar até uma celebridade. Ora, a Internet e as redes sociais tem servido para fazer as pessoas brilharem. Um clip original se espalha rapidamente, e milhões de pessoas o assistem. Há gente que coleciona “amigos” no facebook ou no orkut, sem nenhum critério, simplesmente pelo desejo de ser visto ou lembrado. Este não é o critério de Jesus.

Jesus diz que seus seguidores devem fazer ecoar a boa notícia do Evangelho, a começar das atitudes e ações que fazem a diferença (as boas obras). Brilhar não significa voltar os holofotes para si, mas direcionar a luz, para que as pessoas vejam. Não consiste em “mostrar-se”, e sim em apontar para algo e Alguém que é a razão de ser da nossa existência. Aqui reside a diferença fundamental entre a “visibilidade midiática” e a “visibilidade profética”. No primeiro caso, o indivíduo ou a instituição aparece porque deseja “aparecer”. A mensagem consiste em anunciar a si mesmo, a sua marca, a sua logo. E para ganhar projeção desta forma, é necessário moldar o discurso e a prática, de forma que se tornem atraentes, desejáveis, consumíveis. Infelizmente, algumas manifestações de massa das Igrejas cristãs estão revestidas dessa intencionalidade medíocre e egóica. “Olhem para mim. Eu estou aqui!”. A visibilidade somente midiática visa conquistar espaço, deixar sua marca. Mas, para que? A serviço de qual projeto de humanidade?

A visibilidade profética, por sua vez, está focada no sinal que aponta para a mensagem. Basta percorrer as figuras bíblicas de profetas como Isaías, Jeremias, Oséias e Ezequiel. Eles usam símbolos fortes. Deixam-

-se ver pela multidão. Falam a alta voz. Brilham! Mas o brilho não é para si, e sim para a causa que defendem. Reúnem muitas pessoas, mas também são causa de contradição, pois o conteúdo da mensagem profética não se reduz a apaziguar as consciências. Ao mesmo tempo, e com diferente intensidade, anunciam e denunciam, questionam e consolam, desinstalam e suscitam esperança.

Em continuidade com os profetas, assim também fez Jesus. Ele é causa de contradição, que ergue e derruba. A luz que manifesta e revela o que as aparências escondem (Lc 1,34-35). As palavras e os gestos de Jesus iluminam a existência humana, desvelando seu lado luminoso e sua face tenebrosa. *Deus enviou o seu Filho ao mundo não para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo. O julgamento é este: a luz veio ao mundo... Quem pratica o mal tem ódio da luz, para que as suas obras não sejam desmascaradas. Mas quem age segundo a verdade, se aproxima da luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus (Jo 3,19-21)*. O povo reconhece Jesus como um profeta extraordinário, que fala em nome de Deus, com gestos e palavras: *Um grande profeta apareceu entre nós e Deus veio visitar seu povo (Lc 7,16)*.

A participação de cristãos e de pastorais nas redes sociais (e em outros espaços da internet) pode contribuir para que esta luz de Jesus, que brilha nos seus seguidores, favoreça uma grande corrente do Bem. Efetivamente nos sentimos conectados, sintonizados. Ali se expressam desejos, esperanças, experiências significativas. Ganham visibilidade gestos pessoais e coletivos, palavras e imagens que agregam valor. Por vezes, em forma de denúncia. Outros momentos, recheados de bom humor, de encanto, de beleza. Ecoam, ressoam e se difundem.

Resumidamente, o primeiro critério se formula assim: utilizar os meios midiáticos possíveis, para que a mensagem do Evangelho ecoe nas pessoas, nos grupos e na sociedade. E como as redes sociais tem se mostrado uma poderosa ferramenta de comunicação, elas são bem vindas. Condição irrenunciável: manter o foco na causa e na mensagem de Jesus, em gestos e palavras libertadoras, evitando o estrelismo das pessoas ou das instituições.

2. “Estar com Jesus” (Mc 3,14b) e conviver

No relato da escolha do grupo dos 12, o Evangelho de Marcos narra que *Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram até ele. Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com ele e para enviá-los a pregar, com autoridade para expulsar demônios* (Mc 2,13-15). Interessante que não se diz somente da missão, daquilo que se deve realizar. O primeiro elemento do chamado consiste em *estar com Jesus*, conviver com ele, aprender com ele. Assim também aconteceu com os publicanos e pecadores, para os quais Jesus se dirigia com especial carinho e atenção. Antes de falar qualquer coisa, Jesus estava ao lado dos grupos marginalizados de seu tempo. O fato de reunir-se com eles (e elas) em torno à mesa expressa um gesto significativo e escandaloso. Jesus estava com eles e partilhava de sua vida. É uma proximidade cativante, que questionava os autossuficientes. Jesus criava relações de qualidade, quando estava com as pessoas. Os pobres e pecadores não eram mais considerados como “coitadinhos”, e sim como interlocutores. A partir das relações (interpessoais, grupais e sociais), Jesus tecia o fio que viabilizava a chegada do Reino de Deus (Mc 1,15).

Vive-se numa sociedade cada vez mais urbana, onde as relações não mais se configuram somente no espaço linear e no tempo cronológico. As pessoas se agrupam por afinidade, não devido à mera proximidade física. Neste contexto, se fala em “simultaneidade do tempo”, “ruptura das fronteiras espaciais”. Cunhou-se também a expressão “espaçotempos” para mostrar esta novidade. A internet, e dentro dela, as redes sociais, ganham mais importância. Fala-se com skype com um amigo que está distante a 1000 Km de distância, como se ele estivesse ao lado. Se há um conhecido do outro lado do mundo, como na China, comunica-se com ele pela manhã, enquanto naquele mesmo momento lá é noite. Algo incrível de se imaginar. No canto direito do facebook se visualiza, em tempo real, os principais movimentos de todos os amigos virtuais: quem escreveu para quem, aquele que fez uma nova amizade, a que postou um vídeo ou imagem. Isso acontece independentemente de qual lugar geográfico eles estejam.

Há gente que considera o mundo virtual como um perigo para as relações humanas. Demonstram seus argumentos recorrendo às pesquisas recentes. Constatam que um número crescente de pessoas passa mais horas na internet do que com a sua família, seu marido/mulher, ou os que habitam na sua casa. A tela do computador cria um mundo fascinante, na qual alguém entra e dificilmente consegue sair. Além disso, os recursos midiáticos produzem um ambiente artificial, no qual as pessoas, de fato, não se deixam conhecer. Por fim, cresce o número de “internet-dependentes”, que simplesmente não conseguem ficar longe da telinha e visitam seus amigos virtuais várias vezes ao dia. Já não é algo prazeroso. Transforma-se numa necessidade, sem controle, como um vício. Ora, tais riscos são reais e devemos estar atento a eles. Mas há algo positivo, que é necessário resgatar, para que a pessoa e mensagem de Jesus façam eco e ressoem nos indivíduos, nos grupos e na sociedade.

Existe uma complementariedade entre as relações presenciais e as virtuais. As presenciais continuam sendo imprescindíveis. Olhos nos olhos, odores diversos, contato físico pelo abraço e pelas mãos que se apertam, espontaneidade, entre ajuda em ações concretas... Tudo isso (e muito mais) se realiza preferencialmente nas relações presenciais. De outro lado, as relações virtuais podem ser a porta de entrada para novas relações presenciais. Por vezes, constituem-se na única forma possível de nutrir relações existentes, quando se está longe geograficamente e o ritmo do tempo da vida moderna dificulta os contatos.

O necessário equilíbrio entre relações presenciais e comunicação virtual também impacta nos processos explícitos de evangelização. Neste caso, acrescenta-se ainda um terceiro elemento: os eventos de massa. A experiência de seguir Jesus comporta, necessariamente, a formação de comunidades presenciais que partilham a vida e a Palavra. Um cristianismo somente midiático é uma grande ilusão. O mesmo se diz quando a evangelização se centra em megaeventos e celebrações massificantes. De outro lado, ao se combinar encontros presenciais intensos e significativos, com espaçotempos virtuais e eventos de massa, se atingem as pessoas em diferentes situações e momentos. Não se trata de escolher entre três diferentes formas de evangelizar

(presencial, virtual, evento), mas sim em dosá-los e articulá-los, conforme o processo que se quer desenvolver.

O censo de 2010 sinalizou um fato curioso. Tanto a Igreja católica quanto a Igreja Universal perderam fiéis. Já a Assembleia de Deus teve um aumento significativo. O que existiria de semelhante entre as duas Igrejas, que são tão diferentes? Um pesquisador de Brasília levantou uma hipótese instigante. Segundo ele, ambas investiram pesadamente nos últimos anos em evangelização pela TV e pelo rádio, em construção de templos, em eventos de massa e na sua própria estrutura organizativa. Privilegiaram o uso de recursos midiáticos predominantemente monodirecionais, que em princípio não visam a formação de pequenas comunidades presenciais, onde se nutrem laços interpessoais e comunitários fortes. Na Igreja católica, a proposta das CEBs, da Pastoral de Juventude e das pastorais sociais perdeu lugar para a Renovação Carismática, os Canais de TV católicos, os eventos de massa de caráter devocional e litúrgico, sob o controle direto da autoridade eclesiástica. A Universal nunca prezou a capilaridade da presença. Preferiu, desde o começo, as ações midiáticas massivas. Já a Assembleia de Deus, apesar do intolerante pastor midiático Silas Malafaia, manteve a prática das pequenas comunidades.

Ora, nesta tríade (presencial, virtual e massivo), como podem contribuir as redes sociais? Pela promoção da interatividade? A palavra “interatividade” se tornou um termo polissêmico, que serve a muitos interesses. Na verdade, há graus de interatividade na mídia. Um programa de TV normalmente tem baixa interatividade, pois os telespectadores não podem intervir no direcionamento e no conteúdo apresentado. Restam-lhes aquelas alternativas restritas, como escolher entre algumas opções dadas e votar pelo telefone ou pela internet. Já as redes sociais oferecem um leque bem maior de opções de interatividade, a começar do comentário que você pode fazer, diante da postagem de seus amigos virtuais. Aqui está a contribuição específica das redes sociais para o cristianismo contemporâneo: a circulação da informação, justamente em forma de rede, horizonte. Não há censura nas redes sociais, a menos que se atente contra certos valores humanos ou se promovam práticas deploráveis, como a prostituição

infantil. Reina um imenso clima de liberdade. Pode-se acompanhar de onde vem a informação, quem compartilha dela, mas não se cala seu protagonista. E isso é muito importante, no momento em que as Instituições religiosas tentam aumentar o controle doutrinal sobre seus membros e perseguir sistematicamente os que pensam de forma diferente. E isso se faz não por uma fidelidade criativa às origens, e sim por um conservadorismo militante. Usando a imagem de J.C. Guillebaud, famoso escritor francês, as religiões correm dois grandes riscos: transformarem-se em cidadelas fortificadas avessas ao diálogo, ou em belos museus, presas a um passado idealizado.

Interatividade se liga com participação. E aqui tocamos num ponto crucial do processo de evangelização. Como se constata facilmente, as Igrejas cristãs foram tomadas por uma crescente onda de autoritarismo e de concentração de poder. Na Igreja católica, ela se manifesta no clericalismo, na ênfase nas práticas sacramentais cada vez mais controladas por rubricas, na disciplina eclesiástica que limita o espaço dos leigos. No ambiente evangélico, mostra-se na perda da dimensão da “assembleia dos crentes”, em favor dos enormes templos onde se incentivam os fiéis a exigirem milagres de Deus. Desliza-se para um cristianismo mercadológico, individualista, sem ética, estimulador do padrão de consumo do mercado, controlado pelos pastores e pseudobispos.

A presença de cristãos singulares, de grupos, de pastorais e de organismos eclesiais nas redes sociais, se articulada com processos presenciais e eventos de massa, contribuirá para a evangelização, devido à simultaneidade e convergência destas distintas vertentes. Não se trata de contrapor, e sim de somar. Além disso, as redes sociais possibilitam o desenvolvimento do pluralismo nas Igrejas cristãs. Presencialmente ou com o uso dos recursos midiáticos, estamos “com Cristo”, ao seu lado, na sua companhia, ecoando a Boa Nova.

3. Outros critérios fundamentais

Enunciaremos três outros critérios, igualmente importantes, embora sejam apresentados de forma breve. Serão desenvolvidos num trabalho futuro.

a) Evitem de serem vistos pelos homens (e mulheres) (Mt 6,1).

Nos evangelhos, parece estranho que o mesmo Jesus, que pediu aos seus seguidores para tornar público e claro o que fazem (Mt 5,16), solicite também que se resguardem e não revelem tudo. Jesus sabia dosar os tempos e as formas de manifestação, com aqueles do silêncio e da discrição. E isso ele ensinou a seus companheiros(as) de caminho. Jesus não revela tudo o que sabe, a qualquer hora, para qualquer um. Fala à multidão, mas reserva para seus discípulos e discípulas a compreensão mais profunda. Dá-lhes a chave para compreender o que a multidão não dá conta de entender e acolher. Há segredos que fazem parte da nossa intimidade com Deus. Não podem ser expostos, em nome da visibilidade. No capítulo 6 de Mateus, Jesus pede aos seus seguidores que ajam em segredo ao praticar a esmola, ao jejuar e ao rezar. Importa que o Pai veja.

Este critério deve ser levado a sério quando nos colocamos em público em redes sociais. Palavras e imagens em excesso não permitem que as pessoas reflitam, interiorizem. Não dá tempo para ecoar nem ressoar a mensagem de Jesus. Informação em demasia cansa a gente e perde o valor. Ora, nem tudo precisa ser mostrado. Este critério vale para a pessoa e para a pastoral. Tem gente que se expõe excessivamente. Cai na tentação da “publicização” midiática contemporânea. Tudo deve se transformar em espetáculo. Até momentos íntimos, como o parto. Mas, quem se preocupa demais em fotografar, gravar e filmar, não saboreia. Vive em função do que os outros verão dele(a). Na pastoral este risco também existe. Há celebrações e momentos tão especiais que não necessitam ser fotografados, filmados e postados na rede. Basta que sejam vividos em intensidade. Os frutos aparecerão depois.

b) Todos nós ouvimos na nossa própria língua (At 2). Os Atos dos Apóstolos narram um belo fato, no capítulo segundo. Quando o Espírito Santo desce sobre a comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus, eles(as) proclamam as maravilhas de Deus, e cada um entende na sua própria língua. Esta também é a utopia, o grande sonho possível das redes sociais. Elas oferecem ocasião para que pessoas e grupos se articulem, se comuniquem, troquem idéias, partilhem práticas. Por vezes, há enormes diferenças entre os membros de uma

rede social. Os interesses são diversos, a linguagem também. Em torno a temas comuns, as pessoas se aglutinam, curtem, replicam. Parece a experiência de Pentecostes. E, como todo fato humano, apresenta seu lado de sombras. Então, há momentos em que a rede se assemelha ao mito da Torre de Babel. Muita gente fala, poucos escutam, poucos se entendem.

As redes criam ocasião para que pessoas de diferentes religiões compartilhem valores semelhantes e abracem causas humanitárias, sociais e ecológicas. Cria-se espaço-tempo para denúncias, convocações e anúncio. Em outros momentos, há também confronto entre pessoas que pensam de maneira diferente. Isso também é bom, se estimula o crescimento da consciência crítica. Em tudo isso, o Espírito Santo se manifesta, tecendo os fios da unidade na imensa diversidade humana.

c) Que o seu “sim” seja “sim” (Mt 5,37). Segundo o Evangelho de Mateus, Jesus alerta seus seguidores para que sejam coerentes e verdadeiros. Nem precisa jurar por nada. Basta ser sincero. Este critério se aplica à Internet, e particularmente às redes sociais. Você, caro(a) internauta, já deve ter feito a decepcionante experiência de aceitar um amigo ou amiga que apresentava uma linda foto, bastante retocada, de muitos anos atrás. Quando você conheceu a pessoa “ao vivo”, percebeu a diferença. Da mesma forma como se engana os outros, apresentando um rosto que não corresponde ao seu, a rede também favorece a criação de uma “cultura da aparência”, do mundo artificial dos amigos e pseudo-amigos. Os cristãos e as pastorais que estão na rede não devem ceder a esta tentação. Trata-se de mostrar o que somos, cremos e esperamos, sem compromisso com o sucesso.

Conclusão aberta

Fazer parte de redes sociais é uma opção. Para uns, será uma forma de entretenimento ou de reduzir a sensação de solidão. Para outros (e é o nosso caso), se apresenta como grande oportunidade para estreitar laços, iniciar ou favorecer processos, difundir infor-

mações, evangelizar, criar consciência cidadã, sentir-se em sintonia com homens e mulheres que partilham o nosso sonho. Em meio a tantas ambiguidades, que fazem parte de qualquer realidade humana, as redes sociais tornam-se assim espaçotempos para deixar ecoar a Palavra e ressoar os gestos libertadores de Jesus.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DISCUSSÃO

1. Quais foram suas principais descobertas, ao confrontar o texto com a prática pastoral?
2. Retome os cinco critérios bíblico-teológicos apresentados. A partir de sua experiência pessoal como usuário da Internet e eventual membro de redes sociais, quais lhe parecem mais importantes? Por que?
3. A partir da experiência de seu grupo, pastoral, paróquia ou diocese, no uso da Internet e das redes sociais, quais dos critérios apresentados são mais significativos?
4. A partir de sua prática pastoral, você apresentaria outros critérios bíblico-teológicos para a utilização da Internet e das redes sociais?

4. CRISTO NA ERA DIGITAL

Maiko Deffaveri¹

O mundo nunca mudou tanto e tão rápido como atualmente, tendo os Meios de Comunicação Social como principais responsáveis. Tais meios passam por um processo de convergência que, na internet, encontram seu centro. A tendência ao *ciber* populariza expressões como cibercultura e ciberespaço e altera o ritmo de vida das pessoas. É difícil achar um lugar onde a tecnologia digital não exerça forte impacto na sociedade, desde a política, passando pela economia, e até mesmo na religião. Tais progressos tecnológicos acompanham o ser humano todos os dias e o dia todo, criando uma legião de pessoas em rede. A era digital faz emergir uma sociedade conectada: é a denominada geração dos nativos digitais. A geração da internet vive e usa com tranquilidade toda e qualquer tecnologia disponível, demonstrando uma afinidade natural para com ela. Nessa onda de influências que a cibercultura provoca, religião e fé não

¹ Esse artigo é resultado da dissertação *Cristo na era digital: Interface da comunicação digital com a cristologia de J. Moltmann*, defendida na PUCRS no ano de 2011, cujo resumo é apresentado a seguir: O trabalho analisa o impacto da internet na concepção de Jesus Cristo entre jovens católicos do Rio Grande do Sul, construindo um diálogo com o pensamento do teólogo Jürgen Moltmann. Para tal, apresenta-se uma pesquisa qualitativa com jovens católicos em quatro cidades do estado. Inicialmente, o texto traça o itinerário cristológico de Moltmann, destaca a teologia a partir da dimensão da esperança, dando ênfase à cristoprática. Em seguida, o presente trabalho caracteriza a juventude da era digital e os procedimentos metodológicos. Após, os dados são sistematizados e categorizados, para serem relacionados com a cristologia em dimensões messiânicas de J. Moltmann, a fim de responder à questão: quem é Jesus Cristo para os jovens católicos hoje? Palavras-chave: Moltmann; Jesus Cristo; Internet; Juventude. Mestre em Teologia pela PUCRS. Membro do grupo de Pesquisa Antropologia Teológica e Ética, coordenado pelo Prof. Leomar A. Brustolin, do PPG em Teologia da PUCRS. Contato: maikodef@hotmail.com

estão alheias. Se a internet está alterando o comportamento humano todo, também interfere na dimensão religiosa. Para um cristão, a era digital pode modificar práticas de fé e culto, e até mesmo da concepção de Cristo. A sociedade imersa em *bits* caracteriza um fenômeno cada vez mais estudado por todas as ciências, logo, cabe também à Teologia pesquisar e refletir sobre tal questão.

Esta pesquisa sobre Jesus Cristo na era digital, relaciona comunicação e cristologia. O aporte cristológico baseia-se na teologia em dimensões messiânicas de Jürgen Moltmann, que se preocupa em responder a questão: quem é Jesus Cristo para nós hoje? Analogamente, este trabalho pergunta quem é Jesus Cristo para os jovens na era digital? Para tal indagação, uma pesquisa qualitativa foi desenvolvida com jovens católicos no Rio Grande do Sul. Dessa forma, o texto procura apresentar o perfil dos jovens católicos gaúchos e a sua relação com Jesus Cristo, na intenção de se ter uma noção atual da cristologia por parte da geração digital. O roteiro de trabalho apresentará em seguida uma visão geral da cristologia em dimensões messiânicas de J. Moltmann e da juventude pós-moderna. Logo depois, os procedimentos metodológicos e de interpretação serão detalhados para, finalmente, os resultados serem apresentados e discutidos teologicamente.

1. Cristologia em dimensões messiânicas de J. Moltmann

Jesus Cristo é uma das figuras mais populares do mundo. Sua mensagem, sem contradições com sua vida, anima e inquieta a muitos. A Igreja tem sua doutrina e sua missão fundadas nele, mas será que o Cristo professado pelos cristãos é o Cristo Jesus? Jesus pregou o amor e a misericórdia. Mesmo assim, há muitos casos em que batalhas foram travadas em seu nome. Atrocidades para com o ser humano ocorreram em países de maioria cristã. Além desses fatos, considerem-se as deficiências e os excessos nas pregações, que fizeram com que muitos perdessem a noção de quem é Jesus, o Cristo. A cristologia atual defronta-se com a tarefa de comunicar Jesus Cristo de modo novo e significativo, procurando dar respostas às angústias das pessoas. Ou, como diz Moltmann acerca de sua teologia, “não me

interessava uma cristologia eterna para o céu, mas uma cristologia para pessoas que se encontram a caminho nos conflitos da história e procuram orientação”.

A cristologia é o ponto central de toda a teologia cristã, pois é através da revelação de Deus em Jesus que se tem acesso ao transcendente. Dela partem e findam os demais temas da Teologia, mas afinal “quem é este a quem até o vento e o mar obedecem?” (Mc 4, 41). Cristo significa o Ungido e não é complemento para o nome de Jesus Nazareno, trata-se de uma confissão de fé. Está em pauta aqui a sua função soteriológica, ou seja sua mensagem de salvação. A confissão de Jesus Cristo como tal tem implicações sobre a salvação. Jesus, o Cristo, é aquele que inaugura em si o reino de Deus, sua pessoa não está desligada de sua mensagem, nele não há contradição. Em Jesus Cristo, toda a Teologia tem seu fundamento e centro. Ele é o caminho para Deus (cf. At 4, 12; Jo 14, 6).

Na perspectiva da atenção às misérias do mundo, Moltmann propõe uma cristologia para pessoas que estão vivendo nas contradições da História, nas dificuldades da vida, uma Cristologia do Cristo a caminho, que aponta para frente, para além do ser humano e dirige as pessoas para um futuro em Cristo. Pela vivência e testemunho do evangelho na comunidade se evidencia de fato quem é o Cristo de Deus, o Crucificado, aquele que se fez pequeno e foi exaltado por Deus. É uma reflexão não apenas sobre o conhecimento dos dogmas, mas refere-se ao discipulado, ao seguimento, ao caminho com o Mestre, ou seja, uma cristoprática. Numa sociedade de injustiças e de desigualdades, a proposta messiânica de libertação é a boa notícia, um caminho que leva necessariamente ao serviço e à caridade para com os pobres e os esquecidos da sociedade, pois o evangelho não traz uma nova doutrina, mas uma nova realidade.

A cristologia pressupõe uma fé viva no Cristo de Deus e fundamentalmente uma cristoprática. Ser cristão não é aplicar uma teoria com expectativas de vida melhor, mas seguir uma Pessoa que promete e garante a vida nova. Por cristoprática, o teólogo alemão entende a vida vivida no seguimento de Jesus que falou e agiu em favor dos mais pobres, dos doentes e dos pecadores. Essa prática não con-

siste na aplicação de uma teoria sobre Jesus Cristo, mas representa um itinerário de vida através do qual se experimenta quem Jesus verdadeiramente é. Seguir Jesus, o Cristo, é sair e caminhar com Ele na construção de uma realidade nova. Entretanto, só se segue verdadeiramente a quem se conhece. Logo, todo o seguimento vai depender da compreensão que se tem de Cristo. Essa vivência só se realiza na comunidade cristã, que ouve e testemunha o Evangelho. “Na proclamação e no testemunho diário dos crentes se evidencia quem é, de fato, Cristo para a comunidade de hoje”. Comunidade que tem como centro a memória eucarística da paixão, a morte e a ressurreição de Cristo.

Com essas afirmações, reconhecer Jesus não significa decorar um dogma, mas conhecer e aproximar-se de Cristo no seu seguimento. É uma vida de comunidade no discipulado. Lembra o teólogo da esperança que as diretrizes para esse discipulado estão contidas no Sermão sobre a Montanha, quando Jesus fala das bem-aventuranças. Assim necessariamente a cristoprática conduz a comunidade aos mais necessitados, pobres, doentes, oprimidos e *não humanos*. “Quem se volta para os pobres volta-se para Cristo, que nos pobres espera pelos seus. Porque Cristo se identifica com os pobres e garantiu sua presença em seu meio, pertencem estes, sabendo ou não, à comunidade de Cristo”. A cristoprática pode ser vista como o princípio fundamental da ética cristã, que está baseada no Sermão da Montanha. Sua proposta quando assumida com seriedade pode ser um verdadeiro programa de reforma social, política e também ecológica. É preciso ter presente que Cristo ressuscitado ainda não é o *Pantocrátor*, mas já é a redenção para o mundo, uma redenção a caminho. Por isso que reconhecer Jesus como o Cristo de Deus é reconhecê-lo no devir, no movimento da história escatológica de Deus.

2. A juventude pós-moderna

A juventude sempre teve um perfil diferente, mas nunca na história as mudanças entre as gerações foram tão rápidas e complexas como na pós-modernidade. A ideia de uma nova geração a cada 25 anos

foi substituída por uma a cada década. Don Tapscott fala em quatro gerações desde 1950 até o ano 2000: Geração *Baby Boom*, Geração X ou *Baby Bust*, Geração Y ou Internet e Geração Z ou *Next*. O foco aqui é a Geração Y, com 18 a 23 anos de idade e correspondente ao público alvo da pesquisa. Seguindo algumas considerações de Libanio na obra *Jovens em tempo de pós-modernidade*, destacam-se algumas características importantes para a compreensão da realidade dos jovens atualmente.

Essa é a juventude que estabelece o prazer como objetivo imediato, e a partir deste, orienta as demais atividades da vida, seus símbolos e seus cultos. “Cabe desfrutar logo e não adiar as satisfações. Não são valores o trabalho, o esforço, o ideal americano moderno de *self-mademan*, o mérito, a emulação, a concorrência”. Uma segunda característica é a enorme liberdade diante das tradições, já que estas não passam de tabus a serem rompidos. Outra característica é o forte narcisismo. É o tempo do *eu* e do subjetivismo. Da mesma forma, nota-se que cresce o cultivo do corpo e da malhação. As preocupações são deslocadas para a meditação transcendental, técnicas sexuais e demais cuidados estéticos e de bem pessoal. o foco está na vida privada, cercada de indiferença para com às questões da vida coletiva. Tal vida de prazer sem qualquer responsabilidade parece o sonho de todos, contudo, por trás disso há uma vida fragmentada e entediada. O gozo do presente traz a melancolia do dia seguinte. Muitos jovens não são felizes na vida que levam e não conseguem sair dessa situação, já que a estrada das renúncias e do sofrimento não está no mapa dessa geração.

Outra visão dessa juventude é apresentada em *A hora da geração digital*, em que Tapscott, após uma pesquisa em 12 países caracteriza a geração internet em oito pontos: *Liberdade*, em tudo que fazem, seja em casa, no emprego, ou para consumir ou se expressar; *Customização*, os jovens personalizam tudo, como forma de se apropriar do objeto; *Escrutínio*, ou melhor, céticos e investigativos; *Integridade*, significa uma atenção a produtos e serviços ligados a empresas responsáveis (ecológica e socialmente); *Colaboradores*, são a geração do relacionamento, gostam de ficar em contato com a rede de amigos;

Entretenimento, quer dizer diversão no trabalho, na educação e na vida social. A vida não é dividida em momento de trabalho e de lazer, tudo precisa ser feito no mesmo momento; *Velocidade*, essa geração vive, gosta e precisa da rapidez em tudo; e por fim, *Inovadores*, formando uma geração que sempre está se atualizando e buscando novas formas de viver e curtir a vida.

Todas as características mencionadas dão conta em parte da juventude atual, mas não abarcam totalmente o fenômeno. É característico desse tempo a fluidez, logo, nem tudo permanece por muito tempo do mesmo jeito. Esta é a geração mais aberta e tolerante, a menos preconceituosa que já existiu. É a geração que está entrando no mercado de trabalho e reformulando as instituições sociais com seu jeito de ser. A Igreja faz parte dessas instituições, por isso, precisa prestar atenção às novas gerações e a seu jeito de ser e praticar a fé. Os jovens são vítimas de uma sociedade injusta e minada pela corrupção no campo ético e político, por isso tanta melancolia. O cristianismo não oferece uma resposta pronta, mas dá o desafio do seguimento de uma Pessoa.

3. Análise e interpretação dos resultados

A era digital está influenciando a maneira como as pessoas se relacionam com o sagrado e vice-versa: “junto com o desenvolvimento de um novo meio, como a internet, vai nascendo também um novo ser humano, por conseguinte, um novo sagrado e uma nova religião”. Assim, o presente trabalho busca responder a uma questão cristológica fundamental da atualidade: quem é Jesus Cristo para os jovens católicos do mundo digital? Nesse intuito, primeiramente serão apresentados os pressupostos epistemológicos da pesquisa. Em seguida, explicar-se-ão os procedimentos metodológicos, destacando o referencial metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP) que servirá para análise e interpretação dos resultados da pesquisa qualitativa realizada nos grupos focais (GP). Por fim, far-se-á a discussão teológica, referenciada na cristologia de Moltmann.

3.1 Pressupostos epistemológicos

Os pressupostos epistemológicos guiam a prática de um pesquisador e é importante que se tenha consciência disso. Seria ingenuidade pensar que a interpretação e leitura dos dados pesquisados seja totalmente neutra. Os pressupostos deste trabalho, portanto, fazem parte do conjunto teológico e antropológico apresentado a seguir. Teologicamente, esta pesquisa, tem fundamentação na cristologia messiânica de Moltmann. Antropologicamente, essa pesquisa entende o ser humano nas suas relações como sujeito da história. De forma alguma toma os pesquisados como objetos, mas fundamentalmente como sujeitos capazes de reflexão. O conhecimento é buscado na interação entre os objetos-sujeitos do saber. Portanto, o pesquisador apresenta um ponto de vista a partir dos dados obtidos, levando em conta toda a sua carga de pressupostos.

3.2 Procedimentos metodológicos

O *corpus* de investigação foi composto por um conjunto de informações coletados através da pesquisa qualitativa por entrevista com grupo focal. A conversa foi gravada e transcrita para posterior análise chegando-se, ao final, à construção de categorias ou classificações, a partir das unidades de sentido identificadas nas falas dos grupos.

Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas com seis grupos focais em quatro diferentes cidades do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Guaíba, Passo Fundo e Porto Alegre. Dos seis grupos focais, um foi realizado com participantes da Renovação Carismática Católica (RCC) e cinco com jovens do Curso de Liderança Juvenil (CLJ). A diversidade de cidade, de gênero, de atividade profissional e de vínculo com a Igreja, foi uma tentativa de abranger a totalidade dos jovens católicos no estado do Rio Grande do Sul. Importa ressaltar que os jovens pesquisados são de classe média, universitários e têm acesso à internet no próprio domicílio.

A escolha da RCC e do CLJ como público alvo da pesquisa se deve a sua capacidade de interação com o mundo digital. Estes são grupos de fundação recente, nenhum deles chega aos 50 anos de existência,

e por isso, conseguem usar dos meios de comunicação com a tranquilidade de um nativo digital. Eles circulam com facilidade entre a tradição e a modernidade. Em meio a um mundo de pluralismos, tais grupos, conseguem dar aos jovens certa segurança, devido à clareza de identidade e trabalho. Com uma proposta que integra música, lazer e oração, congrega diversos jovens em grupos bem organizados. E mantém hoje, dentro da Igreja, uma representativa parcela dos fiéis jovens.

Os grupos focais foram lidos e discutidos a partir do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade. Tal referencial serve como um enquadramento amplo que pode guiar a análise de formas simbólicas em geral, ou um fato comunicacional qualquer. O pesquisador, com essa ferramenta teórica e metodológica, tem condição de analisar o contexto sócio-histórico e discursivo que circunda o fenômeno pesquisado. Assim ele pode proceder a uma interpretação e re-interpretação dos dados. Três categorias emergiram dessa análise, assim nomeadas: *a experiência de Jesus Cristo*, *o discernimento religioso* e *a presença de Jesus Cristo na internet*.

4. Discussão teológica a partir de J. Moltmann

Revisada a questão metodológica, resta, agora, analisar o fenômeno à luz da cristologia de J. Moltmann. Este teólogo começa sua trajetória muito antes da invenção da internet. Logo surge a pergunta: como se justifica o diálogo que esse trabalho propõe? Moltmann não escreve sobre a era digital, mas apresenta uma cristologia para as pessoas e suas circunstâncias históricas. É, sobretudo, uma reflexão para o tempo presente, de relevância política e de ambiência pública. Dessa forma, ele é uma referência teológica importante e respeitada. Seu pensamento cristológico é entusiasmado e aberto às questões atuais da humanidade.

Para o teólogo alemão importa um Cristo direcionado às pessoas que estão neste tempo, com suas alegrias e dificuldades. Por isso, este propõe uma cristologia do homem peregrino (*christologiaviatorum*) e do caminho (*christologiaviae*). Dessa forma, não se trata de uma cris-

tologia metafísica de cima, nem de uma cristologia antropológica de baixo, mas de uma cristologia para frente, com dimensões messiânicas e escatológicas. Buscou-se a aproximação dos dados pesquisados com o pensamento de J. Moltmann relacionando-os da seguinte forma: *a experiência de Jesus Cristo* com a dimensão das promessas, o *discernimento religioso* com a dimensão do messias crucificado, e a *presença de Jesus Cristo na internet* com a dimensão da cristoprática. Cada categoria é exemplificada com falas dos grupos focais.

4.1 O eu e a confiança em Deus: a dimensão das promessas

A primeira categoria se refere à *Experiência de Jesus Cristo*. Segundo as transcrições, os jovens definem Jesus a partir de uma experiência pessoal com Ele e sempre com pronomes possessivos da primeira pessoa do singular. Expressões como *melhor amigo*, *meu líder e meu salvador* foram observadas em todos os grupos. Constatou-se que a experiência individual com Cristo é a forma mais marcante de conhecê-lo. Também notou-se que a família influencia cada vez menos na fé das novas gerações, que passam de uma fé de transmissão para uma fé de decisão pessoal. A característica mais relevante é a forte subjetividade nas falas, expressando um predomínio do *eu* sobre o *nós*. Destacam-se os seguintes relatos:

- *O Senhor da minha vida, aquele que mudou o que sou.* (GF 01)
- *Meu guia, meu amigo e meu salvador.* (GF03)
- *Meu salvador, em primeiro lugar. Meu Deus. Meu senhor.* (GF 05)
- *Ele é meu melhor amigo e por ser meu melhor amigo que ele se torna a minha rocha. Meu porto seguro.* (GF 05)
- *Meu líder e libertador.* (GF06)

A categoria da *experiência de Jesus Cristo* apresenta uma forte subjetividade dos jovens entrevistados e converge para um diálogo com a dimensão das promessas em Moltmann. As promessas são iniciativas de Deus que contam com a fidelidade humana. Nelas é Deus que se revela e mostra aos seres humanos sua bondade e amorosidade. A dimensão das promessas está relacionada à escatologia, é uma palavra que não encontra correspondência na realidade presente. A base de

seu entendimento está nas promessas bíblicas do Antigo Testamento. Desde a narrativa do Pentateuco – com as promessas de terra e de descendência – até o livro de Samuel – com as promessas de aliança e do reino em Israel – o povo faz uma caminhada rumo a um horizonte de esperança cada vez maior. Toda promessa de Deus precisa da fidelidade e do comprometimento do povo. O teólogo da esperança faz uma releitura das promessas do Antigo Testamento, projetando-as até a ressurreição de Cristo.

A promessa remete à aliança mediante a confiança. Quem esquece a sua promessa nega a si mesmo. A própria convivência em sociedade somente é possível com base em atos de confiança. A história do Antigo Testamento é repleta de aparições e promessas de Deus. Nas promessas existe um juramento de aliança divina com seu povo. “A forma original da verdadeira aliança é a aliança do Sinai, na qual se diz: ‘Eu quero ser o vosso Deus e vós sereis o meu povo’. Esta fórmula contém, por um lado, a promessa autocomprometedora e a presença de Deus na aliança e, por outro, a eleição de seu povo para ser sua propriedade”. Para Deus, a essência da promessa está na fidelidade humana. Ela sempre aponta para além, para um futuro em Deus. Da promessa surge a inquietude em um presente ainda não realizado. É um futuro anunciado, mas ainda não plenificado.

A revelação de Javé não tem por finalidade proteger e amparar o presente, ameaçado em sua eternidade, mas, ao contrário, faz com que os ouvintes da promessa não se preocupem em proteger a realidade que os cerca, antes se orientem em esperança e em direção ao novo futuro prometido. O efeito da revelação não é a sanção religiosa do presente, mas a irrupção para fora do presente em direção ao futuro.

Noutra direção foi o resultado da pesquisa. Percebe-se, nos grupos focais, uma inclinação para a eternização do presente. Os jovens não assumem completamente a escatologia cristã. É a tendência de uma geração que adquire sua fé, não mais por tradição, e sim por uma decisão pessoal. Também é marcante o fato da subjetividade, e quando tais jovens definem por si mesmos a Jesus Cristo, esquecendo-se da tradição, perdem questões relevantes do mistério de Deus e da

reflexão cristã feita ao longo da história. Outra propensão, já que a subjetividade é a verdade, é a migração de elementos da finitude humana para a divindade. Assim, o presente é mais importante que o futuro. Importa gozar da realidade palpável e sem compromisso com o depois. Tais falas ilustram a questão:

- *Eu acredito que o presente é tudo. A gente não sabe o que vai acontecer amanhã. Não adianta a gente fazer planos e planos, colocando Jesus na nossa vida no futuro se a gente não sabe se vai estar aqui amanhã.* (GF 03)
- *Eu digo que ele está mais presente em mim agora e tem mais importância agora.* (GF 04)
- *Eu costumo viver dia a dia, pois se só buscar pro futuro é Jesus lá no fundo. Porque a gente está no presente e não no futuro.* (GF 05)
- *Eu não creio que seja futuro, eu acho que é presente. Cristo é uma referência para mim no meu presente.* (GF05)

A dimensão das promessas sempre diz respeito a um futuro em Deus, por isso estão relacionadas com a esperança. Entretanto, se constatou nos grupos uma tendência à eternização do presente. Segundo a dimensão da promessa, o ser humano, tomado por Deus, precisa viver a inquietude, numa esperança ativa. Não pode se acomodar à realidade. Para quem vive na fidelidade da promessa, não haverá frustração, pois a garantia é divina. As expressões humanas sobre Deus dizem parte do seu ser, mas nunca podem abarcá-lo por completo. As promessas são um teste de resistência para o ser humano, pois exigem a confiança e o comprometimento de cada um. É preciso lembrar que o futuro de Deus não pode ser imaginado pelo ser humano, por isso transcende a dimensão da subjetividade.

A experiência de Jesus Cristo expressa na categoria – *meu amigo, meu líder, meu tudo* – destaca uma forte disposição a um subjetivismo religioso. É a sociedade em que predomina o *eu* sobre o *nós*, em que o centro é o bem individual e não o bem comum. A era moderna alterou radicalmente o entendimento da verdade, sobrepondo a tradição ao empirismo garantido pela experimentação. “O domínio da tradição através da formação dos espíritos nos textos dos Santos Padres foi substituído pela formação do espírito através da própria experiência

e do experimento”. Moltmann faz a leitura dessa realidade antropocêntrica de duas formas.

Primeiramente, quando trata do tema e esquema de uma cristologia antropológica, que nada mais é que uma *jesulogia*. O teólogo da esperança encontra em Karl Rahner a teologia antropológica necessária para entender a autotranscendência do ser humano. Para Rahner, a pessoa humana dotada de inteligência e liberdade, tem uma abertura não apenas para o finito, mas também para o infinito. Essa introdução no mistério faz da pessoa um ser capaz de Deus, um ser a quem Deus se pode comunicar. Para Moltmann, é possível uma experiência de Deus nas experiências diárias do ser humano, à medida que Deus está em tudo. Sobre o conceito de autotranscendência, explica Moltmann:

Com o conceito da ‘autotranscendência’ Rahner descobriu um conceito analogicamente capaz, que pode ser aplicado a todas as camadas do ser para compreender as transições para fases superiores e mais ricamente organizadas e, portanto, mais complexas. Autotranscendência é o efeito do Espírito já inerente à matéria, que, por visar o ‘imenso mistério’, chamado Deus, deve ser entendido como Espírito divino.

O segundo ponto trata do ser humano moderno contraposto à natureza por meio de seu conhecimento. A natureza se torna objeto e os indivíduos, por meio da ciência e tecnologia, se fazem senhores no mundo. “Se o espírito moderno liberta as pessoas de suas sociedades naturais, individualizando-as como sujeitos, ele as torna livres e autônomas, mas leva-as também a crises de identidade permanentes”. Esta sociedade, com o princípio de que a subjetividade é a verdade, faz uma privatização da religião. Assim, o entendimento subjetivo da divindade pode, da mesma forma, gerar uma soteriologia individualizada. Neste sentido, lembra Moltmann que a salvação só acontecerá quando Deus fizer morada em sua criação. Toda a criação será transformada na *parusia*. Assim, tanto as pessoas como a natureza serão resgatados. É uma proposta que reflete a soteriologia de toda a natureza.

A forma da experiência orientada para o sujeito remonta, como o antropocentrismo do moderno mundo ocidental, àquela antro-

logia bíblica que distingue unicamente o homem como ‘imagem e semelhança de Deus’(Gn 1, 26) e que faz dele o rei na natureza (Sl8). Porém a história da tradição esqueceu cada vez mais que esta distinção conferida ao homem só é válida dentro do quadro da comunhão da criação (Sl 104), e que ela visa unicamente o homem que tem conhecimento de ser criatura, mas não o que daí conclui que é deus e o senhor do seu mundo.

Constata-se nos grupos focais a denominação exageradamente subjetiva de Jesus Cristo. Sua definição é tão próxima que se confunde com a finitude humana. Tal intimidade em nada se parece com a que Jesus teve quando usou a expressão *Abba* para se referir ao Pai. Aqui parece que ela é muito mais de conveniência do que de serviço. “O antropocentrismo moderno avalia todos os demais seres vivos apenas pelo critério de sua utilidade para o homem e não respeita seu valor próprio”. O conhecer da modernidade está atrelado ao dominar e colocar a serviço. Contrariando isto, lembra Moltmann que o crucificado não pode se tornar um estranho para a sociedade moderna. Seguir Jesus é assumir sua prática que leva vida digna àqueles que mais precisam.

O conhecimento de Deus se dá pela revelação. É Ele que por amor e bondade se mostra. A experiência subjetiva de Jesus Cristo expressa nos grupos focais não é exatamente a mesma da revelação no horizonte da história das promessas. Deus se mostra como Deus no ato histórico de sua fidelidade. Assim, conhecer a Deus significa reconhecê-lo em sua fidelidade histórica, nas promessas. Continua Moltmann, “não são as experiências que produzem a fé e a esperança, mas a fé e a esperança criam as experiências e levam o espírito humano a uma transcendência sempre renovada e sempre insatisfeita de si mesma”. Características como a subjetividade e a eternização do presente não fazem parte da dimensão das promessas. O futuro de Deus não pode ser imaginado pela condição humana, mas sim aguardado, na confiança e esperança ativa de quem faz o caminho com Jesus Cristo. Enfim, não é possível negar a capacidade do ser humano de conhecer o transcendente, entretanto, o mistério de Deus é maior que qualquer capacidade de razão ou emoção humana.

4.2 Saber procurar por Deus: qual Cristo?

O messias crucificado

A segunda categoria se refere ao *Discernimento religioso*. Expressões como *filtrar* e *fonte segura* foram encontradas na maioria dos grupos. Os jovens pesquisados demonstraram certo ceticismo com o Cristo que é apresentado no ciberespaço. Da mesma forma, esta geração é impaciente com relação à hierarquia. A tendência para filtrar todo e qualquer tipo de informação, tendo como referência o *eu*, faz surgir algumas questões: será que os jovens estão abertos para o *novum* de Deus? Em uma realidade em que a ciência tenta explicar tudo, os jovens acreditam na nova vinda gloriosa do Cristo? E numa dimensão messiânica relacionada ao mundo digital, quem ou o que os jovens esperam?

O tempo da cristandade acabou, e a sociedade moderna não tem mais na Igreja o único centro referencial. A ciência, com seu método de experimentação, duvida de tudo que não pode ser mensurado. É o tempo da diversidade, do pluralismo e da liberdade. A geração digital nasceu neste tempo, através da mais potente ferramenta de pesquisa e banco de dados, que é a internet. Constitui-se como a geração dos investigadores. Neste contexto, a Igreja é apenas mais uma palavra dentre tantas vozes na sociedade. Os jovens pesquisados foram enfáticos, quanto ao cuidado que se deve ter com o conteúdo apresentado na internet. Mesmo o espaço digital sendo um mundo sem barreiras, nem fronteiras e projetado para as novidades, os jovens percebem que ele não dá uma experiência autêntica de Cristo. Muito menos garante um futuro. A referida categoria será discutida a partir da dimensão do messiânico em Moltmann. Destacam-se os seguintes relatos:

- *O ambiente virtual é muito complicado porque não tem filtros. (GF 01)*
- *Porque distorce o que é verdadeiro, para nós não faz diferença em nossa vida. (GF02)*
- *Jesus na internet é aquilo que cada um quer que ele seja. Se eu quiser colocar que Jesus é nada a ver, é uma piada, eu coloco. Se é o salvador e guia, eu coloco. Então é muito subjetivo. (GF 03)*

- *Eu vejo a internet como uma ferramenta muito manipuladora. Eu não sei se aquilo que está lá é certo ou errado. E se tu não conheces verdadeiramente a palavra de Cristo tu acabas se levando.* (GF04)

A cristologia deve ser lida a partir da história das promessas messiânicas do Antigo Testamento e da dimensão judaica da esperança. Dessa forma, é possível compreender autenticamente quem é Jesus, o Cristo: “O messias de Israel é o ‘consagrado de Javé’, recordar-se dele significa esperar nele e no seu domínio redentor”. Moltmann desenvolve sua teologia das categorias messiânicas no diálogo entre judaísmo e cristianismo. A postura de ver Jesus com o olhar judeu, não desmerece em nada o cristianismo, apenas enfatiza sua raiz judaica da esperança. É a própria esperança messiânica que relaciona e interliga judeus e cristãos. A esperança pelo messias conduz a Jesus, porém, não para os judeus, que ainda esperam pelo messias que vai libertar e redimir o povo de todo o mal.

O messias sempre foi esperando pelo povo de Israel, especialmente pelos mais necessitados, pois Ele traz libertação. Jesus é o messias, fala e age como tal, porém sua messianidade é confirmada na ressurreição dentre os mortos. “O verdadeiro ‘mistério messiânico’ de Jesus é seu mistério da paixão. Ele não reivindicou messianidade, muito antes a sofreu”. O messias é o redentor do mundo. A escatologia cristã o aponta com o *novum*, aquilo que virá com o Deus da esperança. Esta categoria surge com os profetas de Israel na época da catástrofe de 587 a.C. Neste período em que houve a destruição de Jerusalém e do templo, os profetas ensinaram o povo a ler as catástrofes como juízos de Deus.

Junto com o juízo sobre o povo de Deus, eles anunciam um novo modo de agir de Deus. Eles de fato interpretam as antigas tradições de Deus, mas, em vista delas, falam de coisas novas. Eles anunciam o Deus da história como o Criador de um futuro novo. O fundamento da salvação desloca-se, assim, do passado vivenciado para o futuro esperado.

O mistério messiânico de Jesus corresponde a uma abertura ao futuro, ao advento do novo. Ele é o messias a caminho, no devir,

conduzido pelo Espírito Santo. A categoria *novum* é predominante no Novo Testamento. Com as aparições pascais de Cristo crucificado, Deus faz uma nova intervenção criadora. O despertar de Cristo dentre os mortos só é comparável ao milagre da própria existência (cf. *Rm* 4, 17). “Por esta razão, o futuro do ressuscitado é nada menos que nova criação. Quem ‘está em Cristo’ é, aqui e agora, uma ‘nova criação’”. O velho passou e tudo se tornou novo (cf. *2Cor* 5, 17). A ressurreição de Cristo dentre os mortos faz nascer o futuro da nova criação para dentro do presente, e acende, em meio os sofrimentos deste tempo, a esperança de uma nova vida. Assim, a categoria *novum* é imprevisível e surpreendente, pois traz o totalmente novo.

Relacionando o caráter investigativo e de discernimento que os jovens possuem com sua forte subjetividade, tem-se a ideia de que as posições tomadas, no âmbito religioso, não são conformes ao costume e à tradição. Os jovens enfatizam o Catecismo e a Bíblia como fontes seguras, contudo, “o importante na cibercultura é experimentar, provar de várias fontes e estabelecer a síntese pessoal. Conserva-se o que interessa, pelo tempo que interessar, e se descarta o inútil”. As fontes sagradas do cristianismo são lidas e aceitas no todo, entretanto, parece que os jovens não as vivem por completo devido a uma incapacidade de viver ou colocar em prática o que sabem.

Partindo do entendimento que o Evangelho é lido e filtrado, conforme o interesse particular, é difícil acreditar num seguimento autêntico de Jesus Cristo. A dimensão messiânica do evangelho promete nova realidade, conforme a vontade de Deus e a fidelidade humana. Saber procurar por Deus é importante, mas manter-se fiel a ele é mais ainda. A cibercultura relativiza a verdade, abalando o conjunto da fé cristã, e fragmentando o ser humano e a divindade. Além disso, outra constatação neste processo do discernimento religioso é a fé apenas no Cristo glorioso. Em todos os grupos focais se falou em Cristo salvador e nunca em Cristo crucificado. Há uma negação do sofrimento e se quer apenas a felicidade e um Deus que responda às necessidades particulares. As falas a seguir dão prova disso:

- *O que vocês esperam de Cristo? Felicidade.* (GF 02)
- *Sem ele não iria dar nada certo.* (GF 03)

- *Eu espero que Ele simplifique as coisas.* (GF 03)
- *Eu espero que ele não me deixe sozinha.* (GF 04)
- *Eu espero salvação.* (GF 06)

O Cristo ressuscitado é o mesmo que foi crucificado. É próprio da sociedade moderna desejar a alegria e a felicidade, mas negar o sofrimento e a dor. O Cristo crucificado é esquecido completamente, assim como se anestesia qualquer dor e se suprime qualquer ideia do morrer. Entretanto, é preciso lembrar que sem o processo *kenótico* de Jesus fica difícil de entendê-lo na glória. Seu sacrifício não é um sofrimento compensatório e desejado, mas assumido na liberdade por justiça e pelo reino de Deus. Escreve Bonhoeffer: “É muitíssimo mais fácil sofrer em público e sob honras do que às escondidas e em desonra. É muitíssimo mais fácil sofrer pelo sacrifício da vida material do que pelo espírito. Cristo sofreu na solidão, isolado e em vergonha na carne como no espírito, e desde então muitos cristão sofrem com Ele o mesmo”. Jesus Cristo compreende e sofre junto com o ser humano. Assim, a felicidade passa antes por um processo que lembra a *via crucis*. Não que o sofrimento seja um valor em si, mas é preciso superá-lo para viver em plenitude. A ciência moderna não consegue dar conta do mistério humano e de sua relação com o transcendente. A dúvida que os jovens têm não diminui a fé, desde que uma certeza permaneça. Deus é o único que dá conta das maiores angústias humanas, importa permanecer Nele.

4.3 *Seguimento de alguém: a dimensão da cristoprática*

A terceira categoria se refere à *Presença de Jesus Cristo*. Observam-se nos grupos focais, relatos que evidenciam que o virtual não substitui nem antecipa o real. Para os entrevistados, o ciberespaço não é um ambiente sagrado, pois não é possível encontrar Jesus e muito menos fazer comunidade nele. Expressões como *ausência de Deus* e *eu não vejo Cristo na internet* foram encontradas na maioria dos grupos. Ao contrário de tantas pessoas que estão substituindo suas práticas de fé presencial por ritos virtuais, os jovens entrevistados não acreditam em tal sistema virtual para a religião. Para eles, nada pode substituir

o encontro físico para oração, conversa e convívio. Destacam-se os seguintes relatos:

- *Eu não vejo Cristo na internet.* (GF 02)
- *Acho difícil se tornar um espaço sagrado.* (GF02)
- *Acho muito errado procurar Jesus na Internet, porque não tem.* (GF 04)
- *Jesus é amor e amor a gente não conhece pela internet, amor é pessoalmente.* (GF 04)
- *Acho que não se pode trocar o mundo virtual pela realidade.* (GF 05)

Os relatos dão conta que ser cristão é seguir alguém e em comunidade. Para os jovens, apesar da experiência e da profissão serem subjetivas, o encontro é comunitário. Nesta perspectiva de pensamento, destaca-se a dimensão da cristoprática em Moltmann. O cristianismo segue vivo na medida em que as pessoas confessarem - como fez Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” (Mt 16, 16) – e enquanto anunciarem e viverem o Evangelho em suas vidas. Ser cristão não é aplicar uma teoria com expectativas de vida melhor, mas seguir uma Pessoa que promete e garante a vida nova. O cristão não segue uma ideia, mas alguém. O próprio reino já está presente na pessoa de Cristo, o que atestam alguns sinais no Evangelho de Lucas: “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7, 22).

A cristologia em dimensões messiânicas se afirma como cristoprática, pois convida ao seguimento e ao caminhar junto de Cristo. Por cristoprática, segundo o pensamento de Karlic, o teólogo alemão entende a vida vivida no seguimento de Jesus Cristo que falou e agiu em favor dos pobres, dos doentes, dos pecadores, das viúvas e dos mais necessitados. Essa prática não é aplicação de uma teoria sobre Cristo, mas um caminho de vida através do qual se experimenta quem Jesus verdadeiramente é. Assim, para segui-lo é preciso conhecê-lo bem, e isso só se realiza na comunidade cristã que ouve e testemunha o Evangelho. A comunidade precisa ter como centro a memória da paixão de Jesus. Conhecer o Cristo não significa decorar um dogma,

mas aproximar-se dele no seu seguimento. É uma vida no discipulado. Para Moltmann, “tomar o caminho de Jesus Cristo significa crer nele. Crer nele significa caminhar com ele”. O memorial da ceia do Senhor é fundamental para tal prática, pois no ato de comer e de beber, a presença de Cristo se torna experimentável e liga sua atualidade e seu passado ao futuro da parusia. “A ceia eucarística é o lugar por excelência da memória da parusia. Nela, a morte de Cristo é anunciada até que ele venha (1Cor 1, 26)”.

A propósito do culto semanal, os jovens pesquisados são explícitos nas suas falas, quando eles afirmam não ser possível fazer igreja no ciberespaço. Os jovens, apesar da forte subjetividade, têm a comunidade como uma parte importante da vida cristã. Isso se deve à formação religiosa recebida, e à força emotiva que as relações de amizade carregam consigo. Para estes, sentimentos e emoções só podem ser compartilhados no encontro presencial. No encontro real, cria-se confiança e se fortalecem os vínculos humanos. A questão da comensalidade é visível na fala abaixo citado do GF 04, pois nenhum meio eletrônico tem como proporcionar a comunhão eucarística a seus fieis. Sobre tal categoria, destacam-se os seguintes relatos:

- *Eu acho que para ter comunidade precisa ter confiança. (GF 01)*
- *Comunidade Igreja é impossível que aconteça virtualmente. (GF01)*
- *Igreja, a gente não vai achar na internet. (GF 02)*
- *Não tem como comungar pela internet. (GF 04)*

No cristianismo, a comunidade é o núcleo eclesial em que os crentes realizam a experiência da ceia do Senhor. A Igreja se forma em torno da eucaristia e não ao contrário. Conforme Moltmann, sendo Cristo o sujeito da igreja, a cristologia será, para a teoria da igreja, o tema dominante da eclesiologia. Assim, toda a afirmação sobre a Igreja será uma afirmação a respeito de Cristo. A experiência de Jesus Cristo, para os jovens entrevistados, é íntima e pessoal, parece que a necessidade do encontro semanal é tanto para rever os amigos como para celebrar a eucaristia. Dessa forma, observou-se nos grupos entrevistados uma prática religiosa forte e constante, que forma comunidades reais e que tem na internet apenas um apoio na área da comunicação.

A Igreja tem uma função importante para os crentes, pois sua missão está totalmente atrelada ao conceito de reino de Deus. Por meio dela, o futuro precisa ser construído, mas quando se percebe nos jovens uma eternização do presente, logo se conclui a falta de um anúncio sistemática da esperança confirmada pela ressurreição de Jesus. Não cabe à Igreja ser mercado de sacramentos, mas sacramento de salvação para o gênero humano. Sem Jesus Cristo, não pode existir Igreja, que no seu ofício profético é entendida como comunidade do êxodo. Tal fato reflete uma comunidade a caminho, com esperança no futuro. Para Moltmann, a Igreja parece socialmente marginalizada na sociedade moderna. Da mesma forma, ela passou de um *cultus publicus* para um *cultus privatus*. Passando agora a funções secundárias, como consolar nas angústias existenciais e anonimamente ajudar na fraternidade. Segundo Gibellini: “A comunidade dos cristãos não existe para si, não existe em função de uma ‘eclesialização’ do mundo, mas tampouco existe em função da estabilização da sociedade; ela vive de uma promessa, que descortina um horizonte de esperança para toda a humanidade; ela, tem, pois, uma missão pública”. A Igreja só pode ser entendida a partir de Jesus Cristo.

A proposta de cristoprática está baseada no Sermão da Montanha e por isso pode ser vista como o princípio fundamental da ética cristã. “A noção de que Cristo é o único Salvador e Senhor não pode ser restrita à fé, mas tem que abranger a vida toda”. A analogia entre ética e pessoa é indispensável. Não se pode falar de ética sem se tratar das relações humanas, especialmente, do cuidado com os mais necessitados e desfavorecidos. “Quem se volta para os pobres volta-se para Cristo, que nos pobres espera pelos seus. Porque Cristo se identifica com os pobres e garantiu sua presença em seu meio, pertencem estes, sabendo ou não, à comunidade de Cristo”. Nota-se, nos relatos dos jovens pesquisados que a figura de comunidade, enquanto grupo dos conhecidos, é mais importante do que tantos outros desconhecidos, sejam católicos ou não. A cristoprática chama a cada ser humano para a construção do reino de Deus, iniciando pelos preferidos de Deus e não pelos preferidos do *eu*.

Portanto, assumir o seguimento de Jesus Cristo é assumir uma proposta de vida eclesial em função do reino de Deus. Assim, é impossível fazer comunidade individualmente, pois a fé é alimentada na ceia do senhor, em torno da eucaristia e em comunidade. Enfim, a cristoprática propõe um seguimento engajado na sociedade, pois Cristo, através dos cristãos, precisa ser sinal de esperança para todos.

Conclusão

O contexto atual do ciberespaço influencia em todas as instituições e áreas da vida humana, construindo um novo ser humano conectado com tudo e todos. O ciberespaço é um meio com fronteiras mínimas e com inúmeras utilidades para seus usuários. Nele, cada internauta pode montar seu próprio perfil, decidir o horário nobre para ver e ouvir o que lhe interessa. Este, ao contrário das antigas mídias, é um meio de comunicação interativo em que o usuário é pessoa ativa. Junto com essa poderosa ferramenta de comunicação digital se constitui uma nova cultura e também uma nova geração de seres humanos. A chamada geração digital é composta por jovens que formam uma legião de pessoas conectadas, através de surpreendentes aparelhos tecnológicos de comunicação. Neste contexto, a juventude é a geração mais influenciada pelas tecnologias digitais, logo, quem é Jesus Cristo para os jovens católicos hoje?

A primeira conclusão, na categoria *experiência de Jesus Cristo*, é a profunda subjetividade nos relatos dos entrevistados. A religiosidade na pós-modernidade, mesmo quando praticada em comunidade, é norteadada pelo indivíduo. O antropocentrismo é o novo referencial religioso. A dimensão transcendental é menos evidente do que a dimensão da imanência. Nesse sentido, cresce uma religião a *la carte*, construída conforme o interesse pessoal. A família deixa de ser o eixo religioso dos jovens, que passam de uma fé de tradição para uma fé por decisão. Com o processo de secularização da sociedade, a religião perde o posto de referência principal e a dimensão religiosa é remetida à liberdade e à escolha pessoal. Em Moltmann, tal categoria foi relacionada à dimensão das promessas, que sempre correspondem a

um futuro em Deus, pois estão relacionadas à esperança. Conclui-se que juntamente com o fenômeno do antropocentrismo aparece uma tendência à eternização do presente. Já não existe espaço para um futuro, importa gozar o momento presente. Enfim, Jesus Cristo é definido conforme o interesse particular de cada fiel. Várias expressões comumente usadas aparecem nas entrevistas, como *meu salvador*, *meu amigo*, *meu tudo*, *meu líder*, demonstrando que estes jovens católicos referem-se a Cristo por meio do pronome possessivo na primeira pessoa do singular, o que caracteriza uma fé com profunda subjetividade.

Da segunda categoria, o *discernimento religioso*, se conclui que os jovens são ávidos investigadores. Nada é tomado como seguro, enquanto não passar por uma investigação apurada de um *site* de busca. A internet possibilita facilmente tal atitude, já que concentra um enorme banco de dados *online*. Os jovens mostraram uma tendência a filtrar tudo que se relaciona a Jesus Cristo disponível no ciberespaço. Eles afirmaram como fontes seguras a Bíblia e o Catecismo, divergindo da característica apresentada na categoria anterior que nega a tradição. Entretanto, o que é lido e aceito nestas fontes é escolhido segundo as possibilidades do próprio jovem. A doutrina é aceita em sua totalidade, mas não é vivida na mesma proporção. Em Moltmann, esta categoria foi relacionada à dimensão do *novum* e do messias crucificado. A ciência moderna tende a explicar tudo, e o que não pode ser mensurado, tampouco deve ser aceito como verdadeiro. Conhecer significa dominar. Nesse sentido, para os jovens investigados é difícil acreditar em algo novo em Deus, já que tudo pode ser explicado. O mistério divino parece se esgotar para um público que tem, num clique, tudo ao seu alcance. Também nota-se que quando se espera algo de Cristo, sempre se refere à felicidade, sem precisar passar por uma vida de dificuldades. Portanto, os jovens dessa geração professam apenas o Cristo glorioso, esquecendo totalmente do crucificado. Não existe vontade de renúncia ou privação, para alcançar uma felicidade no futuro. Na religião *a la carte*, o ponto central da fé cristã – a paixão – é mascarado. Deus deve servir aos interesses particulares, sem qualquer questionamento como dispensador de graças para o entretenimento presente.

Na terceira categoria, a *presença de Jesus Cristo na internet*, os relatos dão prova que o ambiente virtual não substitui nem antecipa o real. Os jovens não percebem o ciberespaço como um ambiente sagrado, já que para eles, ali Deus está ausente. A internet é aceita como um forte meio de comunicação e propagação da fé cristã, todavia, uma evangelização autêntica depende do testemunho pessoal. Segundo os resultados da pesquisa, o mundo digital pode ajudar para um encontro inicial, mas nunca poderá substituir a comunidade eclesial. Importa destacar que os respondentes são jovens engajados. Em Moltmann, tal categoria foi relacionada à dimensão da cristoprática. Esta convida ao seguimento de Cristo, a caminhar junto Dele. A questão está em assumir na vida diária a mensagem evangélica, seguindo a uma pessoa e não a uma ideia, e para isso é preciso primeiro conhecer o Cristo. O primeiro acesso a Cristo está na ceia comunitária. Os jovens foram enfáticos ao negar a presença de Jesus no ciberespaço. Conclui-se que apesar da forte subjetividade, os relatos revelam que ser cristão é seguir a Cristo em comunidade. Para os jovens, apesar de a experiência e a profissão de fé serem subjetivas, o encontro é comunitário. Eles têm presente que a comensalidade jamais será satisfeita pelo internet.

Esse trabalho partiu de uma hipótese de que a internet influenciava fortemente na concepção de Jesus Cristo nos jovens da geração digital. Entretanto, observou-se que esta influência não é representativa, uma vez que o público pesquisado tem uma formação religiosa intensiva. Para os jovens entrevistados, o ciberespaço não é um ambiente sagrado que possibilite o encontro com Jesus Cristo. Os relatos falam em ausência de Deus na internet. Neste ponto, os jovens sustentam a necessidade do encontro comunitário para formar Igreja. Entretanto, mesmo em comunidade a experiência individual de Jesus é que o define. Citando um relato do GF 03, *Jesus Cristo é aquilo que cada um quer que ele seja*.

A força da subjetividade faz nascer uma geração que decide os elementos de fé essenciais à vida. A tradição e a família deixam de ser os referenciais religiosos e os jovens passam a uma fé por decisão pessoal. Notou-se que a doutrina é aceita em sua totalidade, mas vivida

parcialmente dentro das possibilidades de cada jovem. No contexto e fruto da ciência moderna, o transcendente serve como consolo e conforto pessoal. Enfim, os jovens católicos da geração digital tem um jeito de ser e agir diferentes, com seus cantos, orações e encontros próprios, mas constituem a mesma Igreja Católica e professam a fé no mesmo Cristo Jesus. Portanto, Jesus Cristo para os jovens católicos do Rio Grande do Sul é experimentado subjetivamente em um momento emotivo como um grande amigo, mas sua noção de que a comensalidade jamais será satisfeita na internet deixa claro que a comunidade de fé é a lugar por excelência da vida de Igreja e do encontro com Deus.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Trad. Ernesto J. Bernhoeft. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- BRUSTOLIN, Leomar A. *Quando Cristo vem...: a parusia na escatologia cristã*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2001.
- CONCILIUM – REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. *Ciberespaço, Ciberética e Ciberteologia*. Petrópolis: Vozes, n. 309, jan. 2005.
- DARIVA, Noemi (Org). *Comunicação social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.
- KARLIC, Ivan. *Il Gesù della storia nella teologia di J. Moltmann*. Roma: Herder, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3 ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIBANIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MIRANDA, Mario de Franca. Karl Rahner e a fé Cristã na pós-modernidade. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, 2004, n. 145.

- MOLTMANN, Jürgen. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2003. (Coleção Theologia Publica n. 3).
- _____. *Dio nella creazione: doutrina ecologica della creazione*. 3 ed. Brescia: Queriniana, 2007.
- _____. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas de teologia cristã*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2004. (Coleção Theologia Publica n. 5).
- _____. *Il Dio crocifisso: la Croce di Cristo, fondamento e critica della teologia Cristiana*. 2 ed. Brescia: Queriniana, 1975.
- _____. *La Iglesia, fuerza del espíritu: hacia una eclesiologia mesiánica*. Ediciones Sigueme: Salamanca, 1978.
- _____. *O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Trad. Ilson Kayser. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 3 ed. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005.
- RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo se fez bit: Uma análise da experiência religiosa na internet*. In.: *Cadernos IHU*. São Leopoldo: Unisinos. Ano 9, n. 35, 2011.
- SCHNEIDER, Theodor (Org). *Manual de Dogmática: Vol. 1*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. (Org). *Manual de Dogmática: Vol. 2*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SUSIN, Luiz Carlos. (Org). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000.
- TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ZANON, Darlei. O mistério da fé no fenômeno da cibercultura. In: *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: CES, n. 94, set/dez. 2002.

III

Seção pastoral

5.

REDES DIGITAIS E FIM DA POBREZA: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

*Lourdes de F. Paschoaletto Possani*¹

*Wagner Lopes Sanchez*²

*Tal como a escravidão e o apartheid, a pobreza não é natural.
É feita pelo homem e pode ser ultrapassada pelas ações de
seres humanos.*

(Nelson Mandela)

As redes digitais são hoje uma realidade nas sociedades atuais e têm sido tema de discussão nos espaços educacionais, formais ou não. Este texto traz uma reflexão sobre a sua importância na educação popular, enquanto ferramenta de comunicação, mas especialmente quanto às possibilidades de seu entrelaçamento com temas/conteúdos que sejam relevantes. Com o avanço da internet e a ampliação do seu acesso, parece que já estão resolvidas as principais questões de comunicação no mundo via internet e não se discutem os seus conteúdos e o que deles se quer. Esses conteúdos circulam todos os dias pelas redes digitais, inclusive nos meios populares com acesso através de computadores (particulares ou públicos) e de celulares que permitem conexão com a internet.

Tratamos aqui especificamente do tema *fim da pobreza*, numa tentativa de provocar os educadores populares e instituições às quais estão ligados a refletir acerca da relação fim da pobreza - educação popular - redes digitais, visto que ele envolve questões imediatas e outras a médio e longo prazo.

¹ Lourdes de F. P. Possani é Supervisora Escolar na Rede Municipal de São Paulo e docente do Ensino Superior. Faz parte da Equipe de Coordenação do Curso de Verão, desde 1992, e do Conselho Superior do CESEEP, desde 2010.

² Wagner Lopes Sanchez é docente do ensino superior, membro da diretoria do CESEEP desde 2006 e faz parte da coordenação do Curso de Verão desde 2001.

Nos movimentos sociais e pastorais, muitas vezes os discursos são recheados de palavras que nos reportam ao fim da pobreza ou ao fim da miséria, exprimindo a inconformidade com uma situação de injustiças sociais, de negação dos direitos mínimos de cada cidadão. São escancarados os lugares onde estão os sujeitos famintos, sem trabalho, sem moradia, sem escola, sem hospitais e remédios e propomo-nos a criar outro mundo possível, mais justo, mais humano... Nestes discursos, reafirmamos sempre a possibilidade de conquistas sociais, a partir da luta e da participação social.

Mas, de que pobres e de que miseráveis estamos falando? Parece tê-nue o limite entre pobreza e miséria. Temos mais facilidade em aceitar a pobreza e menos a miséria? Satisfaz-nos a saída da miserabilidade e a entrada na pobreza? Em outras palavras, indignamo-nos com a miséria, mas aceitamos a pobreza? No mundo com que sonhamos, não existirão pobres ou não existirão apenas os miseráveis?

A pobreza pode ser definida como a ausência do atendimento às necessidades básicas das pessoas. Essa definição exige que haja uma delimitação de quais são essas necessidades e do nível de atendimento a ser aceito como adequado. Desta forma, as diferenças entre as realidades a serem estudadas exigem que especifiquemos o conceito de pobreza.

Dois conceitos muito utilizados, nos estudos sobre a pobreza, são *pobreza absoluta* e *pobreza relativa*. Segundo Rocha,

pobreza absoluta está estreitamente vinculada às questões de sobrevivência física; portanto, ao não-atendimento das necessidades vinculadas ao mínimo vital. O conceito de pobreza relativa define necessidades a serem satisfeitas em função do modo de vida predominante na sociedade em questão, o que significa incorporar a redução das desigualdades de meios entre indivíduos como objetivo social.

Nos países ricos, sobretudo depois da segunda guerra mundial, a noção de pobreza passou a ser tratada a partir do critério da renda. Essa abordagem foi generalizada nos estudos sobre a pobreza. Desta forma, as questões ligadas à sobrevivência física e que estão associadas à noção de pobreza absoluta foram deixadas em segundo plano para

dar lugar à abordagem da renda como critério. Esse tem sido o critério utilizado pelo Banco Mundial para falar de pobreza.

O Banco Mundial também adjetiva o termo pobreza e define a *pobreza extrema* como viver com menos de 1 dólar por dia e *pobreza moderada* como viver com entre 1 e 2 dólares por dia. Estima-se que 1 bilhão e 100 milhões de pessoas no mundo tenham níveis de consumo inferiores a 1 dólar por dia e que 2 bilhões e 700 milhões tenham um nível inferior a 2 dólares.

Outro critério utilizado para definir a *pobreza absoluta* é o da ingestão diária de calorias por pessoa inferior ao mínimo necessário (aproximadamente 2000/2500 kilocalorias). A proporção da população mundial que vive em países onde a ingestão média de calorias é inferior a 2200 por dia diminuiu de 56% em meados dos anos 60 para menos de 10% nos anos 90. No entanto, mesmo diminuindo, a pobreza em nível global é ainda um problema enorme e dramático: todos os anos cerca de 18 milhões de pessoas (50 mil por dia) morrem por razões relacionadas com a pobreza, sendo a maioria mulheres e crianças. Todos os anos cerca de 11 milhões de crianças morrem antes de completarem 5 anos de idade.

No caso do Brasil, os dados apresentados pelo IBGE, em pesquisa encomendada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome mostram que há 14 milhões de pessoas que passam fome. Destes, 20,6% têm até 17 anos de idade e 72,4% são pretos ou pardos. São dados que denunciam uma situação de miséria vivida por parte significativa da população brasileira. Segundo as estatísticas do Banco Mundial, na América Latina e no Caribe, 9,5% da população tem menos de 1 dólar diário no bolso – no Brasil, são 8,2%, ou seja, 15,3 milhões de pessoas.

Há contrastes visíveis e perceptíveis se forem comparados dados relativos à moradia e à saúde, por exemplo. Condomínios luxuosos ostentam a riqueza ao lado da precariedade das condições de moradia das favelas; protegem-se com muros altos e sistemas de segurança de alto custo, seja pessoal, com guarda-costas e carros blindados, seja com tecnologia de ponta para rastrear espaços internos e do entorno que possam ameaçar a paz e a propriedade dos seus moradores. Na saúde,

vemos pessoas usufruindo, de tecnologias de ponta para a realização de exames diagnósticos e tratamento das doenças, enquanto grande parte da população não tem acesso a consultas médicas, hospitais e remédios.

Falar de conceitos e de números sobre pobreza e miséria é mais palatável do que quando vemos pessoas vivendo em condições de pobreza e de miséria. Estas pessoas têm nomes, têm rostos, têm endereços (nem sempre fixos...). Os índices de fome expressos em números e em fotos de crianças e de adultos estampadas em páginas de noticiários impressos, televisivos e virtuais, acostumaram a nossa vista e nossos ouvidos a uma realidade que é naturalizada.

No entanto, olhar mais atentamente ao nosso redor pode revelar que a pobreza e a miséria atingem pessoas reais e que, frequentemente, estão bem mais perto de nós do que gostaríamos: as crianças sujas nos semáforos das metrópoles são um dos retratos desse cenário e sua presença incomoda. Sua voz, pedindo esmola, que mais parece um grito de socorro, questiona e teima em mostrar o lado real da desigualdade social perversa que o modelo de economia atual imposto a todos não atende a todos em suas necessidades.

Ressaltamos que quando falamos de pobres e de pobreza neste texto não nos referimos à possibilidade de viver com simplicidade, por escolha, sem apego ao consumo desenfreado estimulado pelas mídias. Tratamos sobre a pobreza enquanto estrutura social que pode ser superada a partir da mudança desta estrutura e apontamos as redes digitais como uma possibilidade de espaço formativo e circulação de ideias e propostas com vistas a transformação social.

Fim da pobreza ou da miséria?

Quando a miséria põe-se à vista tão descaradamente, impondo aos seus expectadores indignados com tal situação, uma situação de escolha – não por vê-la, mas por decidir sobre *o que* e *como* fazer para acabar com este “espetáculo” de horror –, traz à tona a questão ética que antecede as decisões em favor *do que* e *de quem* se trabalha. A questão se coloca, seja no âmbito pessoal seja no da esfera pública.

Envolve decisões políticas que interferem no destino das pessoas em nível regional, continental e até planetário.

No Brasil, algumas pesquisas indicam a ascensão social de parte das pessoas que migraram da classe E para a D. Atribui-se esta passagem de uma classe para outra, ao aumento do salário mínimo (que teve aumento real de 75% de dezembro de 1998 a dezembro de 2011) e à criação dos programas sociais de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família. Tais pesquisas apontam que, “pela primeira vez, em 2012, a classe E, base da pirâmide social, representa menos de 1% dos 49 milhões de domicílios existentes no país”.

Mas, mesmo com menos de 1% dos domicílios brasileiros na classe E, o desafio de acabar com a miséria ainda é muito grande. Em números absolutos, isto significa ter ainda 7 milhões de pessoas em situação de miséria ou de extrema pobreza. Destes, 32,2% são analfabetos e 49,8% tem até 15 anos de idade.

Como foi dito anteriormente, estas pessoas tem nomes e endereços e, estes, nem sempre fixos. Estão morando em casas sem janelas, sem saneamento básico, convivendo com ratos e baratas e com alimento em quantidade insuficiente para atender as necessidades básicas de nutrientes para uma vida saudável. Muitas dessas crianças não frequentam a escola ou, se o fazem, estão fadadas ao fracasso escolar, pelas condições desiguais de chegada e, não raro, pela forma de acolhimento e modelo que não consideram a sua realidade familiar e social.

A questão da pobreza e a preocupação com a sua superação está presente também em autores que não têm uma posição crítica diante do modelo atual de desenvolvimento do capitalismo mundial. Jeffrey Sachs é um exemplo disso: ele é um economista que assessora muitos organismos internacionais e que tem realizado estudos sobre a pobreza. Ele defende uma proposta para se acabar com a miséria no mundo até o ano de 2015. Parte do pressuposto de que o desenvolvimento econômico é uma matriz capaz de elevar o nível destas pessoas a degraus superiores. Segundo ele, “da população mundial de 6,3 bilhões, cerca de 5 bilhões de pessoas alcançaram pelo menos o primeiro degrau do desenvolvimento econômico”. As propostas de solução contra a miséria que traz em seu livro consistem em elevar 1

bilhão de pessoas a este primeiro degrau, sem o que seria impossível pensar em fim da pobreza no mundo. O crescimento econômico só é pensável a partir desta etapa de desenvolvimento. O autor apresenta algumas das armadilhas responsáveis pelo rompimento do desenvolvimento econômico em muitos países pobres, apontando a própria pobreza como uma das causas para o não crescimento econômico. Outros fatores como geografia física, armadilha fiscal, falha de governança, barreiras culturais, geopolítica, ausência de inovação e armadilha demográfica são apontados como barreiras para o desenvolvimento econômico de alguns países. Quem tem maior chance de cair nessas armadilhas são os países mais pobres.

A ONU, no ano de 2000, reuniu 188 líderes mundiais, entre eles chefes de Estado, chefes de governo e chanceleres e estabeleceu compromissos mínimos para o Milênio. Estes compromissos foram explicitados em forma de metas a serem atingidas pelas nações:

- 1) Erradicar a extrema pobreza e a fome – reduzir à metade o número de pessoas que vivem com menos de um dólar por dia;
- 2) Atingir Ensino Básico Universal – garantir Ensino Fundamental para todos;
- 3) Promover igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres: eliminar desigualdades no ensino fundamental e médio até 2005 e em todos os níveis até 2015;
- 4) Reduzir a mortalidade infantil – reduzir em dois terços as taxas de mortalidade infantil de crianças com menos de cinco anos;
- 5) Melhorar a saúde materna, reduzindo em setenta e cinco por cento a mortalidades de mães;
- 6) Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças;
- 7) Garantir sustentabilidade ambiental - Incorporar princípios de desenvolvimento sustentável, reduzir à metade o percentual de pessoas sem acesso a água potável; e
- 8) Estabelecer parcerias para o desenvolvimento - desenvolver um sistema mundial, comercial e financeiro aberto baseado em normas e não discriminatório.

As oito metas estabelecidas indicam que os países envolvidos deveriam e devem ainda realizar ações no sentido de se concretizar o

que foi estabelecido até 2015. Estas metas estão diretamente ligadas à universalidade e indivisibilidade dos direitos, considerando que todos estão imbricados entre si, especialmente aqueles relacionados à educação. No entanto, as avaliações feitas após a assinatura da Carta do Milênio, mostram que muito deve ser feito para alcançar os (tímidos) resultados esperados. Reduzir à metade, até 2015, o número de pessoas que vivem na miséria, ou em condições de extrema pobreza é pouco se pensarmos que entre duas crianças que nasceram nesta condição no ano de 2000, uma delas estará com 15 anos em 2015 e que a outra, provavelmente, já tenha morrido.

Cabe ressaltar que as propostas apontadas aqui demonstram a preocupação com a miséria e com a criação de mecanismos para a sua superação visto que miseráveis não são consumidores em potencial, não trabalham etc. Mas não há uma preocupação com a mudança do modelo econômico para reverter a situação e acabar também com a pobreza via redistribuição de renda.

Estes diagnósticos e alternativas partem do pressuposto de que a superação da condição de miséria passa pelo desenvolvimento econômico. Nesta ótica, o desenvolvimento econômico e outras medidas de ajuste são os instrumentos necessários para superar a miséria, deixando de lado propostas de mudanças no padrão de distribuição de riquezas, seja em âmbito local ou mundial. Este discurso presente – de forma implícita ou explícita nas mídias – convence e faz, inclusive os pobres, defenderem a “mesma causa”.

Redes e redes digitais

O conceito de rede é abrangente porque pode trazer diferentes significados, mas têm como base a ideia de interligação, conexão e multipolaridade. Desde a construção das redes ferroviárias, durante a revolução industrial, nunca se falou tanto em redes como agora.

Existem redes de pessoas e instituições em torno de causas comuns e que se dão de diferentes formas: encontros de pessoas em reuniões, conferências, simpósios, manifestações públicas, sejam de interesses corporativos ou em torno de causas sociais. E a comunicação se fez

por muito tempo e ainda se faz pelo uso do telefone, do fax e do correio (cartas, telegramas, malas diretas etc.

Atualmente, quando se fala em redes, pensa-se também em conexões nas quais se utiliza o computador e a internet como meio de comunicação e interação de pessoas, empresas e de uma diversidade de grupos com interesses comuns.

Neste texto, daremos ênfase às redes digitais, compreendendo que elas fazem parte de outras redes, não necessariamente digitais. O uso em massa das redes digitais nas últimas décadas só está sendo possível graças ao avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Com aparelhos de computação e telefonia cada vez mais avançados, formando uma dupla fortemente atraente e dinâmica do ponto de vista de redução de tempo e de distância entre pessoas, este recurso é cada vez mais utilizado, seja para o uso pessoal ou de empresas e/ou instituições. Para a geração de crianças com menos de 10 anos de idade, que dispõem de recursos financeiros para tanto, é impensável a vida sem os jogos eletrônicos, as comunidades virtuais, os e-mails, o MSN etc.

Falar em redes digitais e de sua relação com a temática deste texto, pressupõe pensar na sua capacidade de mobilização de pessoas e instituições num processo de comunicação virtual, que pode propiciar encontros, manifestações e ações. Essas redes podem favorecer o aumento da segregação e do cultivo do individualismo, mas podem também propiciar a ampliação da mobilização e da solidariedade entre pessoas, grupos e instituições.

É necessário superar uma mentalidade bastante disseminada, que vê nas redes digitais um perigo para a mobilização das pessoas com vistas à luta pela justiça e que apenas contribuem para reforçar o individualismo tão arraigado nos tempos atuais. O desenvolvimento das redes digitais permitiu tanto o aumento de encontros virtuais entre pessoas e entre grupos, através de adesão às “comunidades” e outros nichos de comunicação *on line*, como também permitiu um outro tipo de articulação, movimentação e manifestação política. Nas redes digitais, movimentos e grupos dos mais variados tipos encontram espaço para levantar e discutir suas “bandeiras de luta”. E isso acontece com uma velocidade e uma amplitude nunca vistas

e com o envolvimento de pessoas em todo o mundo. É o que hoje é chamado de ciberativismo. Como exemplos, podem ser apontados tanto a experiência do Movimento Zapatista no México quanto o movimento 15M, na Espanha.

O ciberativismo é, hoje, uma possibilidade de articulação e mobilização de pessoas e grupos que estão engajados nas diversas lutas sociais que está apenas nos seus primeiros passos. O desenvolvimento do ciberativismo certamente dará às redes digitais um novo significado.

Assim, podemos nos perguntar: qual é a relação entre as redes digitais construídas nos últimos anos e a mobilização em favor de causas humanitárias? Em que e como as redes digitais podem contribuir com o fim da pobreza?

Redes digitais e educação

As políticas públicas para a educação devem ter como princípio o atendimento ao direito das pessoas à educação e devem refletir este desejo na execução de ações em favor do atendimento a esses direitos. Não se fala de qualquer educação, mas de educação com vistas à formação de pessoas para intervir no meio em que vivem, tornando-o mais justo do ponto de vista da distribuição da riqueza e mais solidário do ponto de vista das relações interpessoais, institucionais e com a natureza, de modo que haja menos diferenças sociais e que as pessoas sejam mais felizes.

Nesta perspectiva, quando falamos de educação escolar, esta passa a ser *fim e meio*; fim enquanto cumprimento de metas da universalização da educação básica e garantia de outros direitos, e meio enquanto condição para alcançar níveis mais avançados de estudos e como ferramenta política de transformação e possibilidade de conquista de outros direitos básicos do ser humano. No Brasil, muitos sistemas educacionais na esfera pública e os sistemas de educação no campo privado, disponibilizam o acesso às tecnologias e comunicação virtual pelos alunos, mas há ainda uma grande parte de escolas do país que não possuem nem mesmo energia elétrica.

As escolas com acesso aos equipamentos de informática têm lidado com o fenômeno como recurso tecnológico a serviço do trabalho pedagógico, sem que sejam repensados os conteúdos e formas para o exercício do ensinar e do aprender.

Em relação a redes digitais na educação, enfrentamos três problemas centrais: o acesso ao recurso tecnológico – que pressupõe um computador e uma linha de comunicação virtual – e, para quem tem acesso, os conteúdos que circulam nas redes digitais, e a tecnologia da comunicação como linguagem que possibilite outras formas de ensinar e de aprender. Além disso, na maioria das vezes, essas tecnologias são utilizadas como ferramentas para modelos educacionais tradicionais, excludentes e que não favorecem a autonomia e crítica dos usuários. Para Almeida e Almeida

o problema está em como estimular os jovens a buscar novas formas de pensar, de procurar e selecionar informações, de construir seu jeito próprio de trabalhar com o conhecimento e de reconstruí-lo continuamente, atribuindo novos significados, ditados por seus interesses e necessidades

Assmann trabalha com o conceito de redificação para falar das redes digitais e insinua “a idéia de que já estamos vivendo uma efetiva imersão num enredamento que transforma profundamente a relação comunicativa entre os seres humanos”. Segundo ele, vivemos um paradoxo: é possível fazer contatos com a vasta camada *on line*, em contraposição aos precários caminhos indiretos que limitam nosso contato com a interioridade.

Para o autor, falar do computador como totalidade em si, não faz mais sentido. O computador isolado tornou-se obsoleto e hoje só faz sentido “como nó de acesso a esta vasta redificação planetária”, pois, isoladamente, praticamente deixou de existir.

Assim, se não nos é mais possível assistir ao cenário de miséria no mundo, como se de nós estivesse distante, pois a realidade nos afirma cotidianamente que ela está presente, é preciso repensar com que base epistemológica nos colocamos, para uma reflexão acerca do fim da miséria e para avançar na luta pelo fim da pobreza no mundo.

No campo das políticas públicas educacionais, há que se pensar em redes que favoreçam o acesso e a permanência das crianças, adolescentes, jovens e adultos na escola, com qualidade social da educação. Esta qualidade implica em repensar currículos e adotar novas formas de aprender, de ensinar e de gerir a educação, tanto no nível micro (ambiente escolar) quanto no nível macro (sistemas educacionais). Isso inclui o acesso a tecnologias, como computadores e internet, não só como possibilidade de oferecer espaços tecnológicos para formação de redes, inclusive as digitais, mas também de favorecer um enredamento maior, cujas matrizes sejam sistemas onde se definem políticas regidas por uma ética coerente com a proposta de mudança para um mundo melhor, para todos.

A luta por modelos educacionais que propiciem a emancipação das pessoas não é tão explícita, num momento sócio- econômico e político que favorece muito mais a manutenção do *modus vivendi* e, para tanto, dos modelos tradicionais de cunho meritocrático e classificatório, que parecem melhor atender as exigências das agências financiadoras da educação em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Portanto, o tema fim da miséria e da pobreza não está no currículo prescrito e, quase nunca, no currículo vivido pela escola no seu dia a dia. Esse tema está ausente até mesmo das disciplinas da área de ciências humanas presentes nas matrizes curriculares do Ensino Superior. Por esta razão, as escolas que têm introduzido no currículo escolar a informática educativa não trazem em seu bojo a discussão acerca da miséria e da pobreza, visto que as TICs, via equipamentos de informática e uso da internet são usadas como ferramenta para aprendizagens já previstas em currículo e não como possibilidade de comunicação entre escolas e diferentes sistemas e muito menos como ferramenta de conscientização e de mobilização de pessoas em torno do tema.

Se partirmos do pressuposto de que as redes têm um papel a desempenhar no que diz respeito ao fim da pobreza no mundo, podemos afirmar que a educação não poderia ficar de fora deste processo de enredamento em favor do bem público para que as pessoas sejam participantes dos processos de mudança e que possam desfrutar das mesmas.

Redes digitais, educação popular e fim da pobreza.

Se a escola, como espaço educacional oficial não favorece a discussão de temas relevantes do ponto de vista social, especialmente daqueles que digam respeito a mudanças sociais estruturais, a Educação Popular pode exercer um papel importante nesse âmbito.

Para quem trabalha com a Educação Popular, pautada em princípios como a igualdade e a solidariedade, o fim da pobreza sempre foi tema de estudo para sustentar a luta por mudanças sociais, com participação daqueles que necessitam de mudança. Assim, as redes são fundamentais, tanto em relação ao tema propriamente dito quanto às possibilidades de sucesso em suas ações, a partir do enredamento entre pessoas e instituições que trabalham em causas comuns.

Tendo como base teórica os estudos de Paulo Freire, um dos princípios da educação popular é desencadear processos educativos a partir da realidade dos oprimidos. Como consequência desse princípio, é necessário propiciar que os setores populares possam se apropriar de ferramentas teóricas que possibilitem conhecer a realidade social e nela interferir. Para tanto, a educação popular tem que cuidar da linguagem, para que esta expresse os interesses populares e que também facilite a comunicação das pessoas, tendo em vista a afirmação e defesa de seus interesses.

Neste sentido, as ferramentas presentes nas redes digitais e a linguagem das mesmas devem facilitar que as pessoas oriundas dos setores populares possam se apropriar tanto dos recursos oferecidos, como também interagir com as pessoas em nível local, mas ampliando seus horizontes de possibilidades de conhecimento com recursos e pessoas de outros espaços geográficos.

Em outras palavras, as redes digitais devem ser utilizadas para atender aos interesses populares e para propiciar o surgimento de uma “linguagem digital popular” que expresse seus interesses e contribuam para que se firmem como sujeitos de direitos. Essas redes podem ser instrumentalizadas para o serviço da educação popular e contribuir, desta forma, para que as pessoas passem pelo processo de transformação e se apropriem do conhecimento para transformar a realidade.

De certo modo, as redes digitais convergem com a educação popular em seus princípios fundamentais, especialmente quando se apresentam na horizontalidade quanto ao modelo de comunicação, sem hierarquização das relações de poder. Sendo assim, podemos pressupor que o trabalho com redes e, especialmente com redes digitais, está diretamente relacionado com a educação popular e esta, por sua vez, é afetada diretamente pelas redes.

Esta convergência traz alguns desafios para quem trabalha com educação popular:

1. *O acesso às redes digitais como direito*: possibilitar o acesso à conexão com redes digitais como serviço gratuito à população. Muitos municípios já oferecem este serviço. No entanto, em muitos deles, este acesso é limitado, restringindo-se a oferecer computadores e acesso à internet numa sala, em horário “comercial” de funcionamento e não atendem toda a população sem condições de pagar por este tipo de comunicação.
2. *O acesso às redes digitais enquanto possibilidade de comunicação virtual*. Considere-se que este pode ser um novo modo de se encontrar pessoas e instituições e trocar experiências em torno das lutas e conquistas sociais nas diferentes áreas. Para quem já tem acesso, individualmente há um avanço nas possibilidades de encontros virtuais com pessoas geograficamente distantes, acesso a ideias, reflexões e modos de viver via conteúdos de mensagens e fotos que compartilham em redes digitais, nas suas diferentes formas. Embora, de certa forma, neste tipo de comunicação seja possível expressar as ideias e ideologias subjacentes, o desafio que aqui se coloca é a comunicação formativa intencionalmente formativa, ou seja, um modo de lidar com esta nova linguagem, para se chegar a mais pessoas, grupos e instituições, sem perder a essência do que nos move na direção de se construir um mundo sem pobreza.
3. *Os conteúdos das redes digitais como possibilidade para formar pessoas numa perspectiva emancipatória*. Trata-se, de um lado, de estimular e fortalecer iniciativas oriundas dos meios populares, para que possam dar continuidade à luta por todos os seus

direitos e pelo fim das desigualdades sociais, com redistribuição da renda e mudança do modelo social atual, que exclui parte da população do acesso a bens e serviços que lhe deem condições de vida digna. Por outro lado, é fundamental criar demandas que levem a mudanças sociais, mesmo entre aqueles segmentos da sociedade não afetados diretamente pela pobreza, mas que podem ser aliados nas lutas pela transformação dessa realidade.

4. *As redes digitais como espaço de formação.* Utilizar as redes sociais para formar educadores populares como sujeitos ativos de mobilização e de transformação social. Transformar as redes digitais em força mobilizadora das diferentes redes em favor do fim da pobreza, mas ao mesmo tempo forjar lutas pelo fim da pobreza no mundo.
5. *As redes digitais como instrumento de divulgação de novos conhecimentos e formadora de novas concepções em favor de estruturas sociais mais justas.* Criar um enredamento de ideias e propostas concretas tanto em nível de formação teórica quanto de mobilização concreta para práticas que levem a mudanças sociais.
6. *Redes digitais como estratégia dentro da Metodologia da Educação Popular.* Utilizar-se da metodologia da educação popular nesta nova linguagem tecnológica, não apenas no sentido de como usar os recursos tecnológicos, mas de como afetar as pessoas com a mensagem desejada, especialmente os jovens, que dominam esta ferramenta. O desafio então, é encontrar estratégias, dentro da metodologia da educação popular, que considerem os saberes, os desejos, as possibilidades e os limites dos jovens, que nasceram na era digital, em processos educativos na perspectiva libertadora, emancipatória.

Não é possível que, enquanto grupos de profissionais de educação organizados, movimentos sociais e pastorais, sejamos indiferentes diante da miséria e da pobreza que se coloca à nossa frente. Não é possível que não nos incomode uma sociedade estruturalmente injusta, que naturaliza as diferenças sociais e favorece a poucos em detrimento de uma grande parte população, que vive em condições

sub-humanas no que diz respeito aos direitos básicos do homem/mulher do século XXI.

Assim, como educadores populares e formadores de educadores populares temos o compromisso de nos prepararmos para enfrentar estes desafios acima apresentados. Isto exigirá de nós muita criatividade, muito estudo acerca das novas tecnologias de comunicação e, especialmente, muita coragem para retomar a discussão em torno do tema pobreza, pois ela pressupõe a inclusão de outros temas no debate que envolve estudos sobre economia, teologia e política.

Acreditamos que a partir dos movimentos sociais e das pastorais populares, as redes digitais podem ser espaços para se desencadearem processos educativos e mobilizadores em favor do fim da pobreza mundo.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Elizabeth B.; ALMEIDA, Fernando José. Uma zona de conflitos e muitos interesses. In Série de Estudos Educação à Distância. Col. Salto para o futuro. *TV e informática na Educação*. Brasília, MEC, 1998.
- ASSMANN, Hugo. *Redes digitais e metamorfose do aprender*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRASIL. *Perfil sobre segurança alimentar no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- ROCHA, Sonia. *Pobreza no Brasil*. Afinal de que se trata? Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- SACHS, Jeffrey. *O fim da pobreza*. Como acabar com a miséria mundial nos próximos 20 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. Relato jornalístico da sua participação na Cátedra das Américas em março de 2006. Acessível em http://www.oas.org/OASpage/press_releases/press_release.asp?sCodigo=C-057/06, acessado em 20/06/06.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*. No loop da montanha-russa. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- TORRES, Rosa Maria. *Educação para todos: a tarefa por fazer*. Porto Alegre: Art-med, 2001.

6.
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2013
TEMA: FRATERNIDADE E JUVENTUDE
LEMA: "EIS-ME AQUI, ENVIA-ME!" (IS 6,8)
O PROTAGONISMO DOS JOVENS
NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Pe. Luiz Carlos Dias¹

Introdução

Diversas vezes ouvimos dos pais e educadores, dos ministros ordenados e dos agentes de pastoral a seguinte expressão: “Trabalhar com jovens é muito difícil!”. Esta frase deixa entrever uma série de desafios que devem ser enfrentados por aqueles que desejam evangelizar os jovens. Contudo, tais desafios não podem ser compreendidos como impossibilidade ou motivos para desistência do anúncio e do serviço aos jovens. Na verdade, eles requerem um esmerado esforço de nossa parte a fim de compreender o mundo juvenil e as profundas mudanças culturais que o envolvem.

Sabemos que a formação humana e a evangelização requerem um amor redobrado e este, por sua vez, requer conhecimento. Ninguém pode amar verdadeiramente o que não conhece bem (cf. I Jo 2,5-6). Por isso, o mundo juvenil antes de tudo, deve se apresentar a nós como uma fonte inesgotável de conhecimentos. E o conhecimento que daí se pode obter é sempre dialético.

Quando nos aproximamos dos jovens para conhecê-los, estamos simultaneamente conhecendo e reconhecendo a nós mesmos. Isto porque todos experimentam o que é a juventude como uma fase da evolução do ser humano e, como estado de espírito, ela permanece dentro de nós como

¹ Pe. Luiz Carlos Dias pertence ao clero da Diocese de São João da Boa Vista, onde trabalhou na formação sacerdotal e outras pastorais. Fez a graduação dos cursos de Filosofia e de Teologia no CEARP em Ribeirão Preto SP e Mestrado em Filosofia na PUG, em Roma. Atualmente, exerce o cargo de Secretário Executivo Nacional da CF e CE, na CNBB.

força geradora de vida e esperança. E quanta coisa bonita nos ensinam os jovens com o seu potencial e variedade de talentos!

Neste sentido, a Igreja no Brasil, com a Campanha da Fraternidade 2013, deseja oferecer uma sincera *acolhida aos jovens propiciando caminhos para seu protagonismo no seguimento de Jesus Cristo, na vivência eclesial e na construção de uma sociedade fraterna fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz*. Do objetivo geral, se desdobram três objetivos específicos:

- *Propiciar aos jovens um encontro pessoal com Jesus Cristo a fim de contribuir para sua vocação de discípulo missionário e para a elaboração de seu projeto pessoal de vida;*
- *possibilitar aos jovens uma participação ativa na comunidade eclesial, que lhes seja apoio e sustento em sua caminhada, para que eles possam contribuir com seus dons e talentos;*
- *e sensibilizar os jovens para serem agentes transformadores da sociedade, protagonistas da civilização do amor e do bem comum.*

A Igreja possui uma longa caminhada de experiências com a juventude. Basta recordamos os movimentos ligados à Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JOC, JIC e JUC). Como grande educadora e “mestra em humanidades”, a Igreja sempre fomentou e apoiou as iniciativas de formação juvenil e defendeu a dignidade e a importância do jovem. É a partir deste imenso acúmulo de experiências e conhecimentos, que a Igreja quer falar ao coração de cada jovem e convidá-lo a se abrir ao encontro pessoal e profundo com Jesus Cristo, que pode dar verdadeiro significado à nossa existência.

Mas a Igreja, “peregrina no mundo”, também reconhece e valoriza as diversas iniciativas em favor da promoção da vida, da dignidade e da formação humana. Ela também dirige um apelo fraterno para as diversas confissões religiosas, instituições estatais, organizações autônomas, e todas as pessoas de boa vontade a unir forças na valorização, reconhecimento e formação da juventude.

Também não podemos nos esquecer de que toda e qualquer realidade pode ser evangelizada. A nossa fé nos impele a este anúncio, pois “o amor de Cristo é que nos impulsiona” (II Cor 5, 14). É o Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, que infunde em nós um autêntico desejo

missionário de fazer Cristo conhecido, amado e adorado. Por isso, “sem perdermos a coragem e renovando o nosso ser interior a cada dia” (II Cor 4, 16), devemos à luz da fé nos esforçar para compreender o mundo atual e o fenômeno juvenil, nos servindo também das ciências modernas, sobretudo das ciências sociais, e aprofundando as questões que se nos impõem. Sob a guia da Sagrada Escritura e do Magistério, somos chamados a oferecer linhas e pistas de ação que contribuam eficazmente para o serviço do Evangelho.

Para que este desejo se realize de modo eficaz, a Igreja no Brasil se vê empenhada nesta tarefa e conclama especialmente o seu clero, os religiosos, os seminaristas, os catequistas e agentes pastorais a assumirem com o coração a *opção preferencial pelos jovens e pelos pobres*, para que resplandeça cada vez mais num mundo dilacerado por discórdias, a luz de Cristo Ressuscitado, Senhor da História.

Tendo como embasamento o Texto Base da Campanha da Fraternidade 2013, cujo tema é “Fraternidade e Juventude” e lema “Eis-me aqui, envia-me!” (Is 6, 5), queremos com o presente estudo traçar algumas indicações e referências úteis às instâncias de formação juvenil. Desejamos também que os líderes sociais, pais e educadores se empenhem em aprofundá-las e encontrar caminhos para a efetivação dos direitos juvenis.

Este artigo se divide em três seções: na primeira, através de uma mediação sócio-analítica será apresentada *uma análise do fenômeno juvenil e sequencialmente a análise se estenderá a uma reflexão fundamentada na categoria de “protagonismo juvenil” na sociedade; na terceira seção, será abordada a mediação hermenêutica, que procurará julgar os dados da análise sócio-histórica a partir dos princípios da fé cristã, para que como mediação prática, sejam delineadas algumas indicações importantes às ações pastorais, a fim de fomentar também o protagonismo jovem nas comunidades eclesiais.*

O “fenômeno juvenil”

A constituição histórica do segmento adolescente-juvenil

A abordagem do fenômeno da adolescência-juventude conduz à percepção de que esta realidade não é uma constante antropológica, mas

uma categoria histórica. A história testemunha algumas manifestações pontuais do que entendemos como adolescência-juventude.

Essa perspectiva pode ser entendida do seguinte modo: *“Na concepção das sociedades clássicas greco-romanas, a juventude se referia a uma idade entre os 22 e os 40 anos. Juvenis vem de aeoum, cujo significado etimológico é “aquele que está em plena força da idade”. Naquela cultura, a deusa grega Juventa era evocada justamente nas cerimônias do dia em que os mancebos (adolescentes) trocavam a roupa simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito”*. Nesse sentido, nas sociedades antigas eram comuns ritos de iniciação, religiosos e sociais, que simbolizavam a passagem da criança para o estado adulto. Atualmente, não há um consenso acerca das idades que limitam a juventude.

A constituição de uma classe adolescente-juvenil do ponto de vista sociológico somente pôde ser identificada em meados do século XX. E tratou-se de um fenômeno de abrangência mundial, com ampla e importante incidência nas sociedades contemporâneas, pois a cultura juvenil adquiriu caráter central em nossa sociedade contemporânea.

Com a emergência das novas formas de marketing capitalista nos EUA, em meados da década de 1940, a categoria social “jovem” começou a ser explorada por publicitários e industriais, que compreenderam o poder de consumo dos adolescentes. Os jovens entraram no cenário das reflexões e se tornaram um público-alvo. O que também significava que eles tinham se transformado num grupo etário específico com rituais, direitos e exigências próprias.

A convergência de forças na década de 1960 viabilizou e concretizou o borbulhar de novas formas de subjetivação juvenil, que passou a se compreender e se colocar no mundo como sujeito de direitos e deveres. Os movimentos estudantis apresentavam-se organizados e bastante politizados em diversos países ocidentais. A juventude sentia-se impulsionada a manifestar seus desejos e anseios, procurando viver segundo suas próprias regras, situação que provocou grave conflito de gerações e a produção de novas maneiras de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, o Maio de 68 significou a independência da juventude da tutela do mundo adulto. Seu cotidiano, modificado por suas práticas juvenis, gerou novos modos de existência e a cultura juvenil das últimas

décadas. Nos EUA, *Woodstock* marcou a emergência da cultura *Hippie* numa luta pacífica contra o militarismo, o consumismo e a degradação ambiental. Este movimento ganhou força no Brasil nos anos 70, fazendo engrossar as fileiras daqueles que lutaram contra a ditadura militar e seu modelo repressor.

A cultura juvenil avançou em nossas sociedades ocidentais, impulsionada pelo mercado e a utilização no *marketing*, daquilo que os jovens gostam e fazem: sua música, suas roupas, sua estética, sua linguagem etc.

A juventude e suas abordagens

O reconhecimento da juventude como uma espécie de classe social produtora de uma cultura própria conferiu relevância a este segmento no contexto da sociedade. Logo, surgiram algumas perspectivas de abordagens desta realidade, sobressaindo duas em particular: etapa problemática e fase preparatória para a vida.

A leitura da juventude sob o viés de etapa problemática associa o estrato juvenil da sociedade à ideia de liberdade, prazer, energia inesgotável, agitação, adrenalina, drogadição, comportamentos exóticos, de risco ou sem limites. Entende que o ser humano vive o período da juventude como um tempo de experimentações, que associadas à irresponsabilidade, rebeldia e contestação, tornam este momento propício a inúmeros erros.

A compreensão da juventude como fase preparatória, se inscreve no que os estudiosos denominam de moratória social. Esta moratória implica esforços da família e da escola na preparação dos jovens, para a vida adulta e integração no convívio social e produtivo. Nesta ótica, após a preparação juvenil, caberia aos jovens assumir papéis da vida adulta percorrendo etapas: trabalhador, chefe de família, pai/mãe.

Abordagem típica de um período que passava às pessoas a sensação de uma realidade estável e, esta projetava um processo evolutivo ideal e linear para o ser humano: primeiramente, o processo de formação escolar; em seguida viriam paulatinamente as primeiras experiências afetivo-sexuais, a posterior entrada no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, casamento e domicílio próprio. Chegando a este último ponto, alcançaria a estabilidade de vida, que nossa época de mudanças deixou para trás.

Todas estas definições são produtos culturais e podem incorrer em contradições que se fazem presentes na história. Por isso, ao generalizar, incorre-se no perigo do esquecimento de elementos diferenciadores no universo das juventudes, e as projeções podem ser tanto positivas como negativas. Diante disso, alguns mitos nasceram na concepção de juventude:

- *Mito da juventude dourada* – liga a juventude com o tempo livre, o ócio, o cultivo do corpo, beneficiário da “moratória social”. Os jovens são entendidos como despreocupados e só se mobilizam segundo seus próprios interesses. Esta visão se encontra nos meios de comunicação, os quais comercializam a “juvenização”.
- *Mito da juventude cinza* – entende que os jovens de hoje seriam depositários dos males da sociedade como: competitividade, lógica do lucro, do cinismo, do espetáculo. Também: suspeitos, especialmente os jovens das periferias; politicamente apáticos; seres virtuais, sempre navegando e isolados do mundo e de seus problemas e injustiças.
- *Mito da juventude branca* – menos antropocêntricos, estes jovens seriam visto como personagens maravilhosos e puros, portadores da salvação ao mundo, como em relação à sustentabilidade socioambiental. Estes jovens saberiam contornar problemas que seus pais não foram capazes de resolver como a desigualdade social e o predomínio do racionalismo, sabendo conjugar ética e estética.

A juventude e a sociedade

2.1 O impacto da mudança de época

O Texto Base da CF 2013 chama a atenção para a necessária compreensão do contexto atual, que é uma “mudança de época”. Esta mudança está marcada pelas transformações socioculturais que rompem com os paradigmas tradicionais, que até então estruturavam a cotidianidade das pessoas.

Os principais conceitos que fundamentavam a visão de mundo sofreram profundas modificações, chegando mesmo a suscitar certo desorientamento nas pessoas. Esta mudança de paradigmas é acompanhada do

acelerado desenvolvimento das tecnologias e da ciência. Neste quadro, a visão teocêntrica e o universo da fé foram relegados ao campo da *privacy* (*vida privada*), consideradas como estágio infantil da evolução humana.

As novidades trazidas pela revolução tecnológica imprimiram nas pessoas uma nova maneira de ser, o individualismo ganhou forma, a lógica do consumo e a ética utilitarista tornaram-se a base de uma sociedade, que não obstante tanto progresso se viu cada vez mais mergulhada em profundas crises existenciais. A título de exemplo, serve-nos as consequências das grandes guerras mundiais, dos sistemas totalitários, e do abismo na sociedade entre uma pequena parte rica e privilegiada e uma parte miserável e oprimida.

O Documento de Aparecida alerta a Igreja da América Latina e do Caribe a respeito da causa e consequência mais grave desta mudança: “*Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus*”. Neste quadro, é evidente que uma inevitável crise de sentido atordoa as pessoas, destruindo suas relações comunitárias e afetivas. A família e a juventude são os grupos mais vulneráveis atingidos por essa crise.

2.2. *A busca do sagrado, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso*

Contudo, o Texto Base da CF 2013, recorda que, não obstante os perigos para a edificação da vida humana, essas mudanças culturais têm aspectos positivos, pois são capazes também de produzir elementos que se revertem em vida. Um deles é a valorização da pessoa, da sua consciência e experiências vitais. A diversidade cultural e a interação entre as culturas é uma das conquistas mais significativas do tempo presente, uma vez que evitam o perigo do fechamento e dos fundamentalismos.

“O avanço tecnológico não impede uma atitude de fé. Os integrantes da geração internet não parecem dispostos a abandonar a fé; eles acreditam em Deus e buscam o sagrado. Gostam das atividades religiosas que valorizam o afetivo e o simbólico, que levam à experiência de vida, ao senso de aventura, de originalidade, de experiência com o mistério. Para esses jovens, o retorno ao simbólico e ao afetivo não significa negação da racionalidade”.

Neste contexto, vemos surgir a uma nova busca pelo sagrado. É verdade que esta busca é marcada por ambiguidade, uma vez que vem caracterizada pela busca desenfreada de emoções, pela satisfação momentânea, pela lógica do consumo.

De outro lado, há também um grande número de jovens que descobriram na espiritualidade uma resposta saudável para seus anseios e estão engajados plenamente na vida pastoral de suas comunidades, tanto na Igreja Católica quanto nas diversas confissões religiosas presentes na sociedade brasileira. E isto, é uma grande motivação para o contínuo diálogo entre os diferentes credos, a fim de promover uma autêntica experiência espiritual que tenha efeitos concretos na vida prática das pessoas, na construção do bem comum. Convidamos fraternalmente as confissões religiosas a aprofundar a importância do protagonismo juvenil e suscitar espaços em suas comunidades para que os jovens desenvolvam sua capacidade de abertura e acolhida a iluminação da fé.

A promoção do ecumenismo e do diálogo inter-religioso são realidades reafirmadas pelo Texto Base da CF 2013. Fundamentados no princípio de liberdade religiosa estabelecido pelo Concílio Vaticano II, constituem um caminho que vai do respeito à fraternidade, do diálogo à comunhão. Uma abertura e compreensão do fenômeno religioso são fundamentais às confissões religiosas para exercerem o seu papel na sociedade, também como instâncias promotoras da paz e da reconciliação universal.

Hoje é imprescindível que nossos jovens sejam formados na perspectiva da abertura religiosa, do diálogo e do respeito fraterno entre os diferentes credos. Na mesma família, na mesma classe escolar, em diversos ambientes sociais, podem e devem saber conviver uns com os outros, defendendo os direitos universais da pessoa humana, confessando a sua fé e respeitando as de outrem.

2.3. A juventude e as desigualdades sociais

O segmento que a sociedade classifica como juventude apresenta uma faixa etária comum e compartilha comportamentos e desejos semelhantes. Mas as condições de vida oferecidas aos jovens são desiguais.

Situações socioeconômicas específicas como a renda familiar e o nível de desenvolvimento do local onde vivem são determinantes para as

oportunidades concedidas aos jovens e, às suas possibilidades futuras. Ali muitos deles vivem práticas discriminatórias e preconceitos ainda vigentes, tais como diferentes exigências advindas dos papéis/lugares que homens/mulheres ou indivíduos pertencentes a grupos raciais distintos tradicionalmente ocuparam na sociedade. O Texto Base da CF 2013, ainda elenca uma série de desigualdades no âmbito social, tais como as desigualdades por renda, por diferente ocupação dos espaços urbanos, no ensino básico e médio e nas universidades, por raça e cultura.

A desigualdade no universo juvenil é uma das realidades que justificam a expressão “juventudes”, que se tornou usual, pois aponta para a diversidade de situações e demandas próprias dos jovens, mesmo que partilhem certas experiências comuns.

2.4 Juventude e a efetivação dos direitos

Diante das atitudes de exclusão, preconceito e opressão, “a juventude se organiza em juventudes”, para buscar a igualdade de condições, com a valorização da diferença, que é essencial para a manutenção dos direitos de forma plena e libertadora. O grande desafio é a sociedade como um todo perceber que as juventudes, como sujeitos de direitos, devem ser protagonistas na promoção e recepção das políticas públicas e no fomento de uma espiritualidade fraterna e coerente.

Mundialmente, as juventudes estão se reafirmando enquanto sujeitos de direitos, com um movimento de contraponto aos modelos sociais e econômicos estabelecidos e propondo a necessidade de uma nova ordem. Vão às ruas, as praças, ocupam espaços políticos, redes virtuais e a mídia. Acontece na Grécia, na Espanha, no Chile, no mundo Árabe um grande movimento de inquietação contra a opressão e a tirania.

E no Brasil? Eis um bom momento nos para somarmos a este coro, e deixar com que brilhe o rosto dos jovens que querem mais vida, especialmente diante de um contexto marcado por situações violentas, que vitimam inúmeros jovens e reduzem suas possibilidades no horizonte futuro.

O Texto Base da CF 2013 relembra que com o debate estimulado e a participação de jovens na formulação das políticas sociais, desde a década de 80, no Brasil, a implementação e gestão das políticas públicas avançou

muito. Alerta, contudo, “*que é necessário aprofundar e qualificar melhor o trabalho no que diz respeito principalmente à efetivação das políticas públicas formuladas nos espaços de participação, como as duas Conferências Nacionais de Juventude que aconteceram em 2008 e 2011*”.

2.5 O impacto das novas mídias no ambiente sociocultural

A tecnociência, sobretudo nas áreas: da informática, das telecomunicações e da biotecnologia, teve uma influência significativa no processo de transformação pelo qual passaram vários conceitos que ao longo do tempo pareciam firmemente estabelecidos. Essas mutações trazem consigo ambiguidades nos conceitos e estas, por sua vez, são responsáveis pela crise de muitas instituições que tradicionalmente delineavam papéis sociais e comportamentos, como a família, a escola e Igreja. Vemos despontar um novo tipo de sociedade, multicultural, mais dinâmica, mais globalizada, com maior acesso à informação, com o sentimento de que o planeta é a “casa de todos” e totalmente dependente das tecnologias digitais.

A tecnologia da informação e as telecomunicações avançam hoje num patamar nunca antes imaginado, novas tecnologias tornam-se obsoletas em pouquíssimo tempo. A capacidade de armazenar e transmitir informações torna-se maior, a cada dia, equipamentos multifuncionais e de grande mobilidade tornam-se mais populares e acessíveis a uma camada maior da população.

Contexto em que, de todos os grupos sociais, a juventude é quem primeiro aparece intrinsecamente ligada às novas tecnologias. A juventude é o segmento com maior propensão a fazer uso da informática e das telecomunicações, a apropriar-se das suas vastas possibilidades, a promover novas utilizações, a levá-las à obsolescência ou recriá-las segundo novas necessidades.

2.6 A cultura midiática

Fator importante para a compreensão do universo dos jovens na atualidade é a cultura midiática, “*processo comunicacional que se realiza por meio dos chamados Meios de Comunicação de Massa (Mass Media), jornais, revistas, rádio, televisão, internet, instrumentos utilizados para comunicar, ao mesmo tempo, uma mensagem a um número maior de pessoas*”. Os jovens se

constituem no segmento social mais adaptado ao manuseio desta tecnologia, interagem por meio destes instrumentos tecnológicos e pela internet estabelecem redes, cada vez mais importantes no universo juvenil, pelas quais além de relacionarem-se com outras pessoas, protagonizam ações de várias naturezas, como sociais e políticas.

As redes sociais se constituem em nova ambiência midiática, na qual os jovens interagem entre si com uma linguagem própria e são ouvidos, vistos, considerados. Esta comunicação é geradora de vida e a *“interação entre as pessoas e a formação de grupos de afinidade possibilitam uma grande porta de acesso a todos, mas especialmente aos jovens, que têm construído suas relações a partir desses meios”*. No entanto, não podemos deixar de considerar os riscos da interação virtual, muitas vezes frágeis e superficiais. A melhor forma de comunicação e de interação é a presencial. O face a face entre pessoas não pode ser abandonado, dado que possibilita um compartilhamento mais significativo e gerador de compromissos. A eticidade nasce da autêntica alteridade, do encontro com o outro e de suas interpelações. É preciso proporcionar a esta geração hiperconectada a possibilidade de conexões pessoais duradouras e resistentes às crises.

2.7 *Um novo modo de relacionar-se*

Desta forma, surgem rapidamente novos comportamentos, tendências, estilos de vida e expressões de subjetividade e torna-se cada vez mais difícil, prever a maneira de se comportar dos jovens e dos seus grupos. *“Eles querem ser autores e participantes dos processos de relacionamento. Em virtude disso, cada vez mais, as pessoas, as empresas, as escolas têm deixado modelos hierarquizados, funcionalistas, para valorizar o ser humano, a gestão do conhecimento, a criatividade, a originalidade e o talento associados ao respeito, à individualidade e à busca da qualidade de vida, da valorização de si, do próprio corpo, do tempo livre, da afetividade, da família”*.

2.8 *As novas gerações diante da sociedade*

Atualmente, os jovens dominam as relações de interatividade pelos novos meios de comunicação, o que lhes confere poder em vários ambientes, nos quais podem impor algumas mudanças. Em grande parte

das famílias, as novas gerações se auto afirmam perante as mais velhas pelo domínio da tecnologia e pelo conhecimento que adquirem. Este fato pode gerar isolamento dos jovens em uma família, mas pode propiciar manter laços quando distantes.

Esta tecnologia introduz modificações no modo do aprendizado, a interatividade abre nova perspectiva para pesquisas e contribui para se adquirir o conhecimento, possibilitando aos estudantes serem coagentes do processo.

Naturalmente, a ampliação da conexão, leva ao contato instantâneo com o mundo todo, pois se partilham acontecimentos relevantes ocorridos em todas as partes do globo. Esse tipo de contato instiga a uma abertura ao mundo com atitude de solidariedade, pois as redes de comunicação propiciam maneiras de inserção e contribuição efetiva em campanhas com diversificados objetivos.

Esse modo de inserção nas dinâmicas sociais com a amplitude que ocorre, convida a atitudes mais críticas sobre os acontecimentos e temas discutidos. Assim, os jovens mediante as intensas interações proporcionadas pelos meios de comunicação e novas ambiências midiáticas protagonizam mudanças importantes em várias dimensões da sociedade e, por estes meios, têm oportunidades de atuarem de modo efetivos e edificador.

2.9 As formas de associação juvenis

As condições de vida enfrentadas pelas juventudes lhes impõe uma série de dificuldades: na aquisição de uma formação adequada na inserção no mundo do trabalho; nas relações afetivas, com a fragmentação do núcleo familiar. São os mais afetados pela violência; pelo acesso limitado aos bens culturais da sociedade, não são contemplados com as devidas políticas públicas.

Primeiramente, está claro que, apesar dos avanços socioeconômicos dos últimos anos, alavancados pela estabilidade econômica, relativo crescimento e programas sociais do governo, no Brasil ainda há gritantes carências sociais que afetam diretamente grande parte da população e diminuem o horizonte de milhões dentre aqueles que formam as juventudes brasileiras.

Os números atestam um processo de exclusão na sociedade, gerando condições desiguais para os jovens, o que praticamente lhes determina postos secundários ou irrelevantes no mercado de trabalho e nas relações sociopolíticas. O exercício da cidadania que se espera de cada um num ambiente democrático se vê ameaçado e, conseqüentemente, há um “empoderamento” dos direitos mediante ações autônomas e conscientes de forças alhures.

Existe uma lógica opressora no sistema-midiático-cultural, que gera uma cultura voltada para a dinâmica consumista do atual sistema de produção neoliberal. A cultura midiática explora a figura do jovem e suas qualidades como meio para sua finalidade comercial. Contribui para uma espécie de juvenização da cultura, mas por outro lado associa sua imagem à violência, o que não contribui para que as políticas públicas realmente sejam direcionadas para soluções de problemas reais das juventudes. O contato dos jovens com esta realidade ocorre desde muito cedo, nas relações familiares com reflexos na formação de sua subjetividade e identidade.

Esse contexto já introduziu modificações mesmo no que se entendia como juventude, tempo de preparação. Hoje as trajetórias das pessoas não primam pela linearidade. Alguns, logo cedo estão nas labutas pelo sustento assumindo trabalhos precários e pouco rentáveis. Outros, às voltas com relações afetivas que os conduzem a responsabilidades conjugais e paternas/maternas, para as quais não estão preparados e nem têm suporte financeiro e, assim, prolongam a permanência na casa dos pais. Desta forma, o que se entendia por juventude fica no passado.

Deste modo, vemos que estas profundas mudanças introduziram grandes dificuldades para as juventudes, muitas vezes desamparando-as, até mesmo pelas instituições que se incumbiam do cuidado dos jovens, como a família e o próprio Estado. Os jovens têm dificuldades de encontrar espaços para uma sadia sociabilidade e posterior inserção nas estruturas sociais. Nesse sentido, nem mesmo as escolas podem lhes garantir algo, pois a formação secundária não é mais garantia de emprego.

As juventudes se deparam com um futuro que aos seus olhos é cada vez mais incerto, indefinível e amedrontador. Por isso, se lançam na vivência do presente sem elaborar grandes projetos, a não ser o que indica

a expressão latina *carpe diem*. Este dado contribui para a compreensão dos altos índices de drogadição, alcoolismo, prostituição entre as juventudes. Na tentativa de conceituar este drama dos jovens, já se cunhou a expressão “presente estendido”. Lançar-se nas fruições do presente, é um modo que os jovens encontram para viverem em tempos de mudanças, fragmentação e insegurança.

Apesar destas deficiências nas dimensões constitutivas da personalidade e sociabilidade humana, muitos jovens demonstram grande vitalidade e motivação para com a vida. E nesse contexto de mudanças, fragmentação e subjetivismo, são encontradas várias formas associativas entre os jovens, pelos motivos: religiosos, culturais, ecológicos, acadêmicos, políticos, esportivos.

Muitos destes grupos estão engajados na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, e não raras vezes têm obtido resultados bem sucedidos. Por isso, Sociedade e Igreja não podem de forma alguma desconsiderar o preciso papel social destes grupos. Em conjunto com eles podem delinear princípios norteadores para que a luta e o protagonismo destes grupos sejam pautados pela aspiração ao bem comum e a uma vida mais digna e fraterna. Nesse sentido aprofundemos o significado de protagonismo nos dias de hoje.

2.10 O significado da palavra protagonista

A palavra protagonista em sua etimologia deriva do francês *protagoniste*, que, por sua vez provem do grego *prōtagōnistēs* com o significado de: “*que combate na primeira fila: o que desempenha o papel principal em uma peça teatral*”. No entanto, a palavra é composta por dois termos: *proto* se refere ao primeiro e, *agōnidzomai*, que “significa concorrer em jogos públicos, lutar, disputar o prêmio; combater”. Este termo deriva de *agōnōnos* ou “assembleia, reunião, assembleia para os jogos públicos; jogo, concurso, luta, combate; ação militar, batalha; luta judiciária, processo.

O vocábulo *agonia* refere-se à “luta nos jogos públicos: luta em geral”. Portanto, a palavra *protagonista* na sua etimologia refere-se ao principal competidor dos jogos públicos, o que supunha uma assembleia, uma reunião, luta judiciária ou processo. Assim, duas ideias interligadas formaram o termo protagonista: a de luta e a de espaço público, onde ocorriam

as disputas corporais ou verbais. No uso atual da palavra protagonismo, promove-se uma autêntica assepsia em relação ao significado original, pois se permaneceu a vertente do espaço público, e por consequência, a política, desapareceu a dimensão de luta (*agonia*).

2.11 O protagonismo em um contexto de mudanças e fragmentação

Diante do acima exposto, a grande maioria da população, sem grandes sonhos, decepcionada com o processo político e tomada pela impotência, passa a focar o que é possível dentro do seu horizonte de realização. Surge uma maneira de ser protagonista, a partir de realidades e causas imediatas e quantificáveis, em uma situação palpável. Procuram abraçar causas concretas, com um objetivo específico, ações determinadas e até o número de pessoas a serem atingidas. É o tipo de projeto que sensibiliza pessoas desacreditadas em projetos de grande envergadura, que fogem do raio de sua visão e domínio.

É um modelo que valoriza o ativismo privado, pois se trata de ações e projetos concebidos sem a tutela do Estado, ou às vezes em parceria. Este ativismo privado se baseia em projetos bem concretos, com resultados claros, em que as pessoas envolvidas trabalham como voluntárias, a não ser que a iniciativa cresça e exija uma estrutura de manutenção, normalmente dispendiosa, como alerta o Papa Bento XVI, ao referir-se aos organismos internacionais com grande aparato burocrático.

O voluntariado sempre existiu nas sociedades, motivado por causas que vão desde as religiosas até as políticas. No entanto, agora se reveste de uma curiosa característica, funde-se com a noção de cidadania. Esta nova modalidade de voluntariado, na sua junção com a cidadania, ganha em eficiência na realização de projetos de mudanças sociais pontuais, restritas. Dentro desta lógica, um agir amplo, capaz de realmente mudar a sociedade é substituído por um fazer algo.

O processo de anulação da política se completa pela obtenção de um consenso construído mediante um discurso. Este consenso não é construído por meio de um debate, mas por um processo de apropriação e incorporação de outros discursos, mediante a ressignificação dos termos e argumentos destoantes. Assim, forma-se um discurso capaz de se impor sutilmente às demais falas das diversas instâncias da sociedade, mesmo

àqueles que tentam divergir no todo ou em partes. Portanto, surge um âmbito de política pública sem o sadio debate, sem agonia, um dos significados que se encontram na origem da palavra protagonista.

Nessa “nova forma” de fazer política, não se protesta, mas se coopera, não se cria, mas executam-se os projetos criativamente. O conflito é apaziguado ou mesmo omitido pelo discurso consensual, que homogeneiza a sociedade e amortiza as diferenças entre as classes e assim procede com outras tensões sociopolíticas.

Assim, é pertinente às sociedades atuais o conceito de “sociedade dos indivíduos”, em que cada um, mesmo empenhado no “fazer” dos projetos voluntários, pensa a partir de interesses particulares, pensa que pode se estender ao seu grupo, jamais à sociedade como um todo.

2.12 O protagonismo juvenil na cultura atual

Nos dias de hoje, o protagonismo da maioria dos jovens nas diversas esferas em que vivem, ocorre a partir das novas ambiências de interação. O seu protagonismo passa pela conexão com outros jovens e com a esfera pública, quando se apresentam para cooperar, partilham o que pensam e mostram-se adaptados e habilitados para atuarem nessa sociedade global e complexa.

O Texto Base da CF 2013 valoriza o aspecto positivo desta inserção na vida digital: *“É comum entre os jovens a busca por experiências, o envolvimento e participação em atividades diversificadas. Eles se sentem motivados pelos desafios que esse novo universo comunicacional impõe. Nessa realidade, criam um novo modo de se relacionar e de assumir compromissos com a família, com a educação, com a sociedade, com a Igreja, com o ambiente”*.

3. A igreja e a juventude

3.1 O sentido da existência e o encontro pessoal com Jesus Cristo

A busca pelo sentido da vida é uma questão peculiar a todos os seres humanos nas mais diversas épocas da história, busca que se acirra em períodos de transformações como a atual. O jovem de hoje busca um sentido para sua vida, o que é pertinente e compreensível, pois uma crise de sentido marca nossa época. No entanto, para que essa afirmação seja

adequadamente compreendida, deve-se entender o sentido não como uma necessidade em meio a outras, como a econômica, a social ou cultural, mas como a questão primeira a ser enfrentada por toda pessoa em sua existência no mundo, o qual dirá que caminhos seguir na vida, quando e porque se sacrificar, quais os valores a defender, o que esperar da vida e o que buscar no outro.

Mas é necessário ressaltar que o sentido da vida não pode ser mais entendido como uma espécie de princípio *a priori*, ao qual se deve aderir por tradição ou imposição. Nem tampouco, uma construção, que cada um pode fazer como julgar mais cômodo ou adequado para si. O sentido da existência é uma descoberta que cada um deve fazer, em seu próprio contexto, em diálogo com sua própria tradição e na interação com as outras.

3.2 O Encontro com Jesus Cristo

A Igreja, fiel guardiã do *depositum fidei*, testemunha ao mundo, que em Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, está a resposta para o sentido da vida e da realidade última do ser humano.

Este é o grande tesouro da fé da Igreja, o encontro pessoal, não com dogmas e conceitos, mas encontro profundo e amoroso com a Pessoa mesma de Jesus Cristo, morto e ressuscitado por amor ao mundo. A inestimável graça que brota deste encontro a Igreja anuncia ao mundo e apresenta a cada jovem, para que, em Cristo descubra o modelo do homem perfeito, criado à imagem e semelhança de Deus mesmo, que tende para a beatitude eterna.

A comunidade cristã nasce de um encontro com o Ressuscitado, da opção pelo projeto de Jesus de Nazaré, da fraternidade que Ele nos compele. O Documento *Evangelização da Juventude* já preconizava isto: “*Ser cristão significa conhecer a pessoa de Jesus Cristo, fazer opção por Ele, unir-se a tantos outros que também o encontraram e, juntos, trabalhar pelo Reino e por uma nova sociedade*”.

3.3 A capacidade humana de abraçar o “mistério”

A contemporaneidade também é marcada por uma compreensão de razão que restringe sua atuação aos limites das fronteiras da realidade

material. Na modernidade a razão tem como incumbência maior produzir, com o auxílio da técnica e, não se aventura mais em investigações nos âmbitos axiológico ou religioso, o que reduz e empobrece o seu potencial.

Essa versão da razão procura ver o mundo de modo neutro, sem compromissos a não ser com os negócios e ganhos. Engendra o futuro nos laboratórios, distante da realidade concreta, com projeções para a sociedade e para as pessoas, mas não em função delas mesmas. Há um desajuste entre necessidade real e projeções laboratoriais. Esta razão instrumental a serviço da ciência não prima pela humanização.

O Papa Bento XVI tem abordado frequentemente este tema para além de um esforço apologético de defesa da fé perante os ataques da modernidade. Em seus ensinamentos tem mostrado a necessidade da expansão da razão e de seu salutar diálogo com a fé. Seu intento é o de exortar à expansão do alcance da reflexão racional, de modo a ultrapassar os limites instrumentais e recuperar a capacidade de abraçar o sentido amplo da realidade.

Esta capacidade confere ao jovem a possibilidade de ir além da reatividade ao ambiente ou da indiferença provocada pelo individualismo e pelo niilismo. A partir do juízo, ele pode descobrir o próprio rosto e identificar espaços que contribuam para a construção de sua humanidade e da sociedade.

3.4 A afetividade

O sistema econômico neoliberal, hegemônico nas economias industrializadas, submete o processo de produção a muitas cobranças e a uma árdua competição, o que se reproduz no mundo vital das pessoas. De forma que, o caminho para se alcançar a estabilidade e segurança também passa pela mesma dinâmica, o que faz a lógica da graça soar particularmente estranha no horizonte das relações entre as pessoas.

Desta forma, se apresenta como um grande desafio para a sociedade atual, redescobrir uma afetividade que não se restrinja à subjetividade do sujeito e, se estabeleça a partir do embate com as várias facetas da realidade. Superar o individualismo e a competição que tolhem da sociedade a possibilidade de relações de gratuidade, é fundamental para se acolher os valores que edificam e humanização todos os âmbitos das relações.

3.5 *O empenho na transformação da sociedade*

Neste tempo de profundas mudanças em que vivemos, as quais afetam o modo de ver a si mesmo, o mundo e o outro, o jovem é chamado a desenvolver uma consciência crítica e a construir espaços alternativos de vivência. Este é um caminho para que se geste o que pode vir a ser um horizonte possível para a sociedade e, um caminho alternativo viável para o advento de uma estruturação social mais justa e condizente com a dignidade das pessoas.

O jovem deve protagonizar ações solidárias e perceber que abraçar causas que requerem seu empenho, o enriquece e alegra. E, as interpelações são muitas, como as do universo juvenil, que clamam por inclusão social, pelo combate aos processos de marginalização e violência contra os próprios jovens. Diante disso, não podem permanecer indiferentes, quer numa vivência subjetiva fechada, quer num grupo de convivência igualmente fechado às interpelações da realidade e aos problemas que afetam as juventudes e a sociedade.

3.6 *A conversão pastoral e a opção preferencial pelos jovens*

A Campanha da Fraternidade 2013 quer apontar como a atitude mais fundamental para a práxis em favor do protagonismo juvenil, a conversão pastoral da Igreja aos jovens, está implícita na própria opção preferencial por eles. Entendida como “uma atitude de autoavaliação e de coragem para mudar as estruturas pastorais obsoletas da Igreja”, que nasce da responsabilidade da fé assumida diante de Deus mesmo, esta conversão não significa uma mudança externalista em razão de *markentig* da fé.

A conversão pastoral deseja superar o dualismo entre teoria da fé e práxis da fé, entre mudança pessoal e mudança social, entre conversão interior e conversão de aparência. A elaboração de um consistente instrumento teórico para a evangelização da juventude implica necessariamente na revisão dos métodos pastorais, da linguagem e da mediação dos novos instrumentos de comunicação social.

Acolher efetivamente os jovens e ouvi-los, abrir-se às suas propostas com sinceridade e responsabilidade, constituem etapas fundamentais desta conversão pastoral. E o Texto Base da CF 2013 conclama a isto

todo o corpo eclesial: Pastores, religiosos, seminaristas, catequistas, movimentos eclesiais e novas comunidades, os próprios jovens, “são convidados a se inserir profundamente nas estruturas dessa mudança de época, a encontrar novas linguagens para o anúncio do Evangelho, a testemunhar o amor de Jesus a cada jovem, a utilizar os recursos modernos de comunicação, das artes, dos esportes, enfim, tudo aquilo que possa ser útil e recomendável à consciência cristã”.

3.7 Repensar as atitudes e posturas pastorais

A partir destes pressupostos fundamentais, para as pistas de ação que possam gerar mudanças transformadoras no campo pastoral, seja em âmbito pessoal, social e eclesial, é justo, portanto, remeter a um aprofundamento das propostas do próprio Texto Base, que porta em si o sopro fluente do Espírito que ecoa na voz das comunidades da Igreja no Brasil.

Que esta Campanha ajude a favorecer os espaços e os momentos para um encontro pessoal com Jesus Cristo; oferecer a melhor catequese, que lance as bases da fé e introduza o jovem no mistério de Cristo e simultaneamente eduque para a criticidade, atitudes pastorais fundamentais para a acolhida e evangelização da juventude. Saibamos valorizar o Setor Juventude e os novos movimentos e comunidades, que são celeiros de vocações e verdadeiras escolas de discipulado.

Para isto, precisamos da coragem e da conversão pastoral para rever nossas posturas e instrumentos de anúncio. Quantas vezes nossos métodos e centros catequéticos são obsoletos e desintegrados das novas tecnologias que favoreçam o anúncio do Evangelho! E ainda, muitos dos nossos catequistas despojados de uma formação sólida que possa responder à demandas polêmicas ao próprio conteúdo de fé.

Em relação ao protagonismo jovem, temos de repensar se nossa abertura e acolhida aos jovens e às suas propostas têm sido efetivas. A história da Igreja nos mostra quantos jovens, em épocas diferentes, foram propulsores de mudanças importantíssimas no âmbito eclesial, contribuindo para uma renovação autêntica da comunidade cristã, tal como se deu em Francisco, o pobrezinho de Assis! *Caritas Christi urget nos!* (II Cor 5, 14), que Deus ilumine os nossos passos no caminho da

fraternidade em favor das juventudes e a Santa Virgem Maria de Aparecida nos ajude a responder também *fiat mihi voluntas tua*: “Faça-se em mim a tua vontade” (Lc 1, 38).

Conclusão

A Campanha da Fraternidade ao escolher o lema “Eis me aqui, envia-me!” (cf. Is 6,8) renova sua confiança nos jovens e crê que eles são capazes de responder com profundidade de vida aos mais nobres intentos que existem no coração humano, e como tais vindos de Deus mesmo.

Os inúmeros grupos juvenis presentes no seio da Igreja e que de forma maravilhosa se manifestam nos grandes eventos jovens da Igreja, como a Jornada Mundial de Juventude, são a maior prova concreta e motivação, nas quais nossas pastorais podem visualizar a força operante de Jesus Cristo no mundo de hoje.

Toda realidade pode ser evangelizada. O amor de Cristo nos compele sermos discípulos missionários da Palavra da vida que “nós vimos com nossos olhos e tocamos com nossas próprias mãos” (I Jo 1, 1). O jovem assumido como *locus teologicus*, isto é, *como lugar teológico*, onde Deus se revela por meio da intensidade de coração e potencialidade de carismas, torna-se um verdadeiro protagonista de uma autêntica ação missionária, capaz de despertar no coração dos homens e mulheres deste mundo o sentido mais profundo da existência humana.

A análise do contexto atual revela diversos desafios na concretização do protagonismo juvenil, tanto em âmbito social quanto eclesial. Somente uma abertura e acolhida efetiva dos jovens, que brotem de uma sincera e autêntica conversão pastoral e social, podem reconhecer a força do jovem como construtora de um mundo mais justo, fraterno e inspirado por uma espiritualidade fiel aos valores éticos e fundamentais do ser humano.

O Texto Base da CF 2013 quer ser o eco da voz do Espírito presente nas comunidades eclesiais da Igreja no Brasil. Ouvindo e proclamando “o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2, 7), ele conclama os ministros ordenados, os religiosos, os seminaristas, os catequistas, os líderes sociais, os pais e os educadores e os próprios jovens, a se empenharem na formação juvenil, no objetivo de construir uma nova sociedade, que tenha por base a fraternidade, o respeito às diferenças, a justiça e a paz.

No coração de cada jovem, através da Igreja, Jesus Cristo continua a bater, se este o escuta e lhe abre a porta, Ele entra e através de uma ceia amorosa resignifica a vida, a existência deste jovem (cf. Ap 3, 20). Da força deste verdadeiro encontro pessoal como o Ressuscitado, só pode brotar do coração do jovem e do ser humano em geral uma resposta de amor corajosa: “Eis me aqui, envia-me!” (cf. Is 6, 8).

Bibliografia

- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*.
CONCILIO VATICANO II, *Decreto Nostra Aetate*.
JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica “O Rápido desenvolvimento”*. Vaticano, 25 de janeiro de 2005.
PAPA BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, Brasília, Edições CNBB, 1ª Edição, 2009.
PAPA BENTO XVI, *Discurso aos jovens de Luanda*. 21 de março de 2009.
CELAM, *Conferência de Puebla*. Petrópolis, R. J. 1979.
CELAM, *Documento de Aparecida*.
CNBB, *Texto Base CF 2013*, Brasília, Edições CNBB, 1ª Edição, 2012.
CNBB, *Evangelização da juventude*. Brasília, Edições CNBB, 1ª Edição, 2007.
MORIN, E. *Cultura de Massas no século XX (Vol. II)*. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 3ª edição, 2009.
BEOZZO, J. O. e FRANCO, C. B, *Juventude: Caminhos para Outro Mundo Possível – Curso de Verão XXI*. São Paulo: Paulus-CESEP, 2007
BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. M.; OLIVEIRA, R. C. A. (Coords). *Jovens na cena metropolitana*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1ª Edição, 2009.
ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.
GILBERT, P. *A paciência de ser*. São Paulo, Editora Loyola, 2005.
HANNAH A., “*A Condição Humana*”, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001.
HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, objetiva, 2009.
CASTRO, J. A., AQUINO, L. M. C. e ANDRADE, C. C., *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Brasília, IPEA, 2009.
LECCARDI, C. *Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo*. In TEMPO SOCIAL, vol 17, nº 2, Nov., São Paulo: USP, 2005.
NOVAES, R. “*Juventude, juventudes – Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração*”, p. 3. <http://fictv.cultura.gov.br/wp-content/uploads/2008/12/juventude-juventudes.pdf>. Acesso em 08/06/2012.

Núcleo fé e cultura PUC-SP, coordenação – Francisco Borba Ribeiro Neto, *Observações para uma Campanha da Fraternidade com o tema juventude*. São Paulo, 2011.

SOUZA, R. M. *O discurso do protagonismo juvenil*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia da USP, São Paulo, 2006.